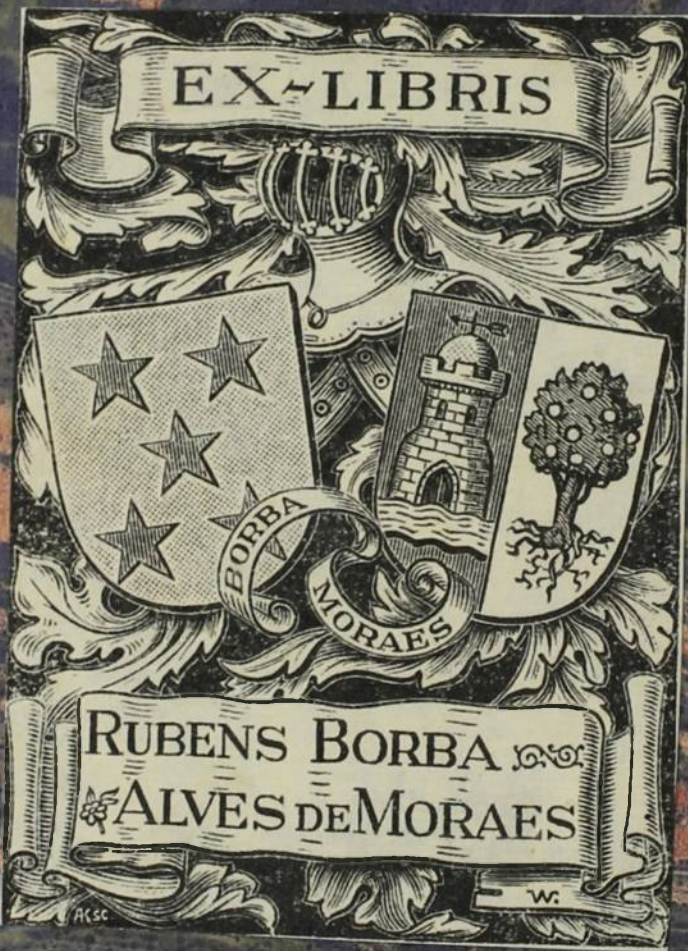


EX-LIBRIS



RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

MARTI-S-PAULO



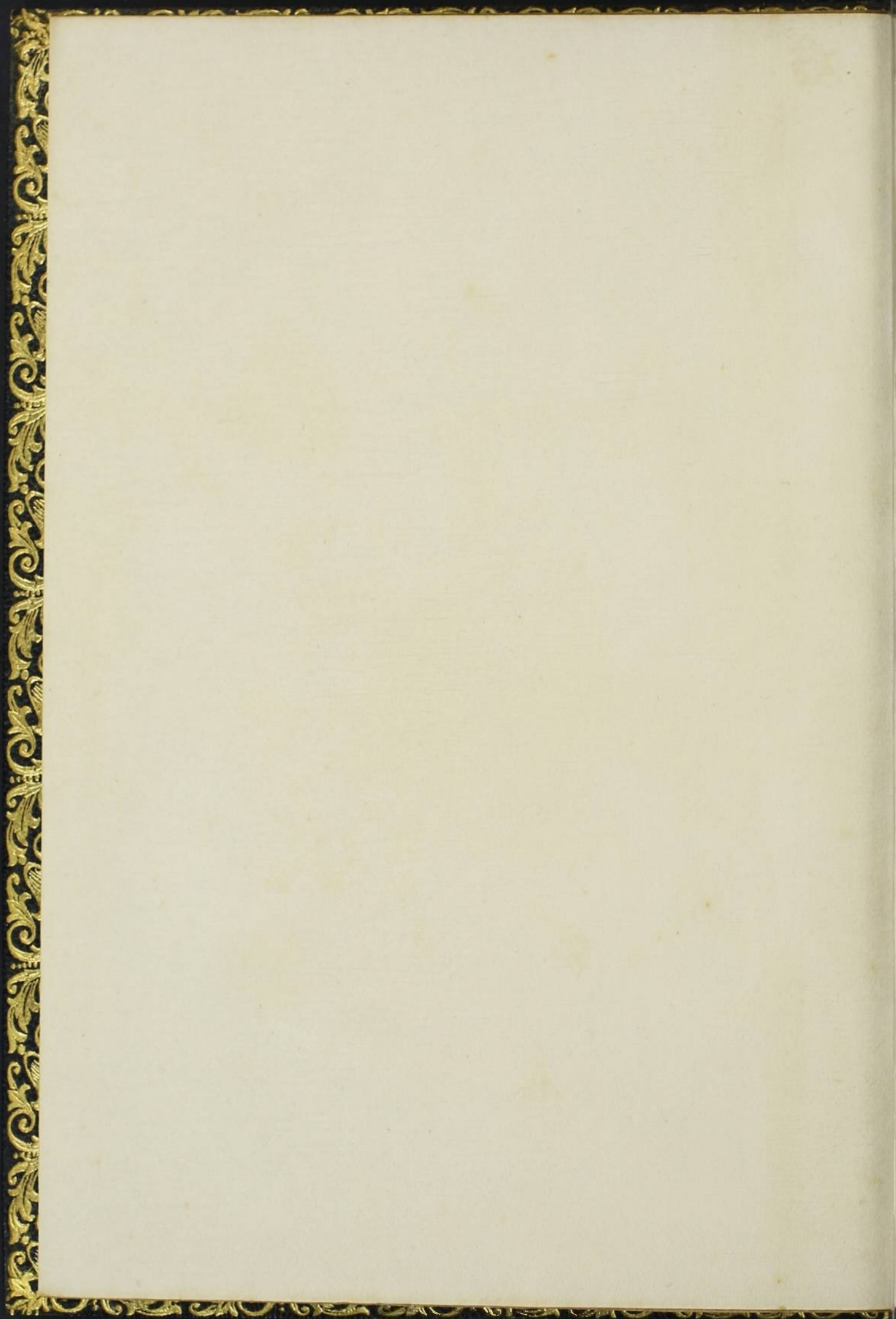


Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

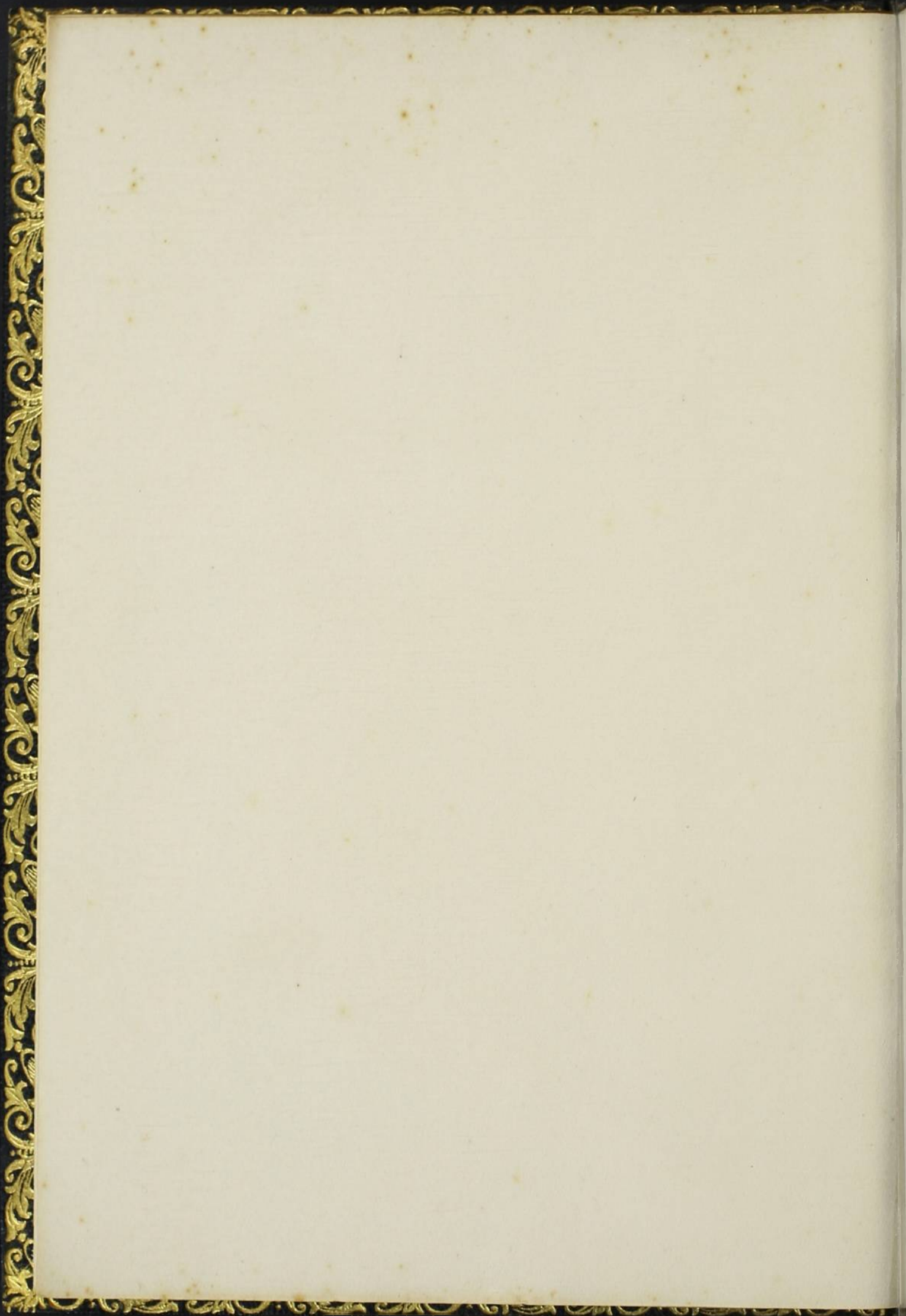








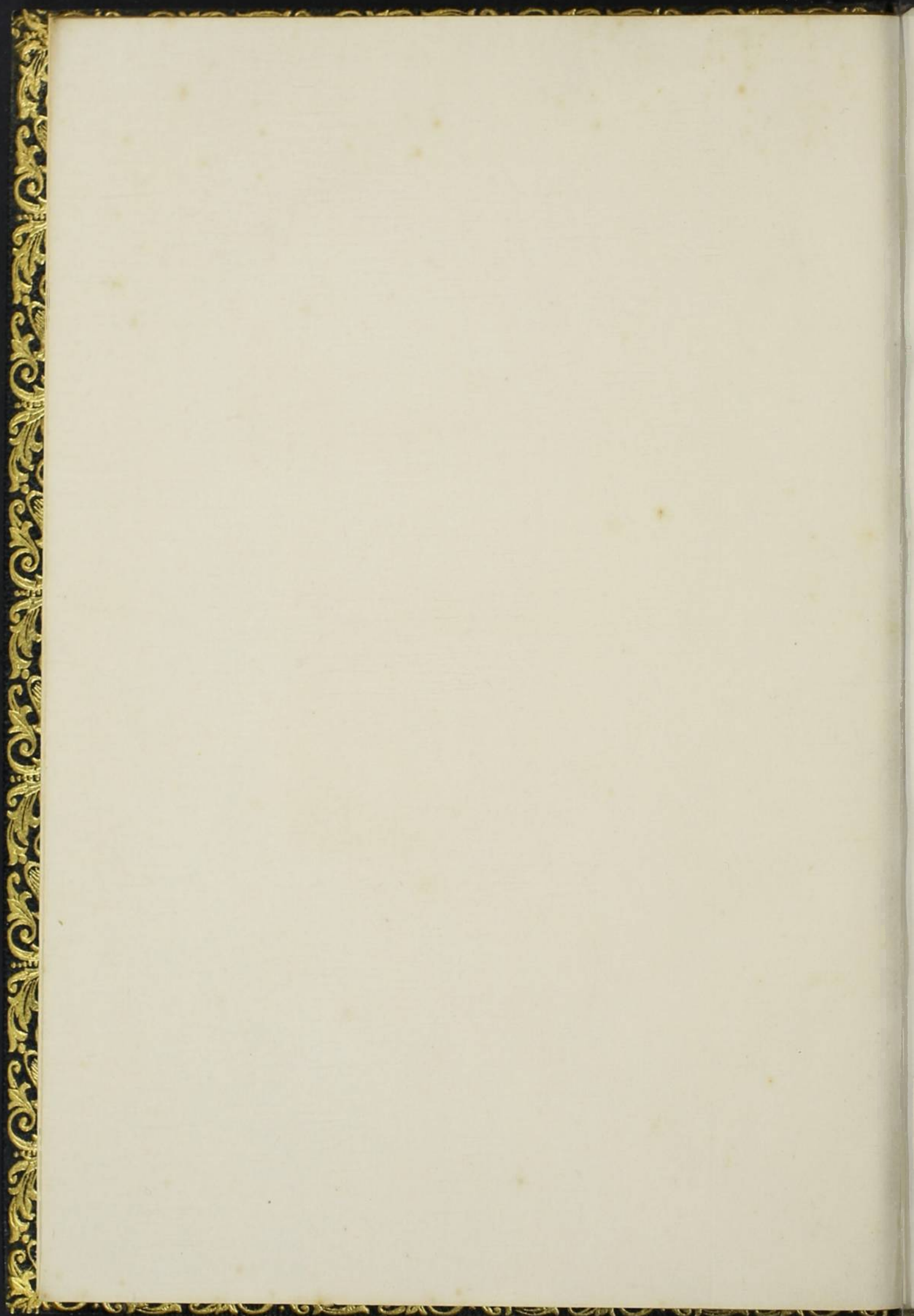








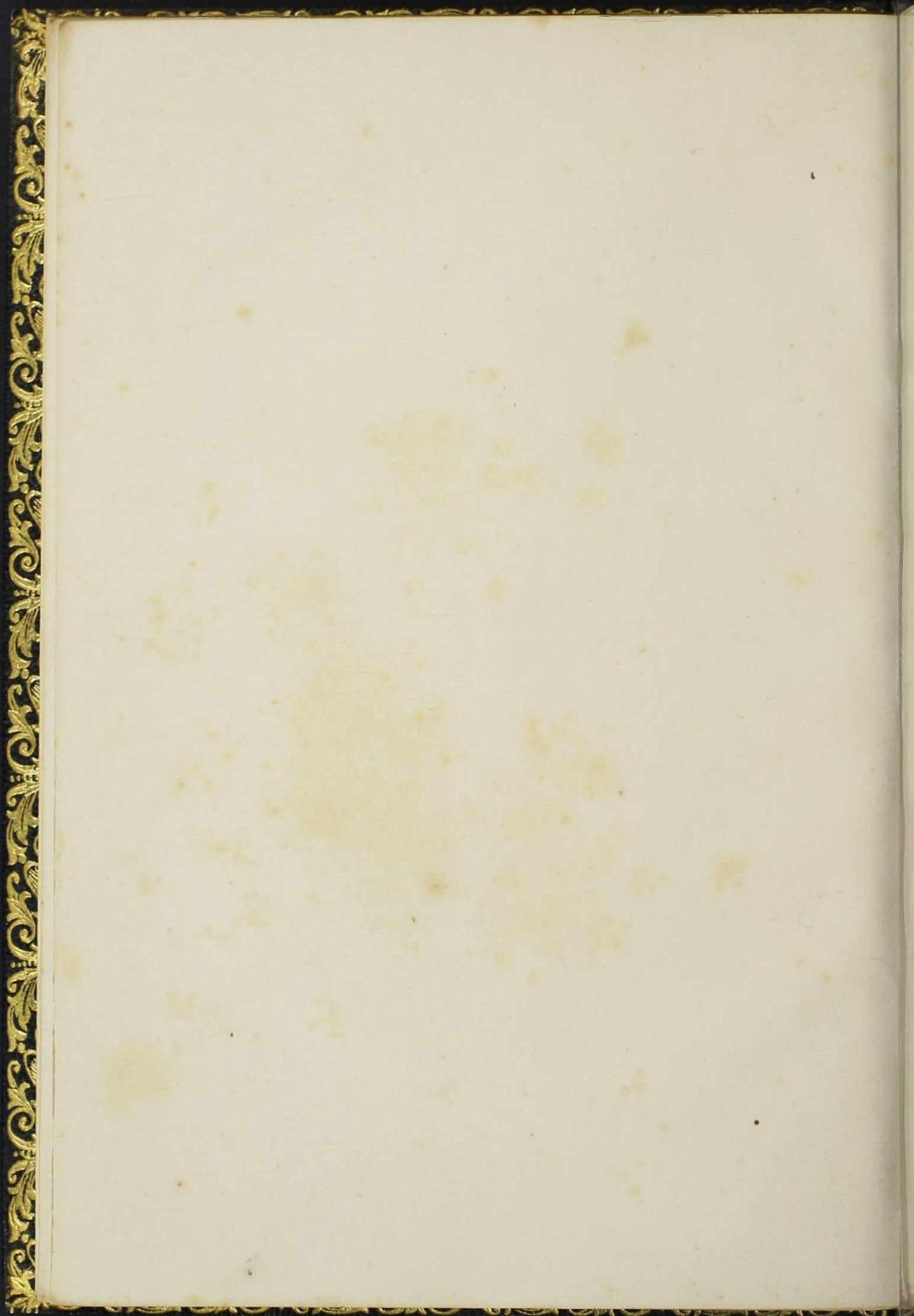










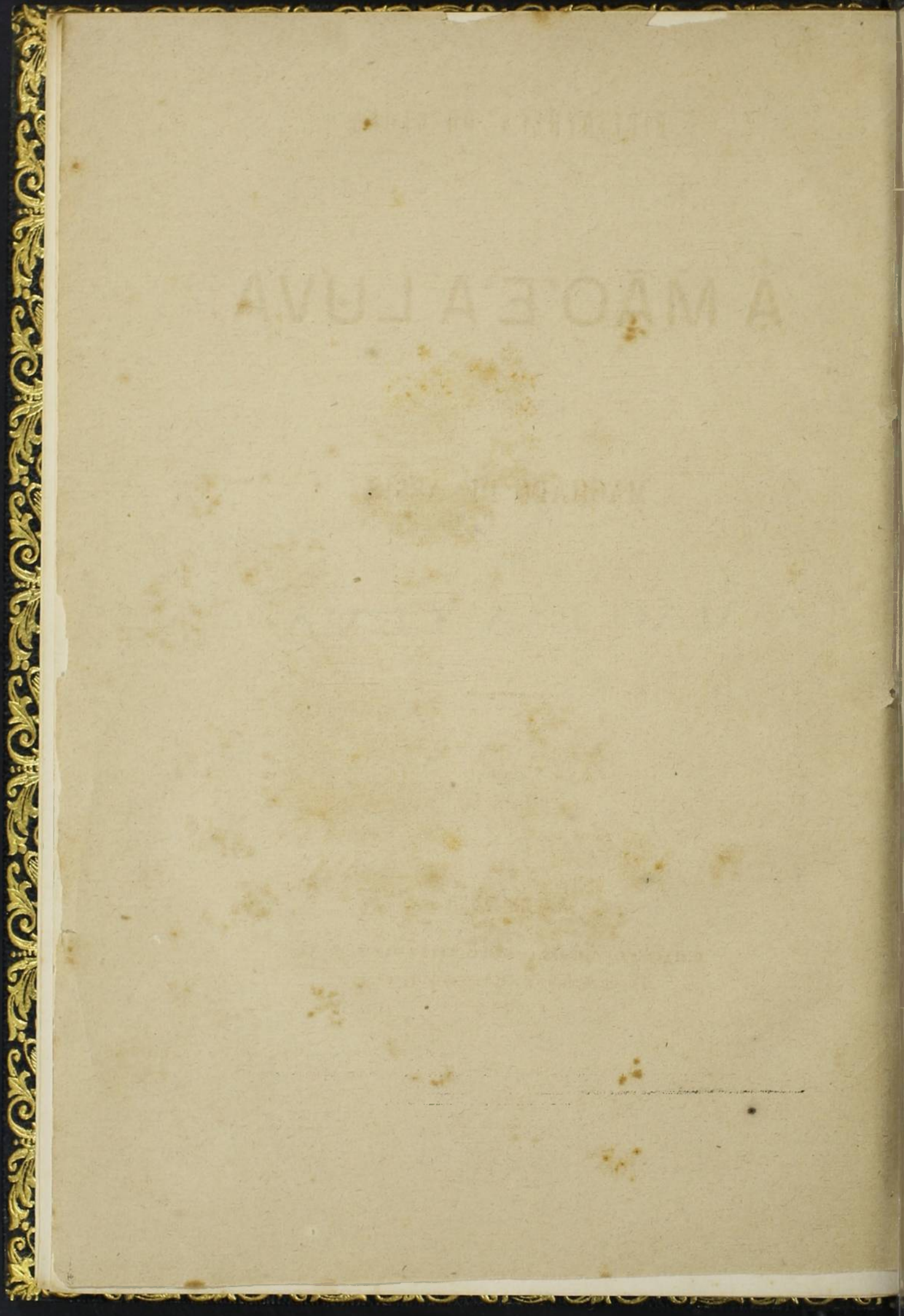




*Salvador de Almeida*

A MÃO E A LUVA







BIBLIOTHECA DO GLOBO

---

# A MÃO E A LUVA

POR

MACHADO DE ASSIS

RIO DE JANEIRO

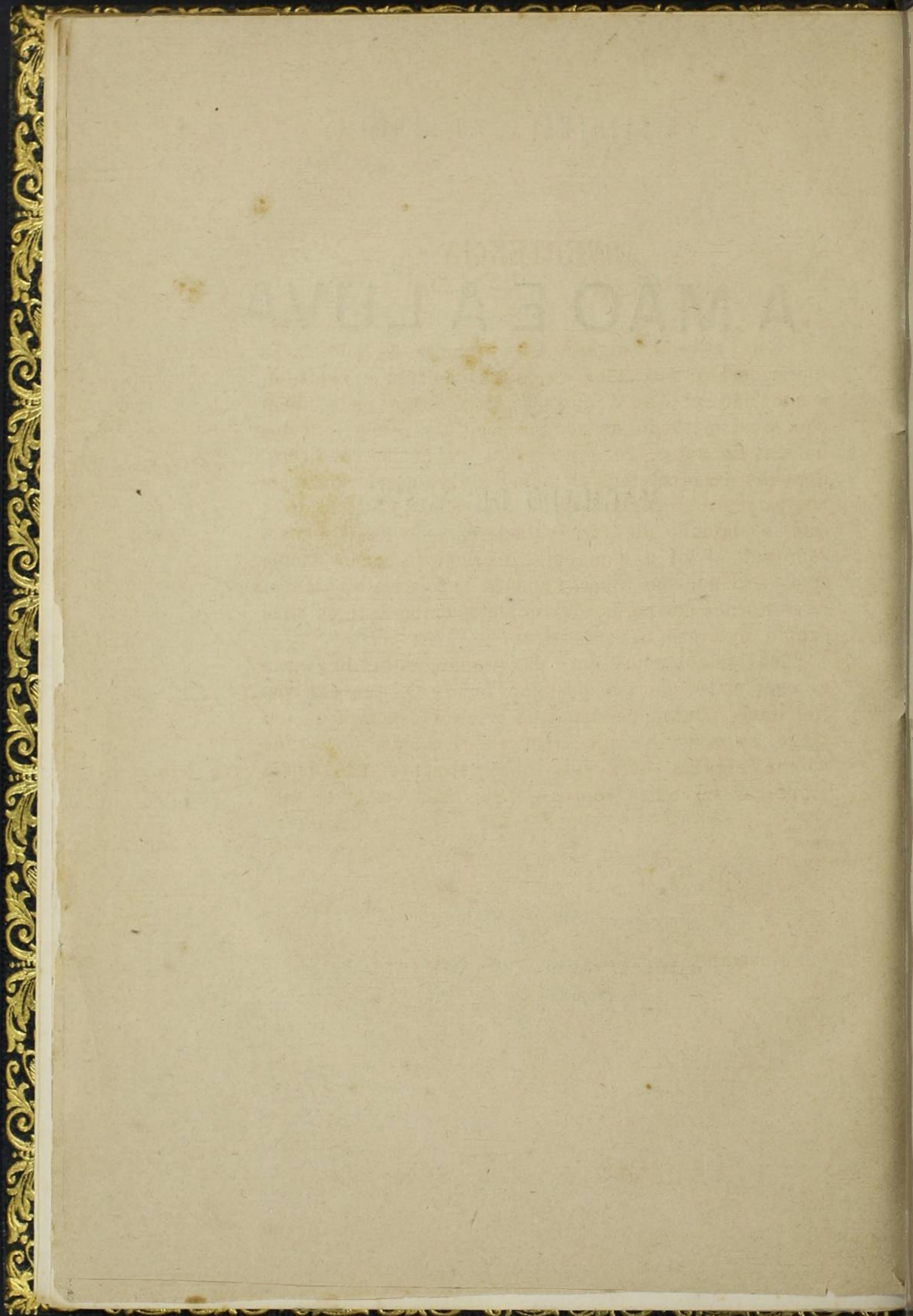
---

Editores, Gomes de Oliveira & C.

Typographia do GLOBO — Ourives, 51

1874







## ADVERTENCIA

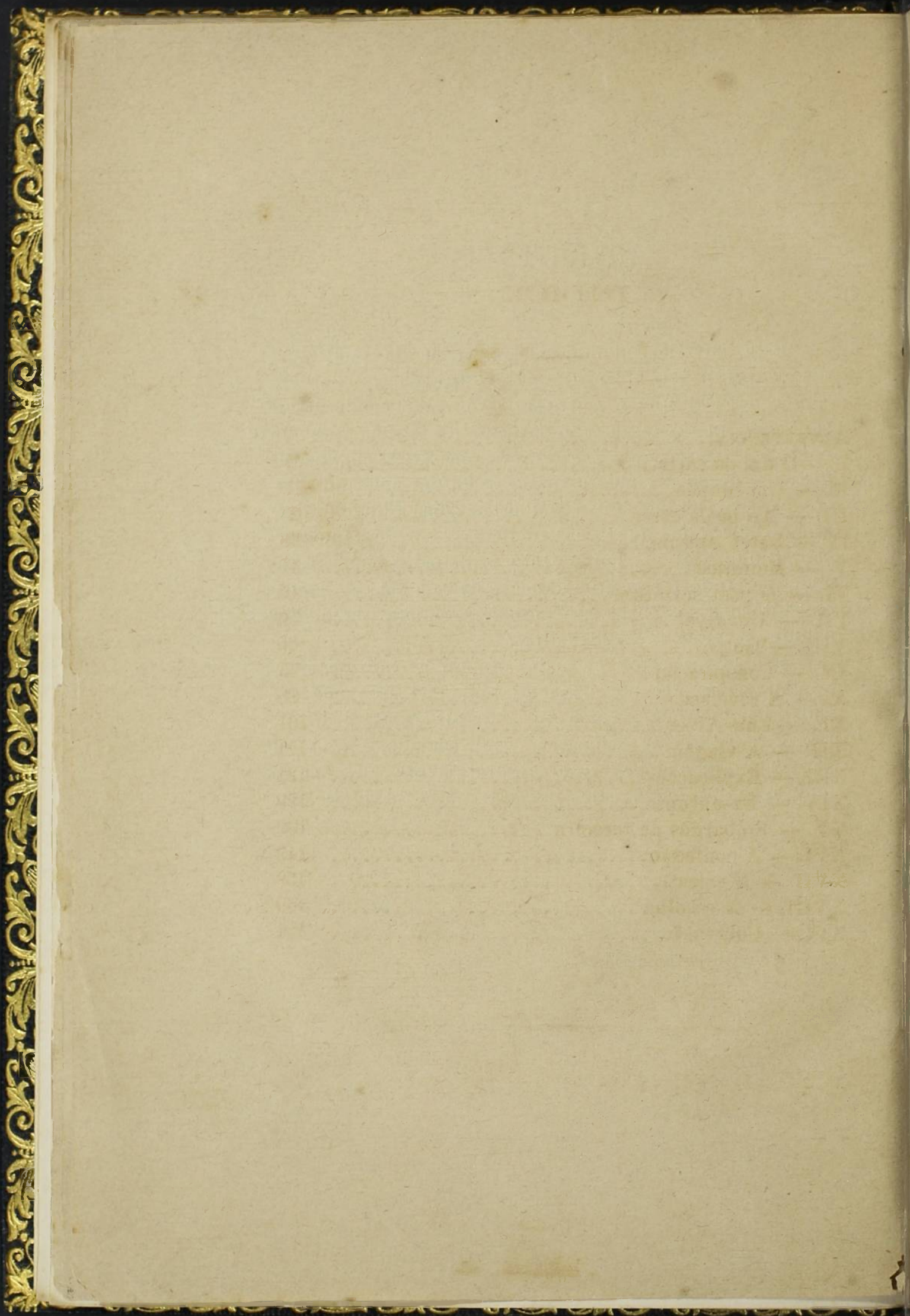
Ésta novella, sujeita ás urgencias da publicação diaria, sahiu das mãos do autor capítulo a capítulo, sendo natural que a narração e o estylo padecessem com esse methodo de composição, um pouco fóra dos habitos do autor. Se a escrevêra em outras condições, dera-lhe desenvolvimento maior, e algum colorido mais aos caracteres, que ahi ficam esboçados. Convem dizer que o desenho de taes caracteres, — o de Guiomar, sobretudo, — foi o meu objecto principal, senão exclusivo, servindo-me a acção apenas de tela em que lancei os contornos dos perfis. Incompletos embora, terão elles sahido naturaes e verdadeiros?

Mas talvez estou eu a dar proporções muito graves a uma cousa de tão pequeno tomo. O que ahi vac são umas poucas paginas que o leitor esgotará de um trago, se ellas lhe aguçarem a curiosidade, ou se lhe sobrar alguma hora que absolutamente não possa empregar em outra cousa, — mais bella ou mais util.

M. A.

Novembro de 1874.







## INDICE

---

	PAG.
ADVERTENCIA.....	V
I. — O fim da carta .....	1
II. — Um roupão.....	13
III. — Ao pe da cêra.....	23
IV.— Latet anguis.....	33
V. — Meninice .....	41
VI. — O post-scriptum.....	49
VII. — Um rival .....	56
VIII.— Golpe.....	65
IX. — Conspiração .....	75
X. — A revelação .....	85
XI. — Luiz Alves .....	101
XII. — A viagem .....	111
XIII.— Explicações .....	121
XIV. — Ex-abrupto.....	129
XV. — Embargos de terceiro .....	139
XVI.— A confissão.....	149
XVII. — A carta .....	159
XVIII. — A escolha .....	169
XIX. — Conclusão.....	181



## ERRATA

PAG.	LINH.	ERROS	EMENDAS
39	— 20.....	sem que	em que
47	— 2.....	amou menos	amou mais
56	— 14.....	mais	mas
56	— 24.....	desafiou	desviou
80	— 14.....	Estevão	Jorge
104	— 20.....	encommodo	incommodo.
113	— 5.....	ella	elle



# A MÃO E A LUVA

## I

### O fim da carta

— Mas que pretendes fazer agora ?

— Morrer.

— Morrer? Que ideia! Deixa-te disso, Estevão.

Não se morre por tão pouco....

— Morre-se. Quem não padece éstas dores não as póde avaliar. O golpe foi profundo, e o meu coração é pusillanime; por mais aborrecivel que pareça a ideia da morte, peor, muito peor do que ella, é a de viver. Ah! tu não sabes o que isto é!

— Sei: um namôro gorado....

— Luiz!

—.... E se em cada caso de namôro gorado morresse um homem, tinha ja diminuido muito o genero humano, e Malthus perderia o latim. Anda, sobe.

Estevão metteu a mão nos cabellos com um gesto de angústia; Luiz Alves sacudiu a cabeça e sorriu. Achavam-se os dous no corredor da casa



de Luiz Alves, á rua da Constituição, — que então se chamava dos Ciganos; — então, isto é, em 1853, uma bagatella de vinte annos que lavão, levando talvez comsigo as illusões do leitor, e deixando-lhe em troca (usurarios!) uma triste, crua e desconsolada experiencia.

Eram nove horas da noite; Luiz Alves recolhia-se para casa, justamente na occasião em que Estevão o ia procurar; encontraram-se á porta. Alli mesmo lhe confiou Estevão tudo o que havia, e que o leitor sabera daqui a pouco, caso não aborreça éstas histórias de amor, velhas como Adão, e eternas como o ceu. Os dous amigos demoraram-se ainda algum tempo no corredor, um a insistir com o outro para que subisse, o outro a teimar que queria ir morrer, tão tenazes ambos, que não haveria meio de os vencer, se a Luiz não occorresse uma transacção.

— Pois sim, disse elle, convenho em que deves morrer, mas ha de ser amanhã. Cede da tua parte, e vem passar a noite commigo. Nestas últimas horas que tens de viver na terra, dar-me-has uma lição de amor, que eu te pagarei com outra de philosophia.

Dizendo isto, Luiz Alves travou do braço de Estevão, que não resistiu dessa vez, ou porque a ideia da morte não se lhe houvesse entranhado devéras no cerebro, ou porque cedesse ao doloroso gôsto de



fallar da mulher amada, ou, o que é mais provavel, por esses dous motivos juntos. Vamos nós com elles, escada acima, até a sala de visitas, onde Luiz foi beijar a mão de sua mãe.

— Mamãe, disse elle, hade fazer-me o favor de mandar o cha ao meu quarto; o Estevão passa a noite commigo.

Estevão murmurou algumas palavras, a que tentou dar um ar de gracejo, mas que eram funebres como um cypreste. Luiz viu-lhe então, á luz das estearinas, alguma vermelhidão nos olhos, e adivinhou, — não era difficil, — que houvesse chorado. Pobre rapaz! suspirou elle mentalmente. D'alli foram os dous para o quarto, que era uma vasta sala, com tres camas, cadeiras de todos os feitios, duas estantes com livros e uma secretária, — vindo a ser ao mesmo tempo, alcova e gabinete de estudo.

O cha subiu dahi a pouco. Estevão, a muito rôgo do hóspede, bebeu dous goles; accendeu um cigarro e entrou a passear ao longo do aposento, em quanto Luiz Alves, preferindo um charuto e um sophá, accendeu o primeiro e estirou-se no segundo, cruzando beatificamente as mãos sobre o ventre e contemplando o bico das chinellas, com aquella placidez de um homem a quem se não gozou nenhum namôro. O silêncio não era completo; ouvia-se o rodar de carros que passavam fóra; no



apresento, porém, o unico rumor era o dos botins de Estevão na palhinha do chão.

Cursavam estes dous moços a academia de S. Paulo, estando Luiz Alves no quarto anno e Estevão no terceiro. Conheceram-se na academia, e ficaram amigos intimos, tanto quanto podiam sê-lo dous espiritos differentes, ou talvez por isso mesmo que o eram. Estevão, dotado de extrema sensibilidade, e não menor fraqueza de ânimo, affectuoso e bom, não daquella bondade varonil, que é apanagio de uma alma forte, mas dessa outra bondade molle e de cera, que vai á mercede de todas as circumstâncias, tinha, além de tudo isso, o infortunio de trazer ainda sôbre o nariz os oculos côr de rosa de suas virginaes illusões. Luiz Alves via bem com os olhos da cara. Não era mau rapaz, mas tinha o seu grão de egoismo, e se não era incapaz de affeições, sabia regê-las, moderar-as, e sobretudo guiar-as ao seu proprio interesse. Entre estes dous homens travára-se amizade íntima, nascida para um na sympathia, para outro no costume. Eram elles os naturaes confidentes um do outro, com a differença que Luiz Alves dava menos do que recebia, e, ainda assim, nem tudo o que dava exprimia grande confiança.

Estevão referira ao amigo, desde tempos, toda a história do amor, agora mallogrado, suas espe-



ranças, desalentos e glórias, e, emfim, o inesperado desfecho. O pobre rapaz, que folheava o capítulo mais delicioso do romance — no sentir delle — cahiu de toda a altura das illusões na mais dura, prosaica e miseravel realidade.

A namorada de Estevão, — é tempo de dizer alguma cousa della, — era uma moça de 17 annos, e, por ora, simples alumna-professora no collegio de uma tia do nosso estudante, á rua dos Invalidos. Estevão tinha-a visto, pela primeira vez, seis mezes antes, e desde logo sentiu-se preso por ella, « até á morte », disse elle ao amigo, referindo-lhe o encontro, o que o fez sorrir de tão estirado prazo. Qualquer que elle fôsse, porém, o prazo fatal daquelle captiveiro, a verdade é que Estevão no mesmo ponto em que a viu logo a amou, como se ama pela primeira vez na vida — amor um pouco estouvado e cego, mas sincero e puro. Amava-o ella? Estevão dizia que sim, e devia crel-o; alguns olhares ternos, meia duzia de apertos de mão significativos, embora e largos intervallos, davam a entender que o coração de Guiomar — chamava-se Guiomar — não era surdo á paixão do academico. Mas, fóra disso, nada mais, ou pouco mais.

O pouco mais foi uma flor, não colhida do pe em toda a original frescura, mas ja murcha e sem cheiro, e não dada, senão pedida.

— Faz-me um favor? disse um dia Estevão



apontando para a flor que ella trazia nos cabellos; esta flor está murcha, e, naturalmente, vai deital-a fóra ao despentear-se; eu desejava que m'a dêsse.

Guiomar, sorrindo, tirou a flor do cabello, e deu-lh'a; Estevão recebeu-a com egual contentamento ao que teria se lhe antecipassem o seu quinhão do ceu. Além da flor, e para supprir as cartas, que as não havia, nada mais obtivera Estevão durante aquelles seis compridos mezes, a não serem os taes olhares, que afinal são olhares, e vão-se com os olhos donde vieram. Era aquillo amor, capricho, passatempo ou que outra cousa era?

Naquella tarde, a tarde fatal, estando ambos a sos, o que era raro e difficil, disse-lhe elle que em breve ia voltar para S. Paulo, levando comsigo a imagem della, e pedindo-lhe em cambio que uma vez ao menos lhe escrevesse. Guiomar franziu a testa e fitou nelle o seu magnifico par de olhos castanhos, com tanta irritação e dignidade, que o pobre rapaz ficou attonito e perplexo. Imagina-se a augústia delle diante do silêncio que reinou entre ambos por alguns segundos; o que se não imagina é a dor que o prostrou, — a dor e o espanto, — quando ella, erguendo-se da cadeira em que estava, lhe respondeu, sahindo:

— Esqueça-se disso.

— Pois quanto a mim, — disse Luiz Alves ouvindo pela terceira vez a narração de tão cru



desenlace; quanto a mim, obedecia-lhe pontualmente; esquecia-me disso e ia curar-me em cima dos compendios; direito romano e philosophia, não conheço remedio melhor para taes achaques.

Estevão não ouvia as palavras do amigo; estava então assentado na cama, com os cotovellos fincados nas pernas, e a cabeça mettida nas mãos, parecendo que chorava. A princípio chorou em silêncio; mas não tardou que Luiz Alves o visse deitar-se na cama, estorcer-se convulsivamente, a soluçar, a abafar quanto podia os gritos que lhe sahiam do peito, a puxar os cabellos, a pedir a morte, tudo entremeado com o nome de Guiomar, tão d'alma tudo aquillo, tão lastimosamente natural, que emfim o commoveu, e não houve remedio se não dizer-lhe algumas palavras de confôrto. A consolação veio a tempo; a dor, chegada ao paroxismo, declinou pouco a pouco, e as lagrymas estancaram, ao menos por algum tempo.

—Sei que tudo isto hade parecer-te ridiculo, disse Estevão sentando-se na cama; mas que queres tu? Eu vivia na persuasão de que era amado, e era-o talvez. Por isso mesmo não entendendo o que se passou hoje. Ou o que eu suppunha ser amor, não passava talvez de passatempo ou zombaria. ....

— Talvez, talvez, interrompeu Luiz Alves, comprehendendo que o melhor meio de o curar



do amor era metter-lhe em brios o amor-proprio.

Estevão ficou alguns instantes pensativo.

— Não, não é possível, contestou elle. Tu não a conheces. E' uma grave e nobre creatura, incapaz de conceber um sentimento desses, que seria vulgar ou cruel.

— As mulheres . . . .

— Ja pensei se aquillo de hoje não seria uma maneira de experimentar-me, de ver até que ponto eu lhe queria . . . . Escusas de rir-te, Luiz; eu nada affirmo; digo que póde ser. Não admira que ella fizesse esse cálculo, — um bom cálculo, nesse caso, todo filho do coração . . . .

A imaginação de Estevão desceu por este declivio de flóridas conjecturas, e Luiz Alves entendeu que era de bom aviso não espantar-lhe os cavallos. Ella foi, foi, foi por alli abaixo, redea frouxa e riso nos labios. Boa viagem! exclamou mentalmente o collega voltando a estirar-se no sophá. A viagem não foi longa, mas produziu effeito salutar no ânimo do namorado, adoçando-lhe as penas, circumstância que Luiz Alves aproveitou para lhe fallar de cem cousas alheias ao coração e divertil-o do pensamento que o absorvia. Conseguiu o seu intento durante meia hora, e conseguiu mais, por que fez com que o collega risse, a princípio de um riso amargo e dubio, depois de um riso jovial e



franco, incompatível com intuitos trágicos. Mas, ai triste! a dor d'elle era uma especie de tosse moral, que aplacava e reaparecia, intensa ás vezes, ás vezes mais fraca, mas sempre infallível. Orapaz acertára de abrir uma pagina de *Werther*; leu meia duzia de linhas, e o accesso voltou mais forte que nunca.

Luiz Alves acudiu-lhe com as pastilhas da consolação; o accesso passou; nova palestra, novo riso, novo desespero, e assim se foram escoando as horas da noite, que o relógio da sala de jantar batia seca e regularmente, como a lembrar aos dous amigos que as nossas paixões não acceleram nem moderam o passo do tempo.

A aurora para os dous academicos coincidiu com as badaladas do meio dia, o que não admira, pois so adormeceram quando ella começava a apagar as estrellas. Estevão passou a noite, — a manhã, quero dizer, — muito socegado e livre de sonhos maus. Quando abriu os olhos extranhou o aposento e os objectos que o rodeavam. Logo que os reconheceu, despertou-se-lhe, com a memoria, o coração, onde ja não havia aquella dor aguda da vespera. Os successos, embora recentes, começavam a envolver-se na sombra crepuscular do passado.

A natureza tem suas leis imperiosas; e o homem, ser complexo, vive não so do que ama, mas tambem (fôrça é dizel-o) do que come. Sirva isto de



excusa ao nosso estudante, que almoçou nesse dia, como nos anteriores, bastando dizer em seu abono que, se o não fez com lagrymas, tambem o não fez alegre. Mas o certo é que a tempestade serenára; o que havia era uma ressaca, ainda forte, mas que diminuiria com o tempo. Luiz Alves evitou fallar-lhe de Guiomar; Estevão foi o primeiro a recordar-se della.

— Dá tempo ao tempo, respondeu Luiz Alves, e ainda te has de rir dos teus planos de hontem. Sobretudo, agradece ao destino o haveres escapado tão depressa. E queres um conselho?

— Dize.

— O amor é uma carta, mais ou menos longa, escripta em papel velino, córte-dourado, muito cheiroso e catita; carta de parabens quando se le, carta de pezames quando se acabou de ler. Tu que chegaste ao fim, põe a epistola no fundo da gaveta, e não te lembres de ir ver se ella tem um « post-scriptum »....

Estevão applaudiu a metaphora com um sorriso de bom agouro.

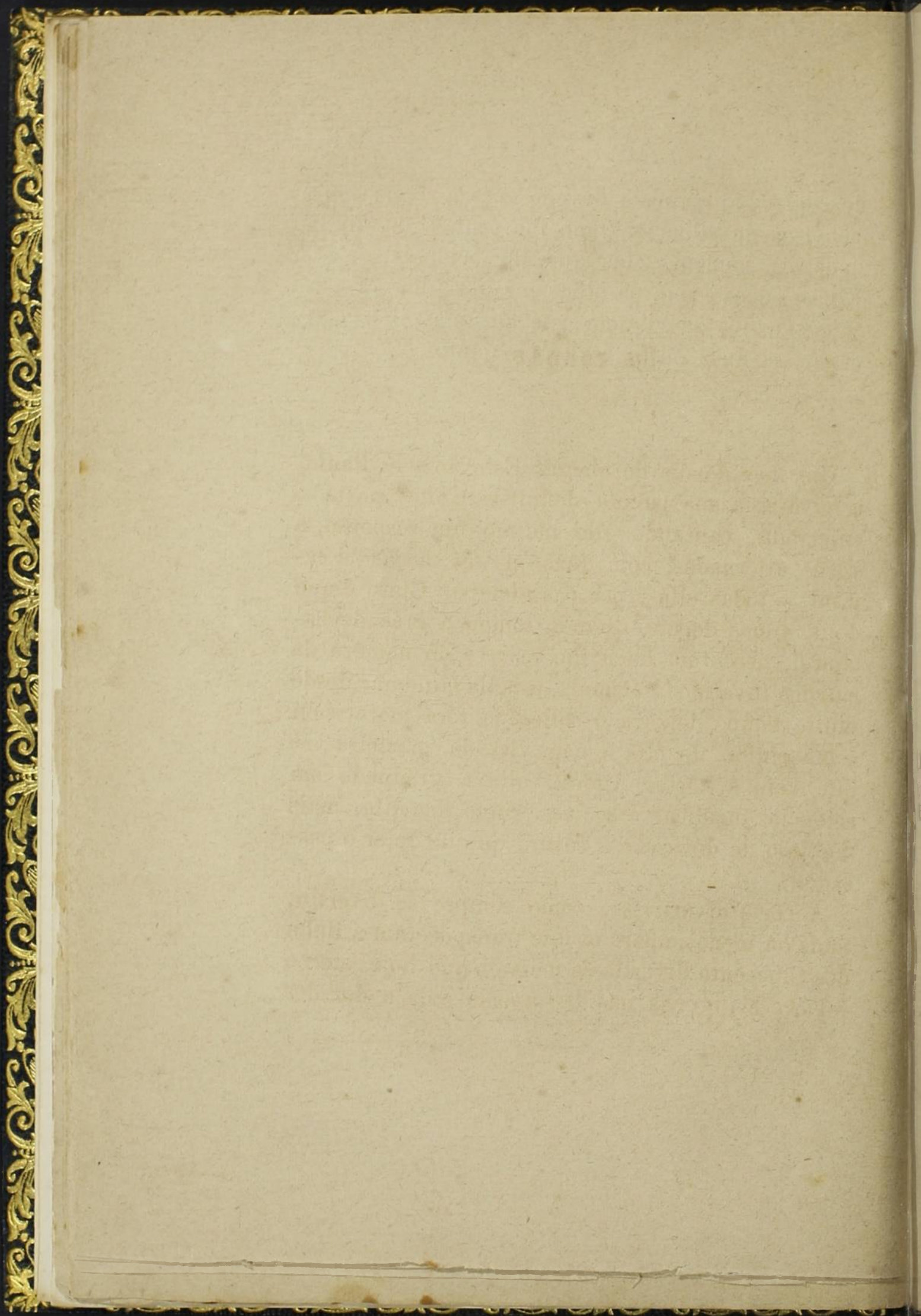
Duas vezes viu elle a formosa Guiomar, antes de seguir para S. Paulo. Da primeira sentiu-se ainda abalado, por que a ferida não cicatrisára de todo; da segunda, pôde encaral-a sem perturbação. Era melhor, — mais romantico pelo menos, que eu o puzesse a caminho da academia, com o



desespêro no coração, lavado em lagrymas, ou a bebel-as em silêncio, como lhe pedia a sua dignidade de homem. Mas que lhe heide eu fazer? Elle foi daqui com os olhos enxutos, distrahindo-se dos tedios da viagem com alguma pilheria de rapaz, — rapaz outra vez, como dantes.









## II

### Um roupão

Um mez depois de chegar Estevão a S. Paulo, achava-se a sua paixão definitivamente morta e enterrada, cantando elle mesmo um responso, a vozes alternadas, com duas ou tres moças da capital, — todas ellas, por passatempo. Claro é que dous annos depois, quando tomou o gráo de bacharel, nenhuma ideia lhe restava do namôro da rua dos Invalidos. Demais, a bella Guiomar desde muito tempo deixára o collegio e fôra morar com a madrinha. Ja elle a não víra da primeira vez que veiu á côrte. Agora voltava graduado em sciencias juridicas e sociaes, como fica dito, mais deseioso de devassar o futuro que de reler o passado.

A côrte divertia-se, como sempre se divertiu, mais ou menos, e para os que transpuzeram a linha dos Cincoenta divertia-se mais do que hoje, eterno reparo dos que ja não dão á vida toda a flor dos



seus primeiros annos. Para os varões maduros, nunca a mocidade folga como no tempo delles, o que é natural dizer, porque cada homem ve as cousas com os olhos da sua idade. Os recreios da juventude não são de certo egualmente nobres, nem egualmente frivolos, em todos os tempos; mas a culpa ou o merecimento não é della, — a pobre juventude, — é sim do tempo que lhe cahe em sorte.

A côrte divertia-se, apesar dos recentes estragos do cholera —; bailava-se, cantava-se, passeava-se, ia-se ao theatro. O Cassino abria os seus salões, como os abria o Club, como os abria o Congresso, todos tres fluminenses no nome e na alma. Eram os tempos homericos do theatro lyrico, a quadra memoravel daquellas lutas e rivalidades renovadas em cada semestre, talvez por um excesso de ardor e enthusiasmo, que o tempo diminuiu, ou transferiu, — Deus lhe perdôe, — a cousas de menor tomo. Quem se não lembra, — ou quem não ouviu fallar das batalhas feridas naquella classica plateia do Campo da Acclamação, entre a legião casalonica e a phalange chartonica, mas sobretudo entre ésta e o regimento lagruista? Eram batalhas campaes, com tropas frescas, — e maduras tambem, — apercebidas de flôres, de versos, de corôas, e até de estalinhos. Uma noite a acção travou-se entre o campo lagruista e o campo chartonista, com



tal violencia, que parecia uma página da *Illiada*. Desta vez, a Venus da situação sahiu ferida do combate; um estalo rebentára no rosto da Charton. O furor, o delirio, a confusão foram indescriptiveis; o applauso e a pateada deram-se as mãos,—e os pes. A peleja passou aos jornaes. «Vergonha eterna (dizia u m) aos cavalheiros que cuspiram na face de uma dama!» — «Si for mister (re-  
plicava outro) daremos os nomes dos aristarchos que no saguão do theatro juraram desfeitear Mlle. Lagrua.» — «Patuleia desenfreada!» — «Fidalguice balofa!»

Os que escaparam daquellas guerras de alecrim e mangerona hão de sentir hoje, após dezoito annos, que despenderam excessivo enthusiasmo em cousas que pediam repouso de espirito e lição de gôsto.

Estevão é uma das reliquias daquella Troya, e foi um dos mais fervorosos lagruistas, antes e depois do gráo. A causa principal das suas preferencias, era de certo o talento da cantora; mas a que elle costumava dar, nas horas de bom humor, que eram todas as vinte e quatro do dia, tirantes as do somno, essa causa que mais que tudo o ligava aos «arraiaes do bom gosto» dizia elle, era, — imaginem la, — era o buço de Mlle. Lagrua. Talvez não fôsse elle o unico amator do buço; mas outro mais férvido duvido que hou-



vesse nesta boa cidade. Um chartonista machiavelico, aliás escriptor elegante, elevava o tal buço á cathegoria de bigode, comprehendendo sagazmente que, se o buço era graça, o bigode era excrescencia; e elle nem ao labio da Lagrua queria perdoar.

— Oh! aquelle buço! exclamava Estevão nos intervallos de uma opera, aquelle delicioso buço hade ser a perdição da gente de bem! Quem me dera ir encaracolado por alli acima, até ficar mais proximo do ceu, quero dizer dos seus olhos, e ser visto por ella, que me não descobre na turba innumeravel dos seus adoradores! Querem saber uma cousa? Alli é que ella hade ter a alma, e eu quizera entreter-me com a alma della, e dizer-lhe muita cousinha que tenho ca dentro á espera de um buço que as queira ouvir.

Estevão era mais ou menos o mesmo homem de dous annos antes. Vinha cheirando ainda aos cueiros da Academia, meio estudante e meio doutor, alliando em si, como em idade de transição, o estouvamento de um, com a dignidade do outro. As mesmas chimeras tinha, e a mesma simplesa de coração; so não as mostrára nos versos que imprimiu em jornaes academicos, os quaes eram todos repassados do mais puro byronismo, moda muito do tempo. Nelles confessava o rapaz á cidade e ao mundo a profunda incredulidade do seu espirito, e o



seu fastio puramente litterario. A collação do gráo interrompeu, ou talvez acabou, aquella vocação poetica; o último suspiro desse genero que lhe sahiu do peito foram umas sextilhas á sua *juventude perdida*. Felizmente, que so a perdeu em verso; na prosa e na realidade era rapaz como poucos.

Posto fizesse boa figura na academia, mais preservava do que amava a sciencia do direito. Suas preferencias intellectuaes dividiam-se, ou antes abrangiam a política e a litteratura, e ainda assim, a política so lhe acenava com o que podia haver litterario nella. Tinha leitura de uma e outra cousa, mas leitura veloz e á flor das páginas. Estevão não comprehenderia nunca este axioma de lord Macaulay — que mais aproveita digerir uma lauda que devorar um volume. Não digeria nada; e dahi vinha o seu nenhum apêgo ás sciencias que estudára. Venceu a repugnancia por amor proprio; mas, uma vez dobrado o cabo das Tormentas disciplinaes, deixou a outros o cuidado de aproar á India.

Suas aspirações politicas deviam naturalmente morrer em germen, não so porque lhe minguava o apoio necessario para as arvorecer e fructificar, mas ainda por que elle não tinha em si a força indispensavel a todo o homem que põe a mira acima do estado em que nasceu. Eram aspirações vagas, in-



termittentes, vaporosas, umas visões legislativas e ministeriaes, que tão depressa lhe namoravam a imaginação, como logo se esvaeciam, ao resvalar dos primeiros olhos bonitos, que esses, sim, amava-os elle devéras. Opiniões não as tinha; alguns escriptos que publicára durante a quadra academica eram um complexo de doutrinas de toda a casta, que lhe fluctuavam no espirito, sem se fixarem nunca, indo e vindo, alçando-se ou descendo, conforme a recente leitura ou a actual disposição de espirito.

Por agora militava nas fileiras do lagruismo, com ardor, dedicação e fidelidade de bom apostolo. Não era abastado para pagar o luxo de uma opinião lyrica; nascera pobre e não tinha parente em boa posição. Alguns poucos recursos possuia, provenientes do seu officio de advogado, que exercia com o amigo Luiz Alves.

Uma noite assistira á representação de *Othello*, palmeando até romper as luvas, acclamando até cansar-se-lhe a voz, mas acabando a noite satisfeito dos seus e de si. Terminado o espectaculo, foi elle, segundo costumava, assistir á sahida das senhoras, uma procissão de rendas, e sedas, e leques, e veus, e diamantes, e olhos de todas as côres e linguagens. Estevão era pontual nessas occasiões de espera, e raro deixava de ser o último que sahia. Tinha agora os olhos pregados em



outros olhos, não pardos como os d'elle, mas azues, de um azul-ferrete, infelizmente uns olhos casados, quando sentiu alguém bater-lhe no hombro, e dizer-lhe baixinho éstas palavras:

— Larga o pinto, que é das almas.

Estevão voltou-se.

— Ah! és tú! disse elle vendo Luiz Alves. Quando chegaste?

— Hoje mesmo, respondeu o collega; venho sequioso de musica. Vassouras não tem Lagrua nem *Othello*....

— Vieste lavar a alma da poeira do caminho, disse Estevão, que ainda fallando em prosa cultivava as suas metaphoras poeticas. Fizeste bem; não te perdoaria se preferisses a outra, a lambisgoia, que aqui nos querem impingir por grande cousa, e que não chega aos calcanhares do buço....

Interrompeu-se. Luiz Alves acabava de cumprimentar ceremoniosamente alguém que passava; Estevão volveu a cabeça para ver quem era. Era uma moça, que elle não chegou a ver, porque já descia as escadas; mas tão elegante e gentil que os olhos lhe fuzilaram de admiração.

— Algum namôro? perguntou ao amigo.

— Não; uma visinha.

A desfilada acabou; sahiram os dous e foram dalli cear a um hotel, seguindo depois para Bota-



fogo, onde morava Luiz Alves, desde que perdêra a mãe, alguns mezes antes.

A casa de Luiz Alves ficava quasi no fim da praia de Botafogo, tendo ao lado direito outra casa, muito maior e de apparencia rica. A noite estava bella, como as mais bellas noites daquelle arrabalde. Havia luar, ceu limpido, infinidade de estrellas e a vaga a bater mollemente na praia, todo o material, em summa, de uma boa composição poetica, em vinte estrophes pelo menos, obrigada a rima rica, com alguns exdruulos rebuscados nos dictionarios. Estevão poetou, mas poetou em prosa, com um enthusiasmo legitimo e sincero. Luiz Alves, menos propenso ás cousas bellas, preferia a mais util de todas naquella occasião, que era ir dormir. Não o conseguiu sem ouvir ao hóspede tudo quanto elle pensava ácerca daquelle « pinto, que era das almas, » aquelles olhos azues, « profundos como o ceu, » exclamava Estevão.

Afinal dormiram ambos; mas, ou fôsse porque os taes olhos o perseguissem, ainda em sonhos, ou porque extranhasse a cama, ou por que o destino assim o resolvêra, a verdade é que Estevão dormiu pouco, e, cousa rara, accordou logo depois de apparecer a arraiada.

A manhã estava fresca e serena; era tudo silencio, mal quebrado pelo bater do mar e pelo chilrear



dos passarinhos nas chacaras da vizinhança. Estevão, amuado por não poder conciliar o somno, resolvêra-se a ir ver a manhã, de mais perto. Ergueu-se de manso, vestiu-se, e pediu que lhe levassem café ao jardim, para onde foi sobraçando um livro que acaso topou ao pé da cama.

O jardim ficava nos fundos da casa; era separado da chacara vizinha por uma cêrca. Relanceando os olhos pela chacara, viu Estevão que era plantada com esmêro e arte, assaz vasta, recortada por muitas ruas curvas e duas grandes ruas rectas. Uma destas começava das escadas de pedra da casa e ia até o fim da chacara; a outra ia da cêrca de Luiz Alves até á extremidade opposta, cortando a primeira no centro. Do lugar em que ficava Estevão so a segunda rua podia ser vista de ponta a ponta.

Sentou-se o bacharel em um banco que allí achou, recebeu a chicara de café, que o escravo lhe trouxe dali a pouco, accendeu um charuto e abriu o livro. O livro era uma *Pratica Forense*. Demos-lhe razão ao despeito com que o fechou e atirou ao chão, contentando-se com o canto dos passaros e o cheiro das flores, e a sua imaginação tambem, que valia as flores e os passaros.

Deus sabe até onde iria ella, com as azas faceis que tinha, se um incidente lh'as não colhêra e fizera descer á terra. Da casa vizinha sahira um roupão, — elle não viu mais que um roupão, — e



seguíra pela rua que enfrentava com a casa, a passo lento e meditativo. Estevão, que adorava todos os roupões, fossem ou não meditativos, deu as graças á Providencia, pela boa fortuna que lhe deparava, e afiou os olhos para contemplar aquella graciosa madrugadora. Graciosa, ainda elle não sabia se o era; mas assentou que devia de ser, justamente porque desejava que o fôsse.

A deliciosa paisagem ia ter emfim uma alma; o elemento humano vinha coroar a natureza.

Ergueu-se Estevão, de toda a sua estatura elevada e gentil, para ver melhor, — e ser visto, digamos a verdade toda, — aquella desconhecida vizinha, que devia ser por força a que Luiz Alves comprimentára no theatro. Acteon christão e modesto, não sorprehendia Diana no banho, mas ao sahir d'elle; todavia, não palpitava menos de commoção e curiosidade.

O roupão ia andando.

---



### III

#### Ao pé da cerca

A primeira coisa que Estevão pôde descobrir é que a vizinha era moça. Via-lhe o perfil, em cada aberta que deixavam as arvores, um perfil correcto e puro, como de esculptura antiga. Via-lhe a face côr de leite, sobre a qual se destacava a côr escura dos cabellos, não penteados de vez, mas frouxamente atados no alto da cabeça, com aquelle deleixo matinal que faz mais bellas as mulheres bellas. O roupão, — de musselina branca, — finalmente bordado, não deixava ver toda a graça do talhe, que devia ser e era elegante, dessa elegancia que nasce com a creatura ou se apura com a educação, sem nada pedir, ou pedindo pouco á thesoura da costureira. Todo o collo ia coberto até o pescoço, onde o roupão era preso por um pequeno broche de saphira. Um botão, do mesmo mineral, fechava em cada pulso as mangas estreitas e lisas, que rematavam em folhos de renda.

Estevão, da distancia e na posição em que se



achava, não podia ver todas estas minucias que aqui lhes aponto, em desempenho deste meu dever de contador de histórias. O que elle viu, além do perfil, dos cabellos, e da tez branca, foi a estatura da moça, que era alta, talvez um pouco menos do que parecia com o vestido roçagante que levava. Pôde ver-lhe tambem um livrinho, aberto nas mãos, sobre o qual pousava os olhos, levantando-os de espaço a espaço, quando lhe era mister voltar a folha, e deixando-os cahir outra vez para embeber-se na leitura.

Ia assim andando, sem cuidar que a visse alguém, tão serena e grave, como se atravessára um salão. Estevão, que não tirava os olhos della, mentalmente pedia ao ceu a fortuna de a ter mais proxima, e anciava por vel-a chegar á rua que lhe ficava diante. Comtudo, era difficil que lhe parecesse mais formosa do que era, vista assim de perfil, a escapar por entre as arvores. O joven bacharel, por não perder o sestro dos primeiros tempos, evocava todas as suas reminiscencias litterarias; a desconhecida foi successivamente comparada a um seraphim de Klopstock, a uma fada de Shakespeare, a tudo quanto na memoria delle havia mais aereo, transparente, ideal.

Em quanto elle trabalhava o espirito nestas comparações poeticas, não descabidas, se quizerem, em tal lugar, e ao pe de tão graciosa creatura, ella se-



guia lentamente e chegava á encrusilhada das duas grandes ruas da chacara. Estevão esperava que voltasse á direita, isto é, que viesse para o lado delle, mas sobretudo receiava que seguisse pela mesma rua adiante e se perdesse no fundo da chacara. A moça escolheu um meio termo, voltou á esquerda, dando as costas ao seu curioso admirador e continuando no mesmo passo vagaroso e regular.

A chacara não era em demasia grande; e por mais lento que fôsse o passo da madrugadora, não gastaria ella immenso tempo em percorrer até o fim aquella porção da rua em que entrára. Mas alli, ao pe daquelle coração juvenil e impaciente, cada minuto parecia, não direi um seculo, — seria abusar dos direitos do estylo, — mas uma hora, uma hora lhe parecia, com certeza.

A moça entretanto, chegando ao fim, parou alguns instantes, pousou a mão nas costas de um sopho rustico que alli havia e enfrentava com outro, collocado na extremidade opposta. A outra mão descahira-lhe, e os olhos tambem, o que singularmente magoou o seu curioso observador. Seriam saudades de alguém? Estevão sentiu uma cousa, a que chamarei ciúme antecipado, mas que na realidade eram invejas da alheia fortuna. A inveja é um sentimento mau; mas nelle, que nascêra para amar, e que, além disso, tinha em si o contraste



do nascimento com o instincto, — um berço obscuro e umas aspirações á vida elegante, — nelle a inveja era quasi um sentimento desculpavel.

A moça voltou e veiu pela rua adiante. Emfim, disse consigo Estevão, vou contemplal-a de mais perto. Ao mesmo tempo, receioso de que, descobrindo alli um extranho, guiasse os passos para casa, Estevão afastou-se do logar em que ficára, resoluta a apparecer, quando ella estivesse proxima á cêrca do jardim. A moça vinha andando com o livro fechado, e os olhos ora no chão, ora nas andorinhas e camachilras que esvoaçavam na chacara. Se trazia saudades, não se lhe podiam ler no rosto, que era quieto e pensativo, sim, mas sem a menor sombra de pena ou de tristeza.

Estevão do logar onde estava podia examinalhe as feições, sem ser visto por ella; mas foi justamente do que não cuidou, desde que lh'as pôde distinguir. Valia a pena, entretanto, contemplar aquelles grandes olhos castanhos, meio velados pelas longas, finas e bastas pestanas, não maviosos nem quebrados, como elle os cuidára ver, mas de uma belleza severa, casta e fria. Valia a pena admirar como elles communicavam a todo o rosto e a toda a figura um ar de magestade tranquillã e senhora de si. Não era ella uma dessas bellezas que, ao mesmo tempo, que subjugam o coração, accendem os sentidos; fallava á intelligencia primeiro



do que ao coração, tanto a arte parecia haver colaborado com a natureza naquella creatura, meia estatua e meia mulher.

Tudo isto podia ver e considerar o nosso bacharel. A verdade porém é que a nenhuma destas cousas attendeu. Desde que distinguíra as feições da moça, ficou como tomado de assombro, com os olhos parados, a bocca entreaberta, fugindo-lhe a vida e o sangue todo para o coração.

A moça chegára á cêrca; esteve de pe algum tempo; olhou em derredor e por fim sentou-se no sophá que alli havia, dando as costas para o jardim de Luiz Alves. Abriu novamente o livro, e continuou a leitura do ponto em que a deixára, tão so comsigo, tão embebida no livro que tinha deante, que não a despertou o rumor, aliás sumido, dos passos de Estevão nas folhas sêccas do chão. Teria percorrido meia página, quando Estevão, reclinando-se sobre a cêrca, e procurando abafar a voz para que so chegasse aos ouvidos della, proferiu este simples nome:

— Guiomar!

A moça soltou um grito de surpresa e de susto, e voltou-se sobresaltada para o lado donde partíra a voz. Ao mesmo tempo levantára-se. A impressão que lhe produzíra, e não sei se tambem algum ar de colera que lhe notasse no rosto; e além de tudo, o remorso de não haver suffocado aquelle grito de



seu coração, fez com que Estevão, quasi no mesmo instante murmurasse em tom de súplica :

— Perdoe-me; foi uma scentelha do passado, que estava debaixo da cinza : apagou-se de todo.

Guiomar, — sabemos agora que era este o seu nome, — olhou séria e quieta para o seu malaventurado interruptor, dous longos e mortaes minutos. Estevão, confuso e vexado, tinha os olhos em terra ; o coração palpitava-lhe com força, como a despedir-se da vida. A situação era em demasia afflictiva e embaraçosa para que se podesse prolongar mais. Estevão ia corteja-la e despedir-se ; mas a moça, com um sorriso de mais piedade que affecto, murmurou :

— Está perdoado.

Caminhou para a cêrca e estendeu-lhe a mão, que elle apertou, — apertou não é bem dito, — em que elle tocou apenas, o mais ceremoniosamente que podia e devia naquella situação.

E depois ficaram a olhar um para o outro, sem se atreverem a dizer nada, nem a sahir dalli, a verem ambos o espectro do passado, aquelle tão amargo passado para um delles. Guiomar foi a primeira que rompeu o silêncio, fazendo a Estevão uma pergunta natural, como não podia deixar de ser naquellas circumstâncias, mas ainda assim, ou por isso mesmo, a mais acerba que elle podia ouvir :



— Ha dous annos que nos não vemos, creio eu?

— Ha dous annos, murmurou Estevão abafando um suspiro.

— Ja está formado, não? Lembra-me ter lido o seu nome . . . .

— Estou formado. Sabe que era o desejo maior de minha tia . . . .

— Não a vejo ha muito tempo, interrompeu Guiomar; eu sahi do collegio, logo depois que o senhor seguiu para S. Paulo. Sahi a convite da baroneza, minha madrinha, que la foi buscar-me um dia, allegando que eu ja não tinha que aprender, e que me não convinha ensinar.

— De certo, assentiu Estevão. — Minha tia é que não deixou nem podia deixar de ensinar; acabou no officio.

— Acabou?

— Morreu.

— Ah!

— Morreu ha cêrca de um anno.

— Era uma boa creatura, continuou Guiomar, depois de alguns instantes de silêncio, muito carinhosa e muito prendada. Devo-lhe o que aprendi . . . . Está admirando ésta flor?

Estevão, apanhado em flagrante delicto de admiração, não da flor mas da mão que a sustinha, — uma deliciosa mão, que devia ser por fôrça a que se perdeu da Venus de Milo, Estevão balbuciou:



— Com effeito, é linda!

— Ha muita flor bonita aqui na chacara. A baroneza tem immenso gòsto a éstas cousas, e o nosso jardineiro é homem que sabe do seu officio.

Aquelle natural acanhamento da primeira occasião foi desapparecendo aos poucos, e a conversa veiu a ser, não tão familiar, como outr'ora, mas em todo o caso menos fria do que a principio estivera. Havia, comtudo, uma differença entre os dous: elle, sem embargo do desembaraço, sentia-se abalado e commovido; ella, porém, vencido o sobresalto do principio, mostrava-se tranquillae fria, sempre polida e grave, risonha ás vezes, mas de um risonho á flor do rosto, que não lhe alterava a serenidade e compostura.

O sítio e a hora eram mais proprios de um idyllo, que de uma fria e descolorida prática. Um ceu claro e limpido, um ar puro, o sol a coar por entre as folhas uma luz ainda frouxa e tepida, a vegetação em derredor, todo aquelle reviver das cousas parecia estar pedindo uma egual aurora nas almas. Estas é que deviam fallaralli a sua lingua dellas, amorosa e candida, em vez da outra, cortez, elegante e rigida, que a nenhum delles desprazia, de certo, mas que era muito menos voluntaria nos labios de Estevão.

Guiomar fallava com certa graça, um pouco hirta e pausada, sem viveza, nem calor.



Estevão, que a maior parte do tempo ficava a ouvir-a, observava entre si que as maneiras da moça não lhe eram desnaturaes, ainda que podiam ser calculadas naquella situação. A Guiomar que elle conhecêra e amára era o embryão da Guiomar de hoje, o esbôço do painel agora perfeito; faltava-lhe outr'ora o colorido, mas ja se lhe viam as linhas do desenho.

A conversa durou cêrca de tres quartos de hora, uma migalha de tempo para elle, que desejára muito mais. Mas era preciso acabar; ella foi a primeira a dizer-lh'o.

— O senhor fez-me perder muito tempo. Ha talvez uma hora que estamos aqui a conversar. Era natural, depois de dous annos. Dous annos! Mas o que não era natural, continuou ella mudando de tom, era atrever-me a fallar com um estranho neste *deshabillé* tão pouco elegante...

— Elegantissimo, pelo contrário.

— O senhor tem sempre um comprimento de reserva: vejo que não perdeu o tempo na academia. Vou-me embora. São horas da baroneza dar o seu passeio pela chacara.

— Sera aquella senhora que alli está no alto da escada? perguntou Estevão.

— E' ella mesma, respondeu Guiomar. Está a espera que lhe va dar o braço.



E com um gesto friamente fidalgo, estendeu a mão a Estevão, dizendo :

— Passe bem, senhor doutor, estimei vê-lo.

Estevão tocou-lhe levemente na mão, fina e macia, e inclinou-se respeitoso. A moça caminhou para casa. Elle acompanhou-a com os olhos, admirando a gentileza com que ella, desta vez a passo acelerado, resvalava por entre as arvores até subir as escadas da casa. Viu-a dar o braço á madrinha, descerem e seguirem vagarosamente pelo mesmo caminho por onde Guiomar seguira da primeira vez.

Estevão ainda ficou algum tempo encostado á cêrca, na esperança de que ella olhasse ou dirigisse os passos para aquelle lado; ella porém, passou indifferente, como se nem da existencia delle soubera. Estevão retirou-se dalli cabisbaixo e triste, batido de contrarios sentimentos, cheio de uma tristeza e de uma alegria que mal se combinavam, e por cima de tudo isso o echo vago e surdo desta interrogação :

— Entro n'um drama ou saio de uma comedia?



#### IV

### Latet anguis

O passeio da baroneza durou pouco mais de meia hora. O sol começava a aquecer, e apesar de ser bastante sombreada a chacara, o calor aconselhava á boa senhora que se recolhesse. Guiomar deu-lhe o braço, e ambas, seguindo pelo mesmo caminho, guiaram para casa.

— Parece muito tarde, Guiomar, disse a baroneza ao cabo de alguns segundos.

— E é, madrinha. Demorei-me hoje mais do que costumo, por causa de um encontro que tive aqui na chacara.

— Um encontro ?

— Um homem.

— Algum ladrão? perguntou a madrinha parando.

— Não, senhora, respondeu Guiomar sorrindo, não era ladrão. A minha mestra de collegio . . . . sabe que morreu ?



— Quem disse isso?

— O sobrinho, o tal sугeito que encontrei aqui hoje.

— Voce está zombando commigo! Um homem na chacara?

— Não era bem na chacara, mas no jardim do Dr. Luiz Alves. Estava encostado à cêrca; trocámos algumas palavras.

A baroneza olhou para ella alguns segundos.

— Mas, menina, isso não é bonito. Que diriam se os vissem? ... Eu não diria nada, porque conheço o que voce vale, e sei a discrição que Deos lhe deu. — Mas as apparencias .... Que qualidade de homem é esse sobrinho?

Interrrompeu-as uma mulher de quarenta e quatro a quarenta e cinco annos, alta e magra, cabello entre louro e branco, olhos azues, aciadamente vestida, a Sra. Oswald, — ou mais britannicamente, Mrs. Oswald, — dama de companhia da baroneza, desde alguns annos. Mrs. Oswald conhecêra a baroneza em 1846; viuva e sem familia, acceitou as propostas que esta lhe fez. Era mulher intelligente e sagaz, dotada de boa indole e serviçal. Antes da ida de Guiomar para a companhia da madrinha, era Mrs. Oswald a alma da casa; a presença de Guiomar, que a baroneza amava extremosamente, alterou um pouco a situação.



— São nove horas! disse de longe a ingleza; pensei que hoje não queriam voltar para casa. O calor está forte; e a senhora baroneza sabe que não é conveniente expor-se aos ardores do sol, sobretudo neste tempo de epidemias.

— Tem razão, Mrs. Oswald; mas Guiomar tardou hoje tanto em ir buscar-me, que o passeio começou tarde.

— Porque me não mandou chamar?

— Estava talvez a dormir, ou entretida com o seu Walter Scott...

— Milton, emendou gravemente a ingleza; esta manhã foi dedicada a Milton. Que immenso poeta, D. Guiomar!

— Tamanho como este calor, observou Guiomar sorrindo. Apertemos o passo e lá dentro a ouviremos com melhor disposição.

Foram as tres andando, subiram as escadas e entraram na sala de jantar, que era vasta, com seis janellas para a chacara. Dalli seguiram para uma saleta, onde a baroneza sentou-se na sua poltrona, a esperar a hora do almoço. Guiomar sahiu para ir cuidar da *toilette*; e a baroneza que desde alguns minutos estivera cabisbaixa e pensativa, olhou fixamente para Mrs. Oswald, sem dizer palavra.

Era ella uma senhora de cincoenta annos, refeita, vestida com esse alinho e esmero da velhice, que é um resto da elegancia da mocidade. Os ca-



bellos, côr de prata fôscas, emmolduravam-lhe o rosto sereno, algum tanto arrugado, não por desgostos, que os não tivera, mas pelos annos. Os olhos luziam de muita vida, e eram a parte mais juvenil do rosto.

Tendo casado cedo, coube-lhe a boa fortuna de ser egualmente feliz desde o dia do noivado até o da viuvez. A viuvez custara-lhe muito; mas já lá iam alguns annos, e da crua dor que tivera ficara-lhe agora a consolação da saudade.

— Chegue-se mais perto; preciso fallar-lhe a sos, disse ella á ingleza, que se achava a alguns passos de distância.

Mrs. Oswald foi até á porta espreitar se viria alguém e voltou a sentar-se ao pé da baroneza. A baroneza estava outra vez pensativa, com as mãos crusadas no regaço e os olhos no chão.

Estiveram as duas allí silenciosas alguns dous ou tres minutos. A baroneza despertou emfim das reflexões, e voltou-se para a ingleza:

— Mrs. Oswald, disse ella, parece estar escripto que não serei completamente feliz. Nenhum sonho me falhou nunca; este, porem, não passará de sonho, e era o mais bello de minha velhice.

— Mas porque desespera? disse a ingleza. Tenha ânimo, e tudo se hade arranjar. Pela minha parte, oxala pudesse contribuir para a completa



felicidade desta familia, a quem devo tantos e tamanhos beneficios.

— Beneficios!

— E que outra cousa são os seus carinhos, a protecção que me tem dado, a confiança. . .

— Está bom, está bom, interrompeu affectuosamente a baroneza; fallemos de outra cousa.

— Della, não é? Diz-me o coração que com alguma paciencia tudo se alcançará. Todos os meios se hão de tentar; e todos elles são bons se se trata de fazer a felicidade sua e della. Bem está o que bem acaba, disse um poeta nosso, homem de juizo. Por em quanto so vejo um obstaculo: a pouca disposição. . .

— So esse?

— Que outro mais?

— Talvez outro, disse a baroneza abaixando a voz; póde ser que não, mas tão infeliz sou neste meu desejo, que hade vir a ser obstaculo, talvez.

— Mas que é?

— Um homem, um moço, não sei quem, sobrinho da mestra que foi de Guiomar. . . Ella mesma contou-me tudo ha pouco.

— Tudo o que?

— Não sei se tudo; mas emfim disse-me que, estando a passear na chacara, víra o tal sobrinho da mestra, junto á cêrca do Dr. Luiz Alves, e ficára a conversar com elle. Que sera isto, Mrs.



Oswald? Algum amor que continúia ou recomeça agora, — agora, que ella ja não é a simples herdeira da pobreza de seus pais, mas a minha filha, a filha do meu coração.

A commoção da baroneza ao proferir estas palavras era tal, que Mrs. Oswald pegou-lhe affectuosamente das mãos e procurou conforta-la com outras palavras de esperança e confiança. Disse-lhe, além disso, que o simples conversar com esse homem, que aliás nenhuma dellas conhecia, não era razão para suppor uma paixão anterior.

— Emfim, concluiu a ingleza, custa-me crer que ella ame a alguém neste mundo. Por em quanto estou que não gosta de ninguem, e a nossa vantagem não é outra senão essa. Sua afilhada tem uma alma singular; passa facilmente do enthusiasmo á frieza, e da confiança ao retrahimento. Ha de vir a amar, mas não creio que tenha grandes paixões, ao menos duradouras. Em todo o caso, posso responder-lhe actualmente pelo seu coração, como se tivesse a chave na minha algibeira.

A baroneza abanou a cabeça.

— Quanto a esse homem continuou Mrs. Oswald, saberemos quem é elle, e que relações de affecto houve no passado.

— Parece-lhe possivel?

— Naturalmente!

A ingleza proferiu ésta unica palavra com a



segurança necessaria para serenar o ânimo da boa senhora, que ficou algum tempo a olhar pasmada para ella, como quem reflectia.

— Ha occasiões, disse emfim a baroneza ao cabo de alguns segundos de silêncio, ha occasiões em que eu quasi chego a sentir remorsos do amor que tenho a Guiomar. Ella veio preencher na minha vida o vacuo deixado por aquella pobre Henriqueta, a filha das minhas entranhas, que a morte levou comsigo, para mal de sua mãe. Se havia de ser infeliz, melhor é que a chore morta, com a esperança de a ir encontrar no ceu. Mas não lhe quiz mais, nem talvez tanto, como a ésta criança, que levei á pia, e de quem Deus me fez mãe...

A baroneza calou-se; ouvira passos no corredor.

Guiomar, embora tivesse ido vestir-se e aprimorar-se, com tão singellos meios o fizera, que não desdizia daquelle matinal desalinho sem que o leitor a viu no capitulo anterior. O penteado era um capricho seu, expressamente inventado para realçar a um tempo a abundancia dos cabellos e a senhoril belleza da testa. As pontas bordadas de um collarinho de cambraia dobravam-se faceiramente sobre o azul do vestido de *glacé*, talhado e ornado com uma simplicidade artistica. Isto, e pouco mais, era toda a moldura do painel,



—um dos mais bellos paineis que havia por aquelles tempos em toda a praia de Botafogo.

— Viva a minha rainha de Inglaterra! exclamou Mrs. Oswald quando a viu assomar á porta da saleta.

E Guiomar sorriu com tanta satisfação e gôzo ao ouvir-lhe ésta saudação familiar, que um observador attento hesitaria em dizer se era aquillo simples vaidade de moça, ou se alguma cousa mais.

A baroneza poz os olhos na afillhada, uns olhos amorosos e tristes, em que a moça reparou, e que a tornaram séria durante alguns rapidos segundos. Mas sorriu depois; e pegando das mãos da madrinha deu-lhe dous beijos no rosto, com tanta ternura e tão sincera, que a boa senhora sorriu de contentamento.

— Não precisa fallar, disse Guiomar, ja sei que me acha bonita. E' o que me diz todos os dias, com risco de me perder, porque se eu acabo vaidosa, adeus, minhas encommendas, ninguem mais poderá comigo.

Guiomar disse isto com tanta graça e singelesa, que a madrinha não pôde deixar de rir, e a melancolia acabou de todo. A sineta do almôço chamou-as a outros cuidados, e a nós tambem, amigo leitor. Em quanto as tres almoçam, relancemos os olhos ao passado, e vejamos quem era ésta Guiomar, tão gentil, tão buscada e tão singular, como dizia Mrs. Oswald.



## Meninice

Guiomar tivera humilde nascimento; era filha de um empregado subalterno não sei de que repartição do Estado, homem probo, que morreu quando ella contava apenas sete annos, legando á viuva o cuidado de a educar e manter. A viuva era mulher energica e resoluta; enxugou as lagrymas com a manga do seu modesto vestido, olhou de frente para a situação e determinou-se á luta e á victoria.

A madrinha de Guiomar não lhe faltou naquelle duro transe, e olhou por ellas, como entendia que era seu dever. A solitudine, porém, não foi tão constante a principio como veio a ser depois; outros cuidados de familia lhe chamavam a attenção.

Guiomar annunciava desde pequena as graças que o tempo lhe desabrochou e perfez. Era uma creaturinha galante e delicada, assaz intelligente



e viva, um pouco travêssa, de certo, mas muito menos do que é usual na infancia. Sua mãe, depois que lhe morrêra o marido, não tinha outro cuidado na terra, nem outra ambição mais, que a de ve-la prendada e feliz. Ella mesma lhe ensinava a ler, — a ler mal, como ella sabía, — e a coser e bordar e o pouco mais que possuia de seu officio de mulher. Guiomar não tinha difficuldade nenhuma em reter o que a mãe lhe ensinava, e com tal affinco lidava por aprender, que a viuva, — ao menos nessa parte, — sentia-se venturosa. Has-de ser a minha doutora, dizia-lhe muita vez; e ésta simples expressão de ternura alegrava a menina e lhe servia de incentivo á applicação.

A casa em que moravam era naturalmente modesta. Alli correu a infancia de Guiomar, longe de esplendores, — cousa indifferente á infancia, — mas solitaria, o que é um pouco mais grave. A mãe, quando a via embebida nos jogos proprios da idade, infantilmente alegre, — mas de uma alegria que fazia mal a seus olhos de mãe, tão fundo lhe doia aquelle viver, — a mãe sentia ás vezes pularem-lhe as lagrymas dos olhos fóra. A filha não as via, porque ella sabía escondel-as; mas advinhava-as atravez da tristeza que lhe ficava no rosto. So não advinhava o motivo, mas bastava que fossem maguas de sua mãe, para lhe descahir tambem a alegria.



Com o tempo, avultou outra causa de tristeza para a pobre viuva, ainda mais dolorosa que a primeira. Na idade apenas de dez annos, tinha Guiomar uns desmaios de espirito, uns dias de concentracção e mudez, uma seriedade, a principio intermittente e rara, depois frequente e prolongada, que desdiziam da meninice e faziam crer á mãe que eram prenuncios de que Deus a chamava para si. Hoje sabemos que não eram. Seria-acaso effeito daquella vida solitaria e austera, que ja lhe ia affeicãoando a alma e como que apurando as fôrças para as pugnas da vida?

A primeira vez que ésta singular gravidade da menina se lhe tornou mais patente foi uma tarde, em que ella estivera a brincar no quintal da casa. O muro do fundo tinha uma larga fenda, por onde se via parte da chacara pertencente a uma casa da visinhança. A fenda era recente; e Guiomar acostumára-se a ir espairecer alli os olhos, ja serios e pensativos. Naquella tarde, como estivesse olhando para as mangueiras, a cobiçar talvez as doces fructas amarellas que lhe pendiam dos ramos, viu repentinamente apparecer-lhe deante, a cinco ou seis passos do lugar em que estava, um rancho de moças, todas bonitas, que arrastavam por entre as arvores os seus vestidos de seda ou cambraia, e faziam luzir aos ultimos raios do sol poente as joias que as enfeitavam. Ellas



passaram alegres, descuidadas, felizes; uma ou outra lhe dispensou talvez algum affago; mas foram-se, e com ellas os olhos da interessante pequena, que alli ficou largo tempo absorta, alheia de si, vendo ainda na memoria o quadro que passára.

A noite veio, a menina recolheu-se pensativa e melancholica, sem nada explicar á solícita curiosidade da mãe. Que explicaria ella, se mal podia comprehender a impressão que as cousas lhe deixavam? Mas, como a mãe entristecesse com aquillo, Guiomar domou o proprio espirito e fez-se tão jovial como nos melhores dias.

Ésta era ainda outra feição da menina; tinha uma fôrça de vontade superior aos seus annos. Com ella, e a viveza intellectual que Deus lhe dera, logrou aprender tudo o que a mãe lhe ensinára, e melhor ainda do que ella o sabia, desde que o tempo lhe permittiu desenvolver os primeiros elementos.

Aos trese annos ficou orphã; este fundo golpe em seu coração, foi o primeiro que ella verdadeiramente pôde sentir, e o maior que a fortuna lhe desfechou. Já então a madrinha a fizera entrar para um collegio, onde aperfeiçoava o que sabia e onde lhe ensinavam muita cousa mais.

Vivia ainda então a filha da baroneza, uma interessante creança de trese annos, que era toda



a alma e encanto de sua mãe. Guiomar visitava a casa da madrinha; a idade quasi igual das duas meninas, a affeição que as ligava, a belleza e meiguice de Guiomar, a graciosa compostura de seus modos, tudo apertou entre a madrinha e a afilhada os laços puramente espirituaes que as uniam antes. Guiomar correspondia aos sentimentos daquella segunda mãe; havia talvez em seu affecto, aliás sincero, um tal encarecimento que podia parecer simulação. O affecto era espontaneo; o encarecimento é que seria voluntario.

Tinha a moça dezeseis annos quando passou para o collegio da tia de Estevão, onde pareceu á baroneza se lhe poderia dar mais apurada educação. Guiomar manifestára então o desejo de ser professora.

— Não ha outro recurso, disse ella á baroneza quando lhe confiou esta aspiração.

— Como assim? perguntou a madrinha.

— Não ha, repetiu Guiomar. Não duvido, nem posso negar o amor que a senhora me tem; mas a cada qual cabe uma obrigação, que se deve cumprir. A minha é... é ganhar o pão.

Éstas últimas palavras passaram-lhe pelos labios como que á fôrça. O rubor subiu-lhe ás faces; dissera-se que a alma cobria o rosto de vergonha.

— Guiomar! exclamou a baroneza.



— Peço-lhe uma cousa honrosa para mim, respondeu Guiomar com simplicidade.

A madrinha sorriu e approvou-a com um beijo, — assentimento de boca, a que ja o coração não respondia, e que o destino devia mudar.

Pouco tempo depois padeceu a baroneza o golpe quasi mortal a que alludiu no capitulo anterior. A filha morreu de repente; e o inopinado do desastre quasi levou a mãe a sepultura.

A affeição de Guiomar não se desmentiu nessa dolorosa situação. Ninguém mostrou sentir mais do que ella a morte de Henriqueta, ninguém consolou tão dedicadamente a infeliz que lhe sobrevivia. Eram ainda verdes os seus annos; todavia revellou ella a posse de uma alma igualmente terna e energica, affectuosa e resoluta. Guiomar foi durante alguns dias a verdadeira dona da casa; a catastrophe abatêra a propria Mrs. Oswald.

O coração da pobre mãe ficára tão vasio, e a vida lhe pareceu tão agra e deserta sem a filha, que ella morreria talvez de saudade, se não fôra a presença de Guiomar. Nenhuma outra creatura poderia preencher, como ésta, o logar de Henriqueta. Guiomar era ja meia filha da baroneza; as circumstâncias, não menos que o coração, tinham-n'as destinado uma para a outra. Um dia, em que a afilhada fôra visitar a madrinha, ésta lhe disse que a iria em breve buscar para sua casa.



— Voce sera a filha que eu perdi; ella não me amou menos, nem eu ja agora teria outra consolação.

— Oh! madrinha! exclamou Guiomar beijando-lhe as mãos.

A baroneza estava assentada; Guiomar ajoelhou-se-lhe aos pes e poz-lhe a cabeça no regaço. A boa mãe curvou-se e beijou-lh'a ternamente, com os olhos naquella filha que os successos lhe haviam dado, e o pensamento no ceu, onde devia estar a outra, que Deus lhe dera e levou para si.

Pouco depois estabeleceu-se Guiomar definitivamente em casa da madrinha, onde a alegria reviveu, gradualmente, graças á nova moradora, em quem havia um tino e sagacidade raros. Tendo presenciado, durante algum tempo, e não breve, o modo de viver entre a madrinha e Henriqueta, Guiomar poz todo o seu esfôrço em reproduzir pelo mesmo theor os habitos de outro tempo, de maneira que a baroneza mal pudesse sentir a ausencia da filha. Nenhum dos cuidados da outra lhe esqueceu; e se em algum ponto os alterou foi para augmentar-lhe novos. Ésta intenção não escapou ao espirito da baroneza; e é superfluo dizer que deste modo os vinculos do affecto mais se apertaram entre ambas.

Ao mesmo tempo que ia provando os sentimentos de seu coração, revellava a moça, não menos,



a plena harmonia de seus instinctos com a sociedade em que entrára. A educação, que nos ultimos tempos recebêra, fez muito, mas não fez tudo. A natureza incumbira-se de completar a obra, — melhor diremos, começal-a. Ninguem adivinharia nas maneiras finamente elegantes daquella moça, a origem mediana que ella tivera; a borboleta fazia esquecer a chrysalida.





## VI

### O post-scriptum

Aquelle conselho de Luiz Alves, na fatal noite de dous annos antes, não ha dúvida que era judicioso e devêra ter ficado no espirito de Estevão. Não convinha reler a carta, sob pena de lhe achar um *post-scriptum*. Estevão era curioso de epistolas; não pôde ter-se que não abrisse aquella. O *post-scriptum* la estava no fim.

Vindo á linguagem natural, Estevão sahiu do jardim de Luiz Alves com o coração meio inclinado a amar de novo a mulher que tanto o fizera padecer um dia. Daqui concluirá alguem que elle verdadeiramente não deixára de a amar. Póde ser; havia talvez debaixo da cinza uma faisca, uma so, e essa bastava a repetir o incêndio. Mas fôsse de um ou de outro modo, o certo é que Estevão sahiu dalli com o princípio do amor no coração.

Todo aquelle dia foi de alvorôço e agitação para elle, que não se resignou logo, antes buscou reagir contra a entrada da paixão nova. A tentativa era



sincera; as forças é que eram escassas. Elle desviava de si a imagem da moça; ella, porém perseguia-o, tenaz, como se fôra um remorso, fatal como a voz de seu destino.

Estevão nada disse a Luiz Alves do encontro e da conversa que tivera com a moça no jardim; e não lh'o escondeu por desconfiança, mas por vergonha. Que lhe diria porém elle que o não tivesse visto e percebido Luiz Alves? Da janella de seu quarto, que dava para o jardim, enfiando os olhos pela fresta das cortinas pôde observa-los durante aquelles tres quartos de hora de innocente palestra. O espectáculo não o divertiu muito; Luiz Alves achou um pouco atrevida a escolha do logar.

A circumstância de os ver juntos chamou-lhe a attenção para a coincidencia do nome da vizinha com o da antiga namorada do collega; era naturalmente a mesma pessoa.

— Vai contar-me tudo, pensou Luiz Alves quando viu o collega affastar-se da cêrca e dirigir os passos para casa.

Estevão, como disse, foi discreto. Vinha preocupado, muito outro do que entrára na vespera, a ler-se-lhe no rosto alguma cousa mais séria do que elle proprio costumava ser.

Tinha Estevão contra si o passado e o futuro. O presente, sim, defendia-o; elle sentia que alguma cousa o distanciava de Guiomar. Mas o passado



fallava-lhe de todas as doces recordações, — as menos amargas, — e a memoria quasi não sabe de outras quando relembra o que foi. O futuro acentava-lhe com as suas esperanças todas, e basta dizer que eram infinitas. Além disso, a Guiomar que elle via agora, surgia-lhe no meio de outra atmosphera, — a mesma que o seu espirito almejava respirar; e apparecia-lhe para fugir logo. Sôbre tudo isto o obstaculo, aquella porta fechada, que bem podia ser a da *cittá dolente*, mas que em todo o cazo elle quizera ver franqueada ás suas ambições.

Os dias correram alternados de confiança e desanimo, tecidos de ouro e fio negro, um lutar de todas as horas, que acabou como era de prever e devia acabar. O coração levou Estevão atraz de si.

Nenhum meio, dos que tinha á mão, lhe esqueceu para ver Guiomar. As janellas da casa estavam quasi sempre desertas. Duas ou tres vezes aconteceu vê-la de longe; ao approximar-se-lhe, sumir-se o vulto na sombra do salão. Não perdia theatro; mas so duas vezes teve o gôsto de a ver: uma no Lyrico, onde se cantava a *Somnambula*, outra no Gymnasio, onde se representavam os *Parisienses*, sem que elle ouvisse uma nota da opera, nem uma palavra da comedia. Todo elle, olhos e pensamento, estava no camarote de Guiomar. No Lyrico foi baldada essa contemplação; a moça



não deu por elle. No Gymnasio, sim; o theatro era pequeno; contudo, antes não fôra visto, tão friamente lhe retribuiu ella o cumprimento, tão tenazmente desviou os olhos do logar em que elle ficára.

Nem por isso deixou Estevão de ir esperal-a á sahida, collocar-se francamente no seu caminho, sollicitar-lhe audazmente os olhos e a attenção. A familia desceu da 2ª ordem pela escada do lado de S. Francisco; a estreiteza do logar era excellente. Dava o braço á baroneza um moço de vinte e cinco annos, figura elegante, ainda que um tanto affectada. Desceram todos tres e ficaram á espera do carro alguns minutos. Na meia sombra que alli havia destacava-se o rosto marmoreo de Guio-mar e a gentileza de seu talhe. Seus grandes olhos vagavam pela multidão, mas não fitavam ninguem. Ella possuia, como nenhuma outra, a arte de gozar, sem as ver, as homenagens da admiração publica.

Irritado com a indifferença da moça, vagou Estevão toda aquella noite, a sos com o seu despeito e o seu amor, tecendo e destecendo mil planos, todos mais absurdos uns que outros. A taça enchêra de todo; era mister entornal-a no seio de um amigo, de um amigo que houvesse nas suas mãos o unico remedio que elle nessa occasião pedia; — a chave daquella porta.



Luiz Alves era esse homem.

— Outra vez cahido! exclamou elle rindo quando Estevão lhe contou tudo. Eu ja o havia percebido. Isto de mulheres . . . . Queres então que te leve la?

— Quero.

Luiz Alves reflectiu alguns instantes.

— E uma viagem, não te seria bom fazer uma viagem? Ja sei o que me vas dizer; mas tambem não te proponho uma viagem de recreio, á Europa. Olha, arranjo-te, se queres, um logar de juiz municipal. . . .

A proposta era sincera; Estevão cuidou ver-lhe uma ponta de zombaria e ergueu os hombros com enfado. A proposta, entretanto, merecia ser examinada; era uma carreira, e vinha de um homem que estava a entrar na vida politica, que esperava dahi a algumas semanas o resultado de uma eleição, com a certeza, ou quasi, de haver triumphado. Era influênciã que nascia, e de força viria a crescer. Mas para Estevão, naquella occasião, toda a carreira pública, influênciã, futuro, leis, tudo estava nos olhos castanhos de Guiomar.

— Eu amo-a, disse elle enfim, isto para mim é tudo. Póde bem ser que tenhas razão; talvez me espere algum grande desgosto; mas são reflexões, e eu não reflecto agora, eu sinto. . .

— Em todo o caso, acudiu Luiz Alves, desempenho o meu dever de amigo; digo-te que voces



não nasceram um para outro; que, se ella te não amou naquelle tempo, muito menos te amará hoje, e que emfim...

Luiz Alves estacou.

— Emfim? perguntou Estevão.

— Emfim pedes-me um sacrificio, concluiu rindo o advogado, por que tambem eu ja a namorisei... Não é preciso carregares o sobr'olho; foi namoro de visinho, tentativa que durou pouco mais de vinte e quatro horas. Com vergonha o digo, ella não me prestou uma migalha de attenção se quer, e eu voltei aos meus autos.

— Então... gostas della? perguntou Estevão.

— Acho-a bonita e nada mais. Aquillo foi um lançar barro á parede; se acceitasse, casava-me; não acceitou...

— Ja ves que somos differentes.

— Queres, então?..

— Um serviço de amigo.

— Bem, disse por fim Luiz Alves, faça-se a tua vontade. A baroneza vai cuidar agora de um processo e mandou-me fallar. Eu passo-te a prebenda; entrarás alli, como advogado, o que de alguma maneira me tira um pêso da consciencia.

Estevão, que so pedia um pretexto, acceitou a offerta com ambas as mãos, e agradeceu-lh'a com tão expansiva ternura, que fez sorrir o outro

A promessa cumpriu-se pontualmente. Luiz Al-



ves apresentou Estevão á baroneza, na seguinte noite, como seu companheiro e amigo, como advogado capaz de zelar os interesses da illustre cliente. A recepção, foi geralmente boa, salvo por parte de Guiomar, que pareceu aborrecida de o ver naquella casa. Quando Estevão a saudou, como quem a conhecia de longo tempo, ella mal pôde retribuir-lhe o cumprimento; em todo o resto da noite não lhe deu palavra. Daquella parte o acolhimento não podia ser peor; mas Estevão sentia-se feliz, desde que podia vê-la, respirar o mesmo ar, nada mais pedindo por ora, e deixando o resto á fortuna.

De todas as pessoas de casa da baroneza, a primeira que reparou na indifferença com que Guiomar tratára Estevão, foi Mrs. Oswald. A sagaz ingleza afivellou a mascara mais impassivel que trouxera das ilhas britannicas e não os perdeu de vista. Nem da primeira nem da segunda vez viu nada mais que os olhos delle, que sollicitavam os della, e os della que pareciam surdos. Havia de certo uma paixão, mas solitaria e desattendida.

— Sabe que descobri um namorado seu? perguntou ella alguns dias depois a Guiomar.

Guiomar fez um gesto de estranheza.

— Entendamo-nos, observou a ingleza; não digo que a senhora o namore tambem; digo que é elle quem anda mordido. Não adivinha?



— Talvez.

— O Dr. Estevão.

Guiomar fez um gesto de desdem.

— Vejo que tinha adivinhado, disse Mrs. Oswald; também não era difficil. Quem tem alguma pratica destas cousas fareja uma paixão a cem legoas de distancia, por mais que ella busque recatar-se dos olhos estranhos. Os namorados geralmente suppõem que ninguem os ve; é uma lastima. Olhe, da senhora posso eu jurar que não está namorada de pessoa nenhuma.

— Que sabe disso? perguntou Guiomar deitando os olhos para o espelho de seu guarda vestidos. Pois estou; mais de mim mesma.

Mrs. Oswald desatou a rir, de um riso grave e pausado. Ella sabia que a moça tinha orgulho de suas graças; era bom caminho affagallhe o sentimento. Disse-lhe muita cousa bonita, que não vem para aqui; e concluiu pondo-lhe as mãos nos hombros, encarando-a fito a fito, e emfim rompendo nestas palavras, meias suspiradas :

— A senhora é a flor desta sua terra. Quem a colherá? Alguem sei eu que a merece...

Guiomar ficou séria, e desafiou brandamente as mãos da ingleza, murmurando :

— Mrs. Oswald, fallemos de outra cousa.



## Um rival

Não era a primeira vez que Mrs. Oswald alludia a alguma coisa que desagradava a Guiomar, nem a primeira que ésta lhe respondia com a sequidão que o leitor viu no fim do capitulo anterior. A boa ingleza ficou séria e calada alguns dous ou tres minutos, a olhar para Guiomar, apparentemente buscando interrogar-lhe o pensamento, mas na realidade sem saber como sahir da situação. A moça rompeu o silêncio:

— Está bom, disse ella sorrindo, não vejo razão para que se zangue commigo.

— Não estou zangada, accudiu promptamente Mrs. Oswald. Zangada porque? Pêza-me, de certo, que a natureza me não dê razão, e que uma alliança tão conveniente para ambos, seja repellida pela senhora; mas se isto é motivo de desgosto, não póde sel-o de zanga . . . .

— Desgosto ?

— Para mim . . . . e naturalmente para elle.



Guiomar respondeu com um simples sacudir de hombros, sêcco e rapido, como quem se lhe não dava do mal ou não acreditava nelle. Mrs. Oswald não atinou qual destas impressões seria, e concluiu que fossem ambas. A moça, entretanto, pareceu arrependê-se daquelle movimento; travou das mãos do ingleza, e com uma voz ainda mais doce e macia que de costume, lhe disse:

— Veja o que é ser creança! Não parece que ainda em cima me zango com a senhora?

— Parece.

— Pois não é exacto. Isto são caprichos de menina mal educada. Dei para não gostar que me adorem... Minto; disso gósto eu; mas quizera que me adorassem somente, não lhe parece?

E Guiomar acompanhou éstas palavras com uma risadinha mimosa e uns gestos de creança travêssa, que destoavam inteiramente da sua gravidade habitual.

— Já sei, gosta de uma adoração como a do Dr. Estevão, silenciosa e resignada, uma adoração..

E Mrs. Oswald, que, como boa protestante que era, tinha a Escriptura na ponta dos dedos, continuou por este modo, accentuando as palavras:

— Uma adoração como a que devia inspirar Jose, filho de Jacob, que era bello como a senhora: «por elle as moças andavam por cima da cêrca...»



— Da cêrca? perguntou Guiomar tornando-se séria.

— Do muro, diz a Escriptura, mas eu digo da cêrca porque... nem eu sei porque. Não córe! Olhe que se denuncia.

Guiomar corára devéras; mas era a altivez e o pundonor offendido que lhe fallavam no rosto. Olhou fria e longamente para a ingleza, com um desses olhares, que são, por assim dizer, um gesto da alma indignada. O que a irritava não era a allusão, que não valia muito, era a pessoa que a fazia, — inferior e mercenaria. Mrs. Oswald percebeu isto mesmo; mordeu a ponta do labio, mas transigiu com a moça.

— Meu Deus! disse ella. Parece que se zangou por uma brincadeira á toa. Bem sabe que eu não podia querer aggravar-a; suppol-o é offender-me a mim, — a mim, que tambem lhe tenho affecto de mãe....

A última palavra aquietou o ânimo de Guiomar; ella tinha cedido ao impulso do seu character altivo, mas a razão veio depois, e o coração tambem, que não era mau. A ingleza, que possuia longa pratica da vida e sabia ceder a tempo, uniu o gesto á palavra e chamou-a com os braços para si. Guiomar deixou-se ir, um pouco de ma vontade, e a conversa teria acabado alli, se Mrs. Oswald não lhe dissesse com a mais doce voz que daquella garganta podia sahir:



— Convença-se de que eu sou importuna e indiscreta por affeição, e que a felicidade desta familia é toda a ambição da minha alma. Não póde haver intenção melhor do que ésta. Um conselho último, — último se me não consentir mais fallar-lhe nisto; — eu creio que a senhora sonha talvez demais. Sonhará uns amores de romance, quasi impossiveis? digo-lhe que faz mal, que é melhor, muito melhor contentar-se com a realidade; se ella não é brilhante como os sonhos, tem pelo menos a vantagem de existir.

Guiomar cravára desta vez os olhos no chão, com a expressão vaga e morta de quem os apagou para as cousas externas. As palavras de Mrs. Oswald responder-lhe-hiam acaso a alguma voz intima? A ingleza proseguiu na mesma ordem de ideias, sem que ella a interrompesse ou dêsse signal de si. Quando ella acabou, Guiomar estremeceu, como se acordasse; levantou a cabeça, e lenta, e commovida, proferiu esta unica resposta:

— Talvez tenha razão, Mrs. Oswald, mas em todo o caso os sonhos são tão bons!

Mrs. Oswald abanou a cabeça e sahiu; Guiomar acompanhou-a com os olhos, a sorrir, satisfeita de si mesma, e a murmurar tão baixo que mal a ouvia o seu proprio coração:

— Sonhos, não; realidade pura.

Supponho que o leitor estara curioso de saber



quem era o feliz ou infeliz mortal, de quem as duas trataram no dialogo que precede, se é que já não suspeitou que esse era nem mais nem menos o sobrinho da baroneza, — aquelle moço que apenas de passagem lhe apontei nas escadas do Gymnasio.

Era um rapaz de vinte e circo a vinte e seis annos. Jorge chamava-se elle; não era feio, mas a arte estragava um pouco a obra da natureza. O muito mimo empece a planta, disse o poeta e ésta maxima não é so applicavel á poesia, mas tambem ao homem. Jorge tinha um lindo bigode castanho, untado e retesado com excessivo esmêro. Seus olhos, claros e vivos, seriam mais bellos, se elle não os movesse com affetção, ás vezes feminina. O mesmo direi de seus modos, que seriam faceis e naturaes, se os não tornasse tão alinhados e medidos. As palavras sahiam-lhe lentas e contadas, como a fazer sentir toda a munificencia de seu autor. Não as proferia elle como as demais pessoas; cada syllaba era por assim dizer espremida, sendo facil ver ao cabo de alguns minutos, que elle fazia consistir toda a belleza da elocução nesse alongar do vocabulo. As ideias orçavam pelo modo de as exprimir; eram chochas por dentro, mas traziam uma codea de gravidade pesadona, que dava vontade de ir espairecer o ouvido em cousas leves e folgazãs.



Taes eram os defeitos apparentes de Jorge. Outros havia, e desses o maior era um peccado mortal, o setimo. O nome que lhe deixára seu pae, e a influencia da tia podiam servir-lhe nas mãos para fazer carreira em alguma cousa pública; elle, porém, preferia vegetar á toa, vivendo do peculio que de seus paes herdára e das esperanças que tinha na afeição da baronesa. Não se lhe conhecia outra occupação.

Não obstante os defeitos apontados, havia nelle qualidades boas; sabía dedicar-se, era generoso, incapaz de malfazer, e tinha sincero amor á sua velha parenta. A baroneza, pela sua parte, queria-lhe muito; Guiomar e elle eram as suas duas afeições principaes, quasi exclusivas.

Tal era a pessoa cujos interesses defendia Mrs. Oswald, por amor da baroneza, e não menos de si propria. A baroneza tambem tinha os seus sonhos, como ella mesma disse, e esses eram deixar felizes aquellas duas crianças. Jorge pela sua parte estava disposto a estender o collo ao sacrificio; e bem examinadas as cousas, talvez amasse sinceramente a moça. A differença entre elle e Estevão é que o seu amor era tão medido como os seus gestos, e tão superficial como as suas outras impressões.

Do que ahi fica dito, facilmente comprehenderá o leitor que, dos dous namorados, so um percebeu



logo o sentimento do outro. A alma de Estevão andava-lhe nos olhos, enchendo-os de maneira que elle não podia ver nada mais além de Guiomar.

Ao cabo de duas semanas a situação de Estevão podia dizer-se menos ma; na opinião d'elle era excellente. A baronesa soube quem elle era; Guiomar contára-lhe tudo; mas a ingleza, não menos que a observação propria, lhe mostrou que nenhum perigo corria Guiomar, e excluido o perigo, restavam as boas qualidades do bacharel, que de todo lhe cahiu em graça. Mrs. Oswald navegou nas mesmas aguas mansas. O proprio Jorge, naturalmente por que confiava em si, não temeu do rival, e pouco tardou que lhe abrisse os cancellos da sua gravidade. Que admira, pois, que a mesma Guiomar afrouxasse um pouco da primeira rigidez?

Aquelle bom rapaz tinha a salutar credence da esperanza, em que muita vez se resumem todas as bençãos da vida. Pedia muito, como alma sequiosa que era, mas bem pouco bastava a contental-o. Sua imaginação multiplicava os zeros; com um grão de arêa construiria um mundo. A affabilidade de uns e a cortezia de outros, tanto bastou para que elle se julgasse quasi no termo de suas aspirações; e posto não lhe dêsse Guiomar uma so das animações de outro tempo, — que alias tão frageis eram, ainda assim acreditou elle piamente que o amor nascia, ou renascia, naquelle rebelde coração.



Guiomar, no meio das afeições que a cercavam, sabia manter-se superior ás esperanças de uns e ás suspeitas de outros. Egualmente cortez, mas egualmente impassivel para todos, movia os seus olhos com a serenidade da isenção, não namorados, nem sequer namoradores. Ella teria, se quizesse, a arte de Armida; saberia refrear ou aguilhoar os corações, conforme elles fôsem impacientes ou tibios; faltava-lhe porém o gôsto, — ou melhor, sobrava-lhe o sentimento do que ella achava que era a sua dignidade pessoal.

---



## Golpe

### VIII

Um dia de manhã accordou Estevão com a resolução feita de dar o golpe decisivo. Os corações frouxos tem destas energias subitas, e é proprio da pusilanimidade illudir-se a si mesma. Elle confessava que nada havia feito, e que a situação exigia alguma cousa mais.

— Nunca as circumstâncias foram mais propícias do que hoje, pensava o rapaz; Guiomar trata-me com affabilidade de bom agouro. Demais, ha nella espirito elevado; ha de reconhecer que um sentimento discreto e respeitoso, como este meu, vale um pouco mais do que lisonjarias de sala.

A resolução estava assentada; restava o meio de a tornar effectiva. Estevão hesitou largo tempo entre dizer de viva voz o que sentia ou transmittil-o por via do papel. Qualquer dos modos tinha para elle mais perigos que vantagens. Elle receiava ser frio na declaração escripta ou incompleto na con-



fissão oral. Irresoluto e vacillante, ambos os meios adoptou e repelliu, a curtos intervallos; emfim, deferiu a escolha para outra occasião.

O acaso suppriu a resolução, e o premeditado cedeu o passo ao fortuito. Ha grandes accções na vida, — e na história, — que não tem outra origem, tão certo é que o homem é somente collaborador nos acontecimentos.

Uma tarde, tendo algumas pessoas jantado em casa da baroneza, foram passear depois á chacara. Estevão que, como Luiz Alves, era dos convivas, affastou-se gradualmente dos outros grupos, e approximou-se daquella cêrca historica onde, após dous annos de ausencia e esquecimento, vira, ja transformada a formosa Guiomar. Era a primeira vez que elle punha os olhos nesse sitio, depois da conversa, que ahi tivera com ella. A commoção que sentiu foi naturalmente grande; resurgia-lhe o quadro ante os olhos, a hora, o ceu brilhante, o doce alento da manhã, e por fim a figura da moça, que alli appareceu, como a alma do quadro, trazendo-lhe recordações, que elle julgava mortas, esperanças que suppunha impossiveis.

Estevão curvou a cabeça ao doce pêzo daquellas memorias; sua alma bebeu, a largos haustos, a vida toda que a imaginação lhe creava e talvez que a noite o tomára na mesma attitude, se



uma voz — a voz maviosa de Guiomar, — lhe não dissesse a poucos passos de distância :

— Sr. doutor, perdeu alguma cousa?

O rapaz volveu rapidamente a cabeça, e viu a moça, que atravessava uma das calhes proximas, a olhar e a sorrir para elle. Estevão sorriu tambem, e com uma presença de espirito assaz rara em namorados, sobretudo em namorados como elle era, promptamente respondeu :

— Não perdi nada, mas achei uma cousa.

— Vejamos o que foi.

E Guiomar approximou-se, a passo firme e seguro, e Estevão, sem muito vacillar, alli mesmo forjou uma reflexão philosophica a respeito de um insecto que casualmente passava por cima de uma folha secca. A reflexão não valia muito, e tinha o defeito de vir um pouco forçada e de acarreto; a moça sorriu, entretanto, e ia continuar o seu caminho, quando elle, colhendo as forças todas, a fez deter com éstas palavras :

— E se eu tivesse achado outra cousa?

— Ainda mais! exclamou ella voltando-se rissonha.

Estevão deu dous passos para Guiomar, desta vez commovido e resolutto. A moça fez-se séria e dispoz-se a ouvil-o.

— Se eu tivesse achado neste logar, continuou elle, longos dias de esperanza e de saudade, um



passado que eu julgára não reviver mais, uma dor occulta e medrosa, vivida na solidão, nutrida e consolada de minhas proprias lagrymas? Se eu tivesse achado aqui a página rôta de uma história começada e interrompida, não por culpa de ninguém na terra, mas da estrêlla sinistra da minha vida, que um anjo mau accendeu no ceu, e que, talvez, talvez ninguém nunca apagará?

Estevão calou-se e ficou a olhar fixamente para Guiomar.

Aquella declaração repentina e rosto a rosto estava tão longe do temperamento do rapaz, que ella gastou alguns segundos longos primeiro que voltasse a si do assombro. Elle proprio admirava-se do atrevimento que tivera; e emquanto pendia dos labios da moça, repassava na memoria, aliás confusamente, o que tão a frouxo lhe sahira do peito naquella hora de abençoada temeridade.

— Se tivesse achado tudo isso, respondeu Guiomar sorrindo, é natural que preferisse achar outra cousa menos melancholica. Entretanto, parece que nada mais achou do que esta occasião de fallar, com a viva imaginação que Deus lhe deu; n'um ou n'outro caso, porém, posso de certo lastimal-o ou admiral-o, mas não me é dado ouvil-o.

E Guiomar ia de novo affastar-se, quando Estevão, receiando perder a occasião que a fortuna lhe offerencia, disse de longe com voz triste e supplice:



— Attenda-me um so minuto!

— Não um, mas dez — respondeu a moça estacando o passo e voltando o rosto para elle — e serão provavelmente os ultimos em que fallaremos a sos. Cedo á commiseração que me inspira o seu estado; e pois que rompeu o longo e expressivo silêncio em que se ha conservado até hoje, concedo-lhe que diga tudo, para me ouvir uma so palavra.

A moça fallára n'um tom sêcco e imperioso, em que mais dominava a impaciencia do que a commiseração a que vinha de alludir. O coração de Estevão batia-lhe como nunca, — como o coração costuma bater nas crises de uma angústia suprema. Todo aquelle castello de vento, laboriosamente construido nos seus dias de illusão, todo elle se esboroava e desfazia, como vento que era. Estevão arrependera-se do impulso que o levára a violar ainda uma vez o segrêdo dos seus sentimentos intimos, a abrir mão de tantas esperanças, alimentadas com o melhor do seu sangue juvenil.

Alguns instantes decorreram em que nem um nem outro fallou; ambos pareciam medir-se, ella serena e quieta, elle tremulo e gelado.

— Uma so palavra, repetiu Estevão, e essa advinho que sera de desengano. Embora! Pois que me atrevi a dizer-lhe alguma cousa, fôrça é que lhe diga tudo, — feliz, se me restar, ao menos, a



maior fortuna o que já agora posso aspirar, — o seu remorso.

Guiomar ouvira-o tranquillamente; a última palavra fel-a estremecer. Sorriu, entretanto, de um sorriso um pouco voluntario e esperou.

A narração foi longa, tanto quanto o permittiam a occasião, o logar e a pessoa; durou apenas dez minutos. Estevão nada lhe escondeu, nem o amor que lhe tivera out'ora, nem o que agora lhe renascia, mais violento que o primeiro; disse-lhe as dores que curtira, as esperanças que afinal lhe enfloravam a alma, tudo quanto emprehendêra para ter a ventura de a contemplar de perto, de gozar naquelle escasso ponto da terra a maior de todas as bemaventuranças

Tal é a transcripção, não litteral, mas fiel, do que disse Estevão durante esses dez minutos. As palavras cahiam-lhe dos labios tremulas e lacrymosas; a voz sahia-lhe sumida, em parte por que elle forcejava em a abafar, afim de que o não ouvissem, em parte porque a commoção lhe comprimia a garganta. A dor era visivelmente sincera; a eloquencia vinha do coração.

Guiomar não ouvira tudo com a mesma expressão; a principio um meio riso parecia desabrochar-lhe os labios; mas não tardou que pelo rosto abaixo lhe cahisse um veu mais compassivo e humano. Havia nella impaciencia e anciedade de aca-



bar, de sahir dalli; era, sem dúvida, o receio de que a ausencia se prolongasse de maneira que inspirasse suspeitas. Mas havia tambem commiseracão e piedade.

— Nenhuma culpa lhe póde caber do mal que tenho padecido, disse Estevão concluindo: sobretudo agora, so eu, so a minha cabeça é a causa unica de tudo. Parecia-me ver o contrário do que existia; cheguei a suppor que havia em seu coração alguma cousa que não era a total indifferença; vejo que foi tudo illusão.

O tom em que elle fallára era o mesmo das palavras que ahi ficam, todas humildes e resignadas, sem o menor laivo de queixa ou de reproche. Uma submissão assim devia por fôrça commover a uma mulher amada. Guiomar fallou-lhe sem aze-dume:

— Era illusão, disse ella. O sentimento que me acaba de revellar inteiro, ninguem o recebe ou nutre de vontade; a natureza o infunde ou nega. Posso eu ter culpa disso?

— Nenhuma.

— Nem o senhor tambem; e espero que esta mutua justiça avigore o sentimento de estima que devemos ter um para com o outro. Mas estima apenas, não póde haver outra cousa,—da minha parte ao menos. E' pouco, de certo...



— Não é pouco, é cousa differente, interrompeu Estevão.

— Mas não espere nada mais, concluiu Guiomar sem ouvir a interrupção.

Estevão abriu a bocca para fallar, mas não achou palavra que lhe dissesse o que sentia; levou a mão ao coração, que batia fortemente, e ficou a olhar para ella com os olhos seccos e parados, a voz extincta, como se a alma lhe fugira toda. Era claro, depois daquelle desengano, que lhe cumpria não voltar alli mais, pelo menos com a assiduidade da esperança; e assim era que a unica e amarga satisfação de a ver, nem essa ja agora se lhe consentia.

— Dou-lhe um conselho, disse Guiomar depois de alguns segundos de pausa, seja homem, vença-se a si proprio; seu grande defeito é ter ficado com a alma creança.

— Talvez, respondeu o moço suspirando.

— E adeus. Fallamos a sos, mais do que convinha; não sei se outra consentiria nisto. Mas eu não so reconheço os seus sentimentos de respeito, como desejo que éstas poucas palavras trocadas agora ponham termo a aspirações impossiveis.

Guiomar estendeu-lhe a mão, em que elle tocou levemente.

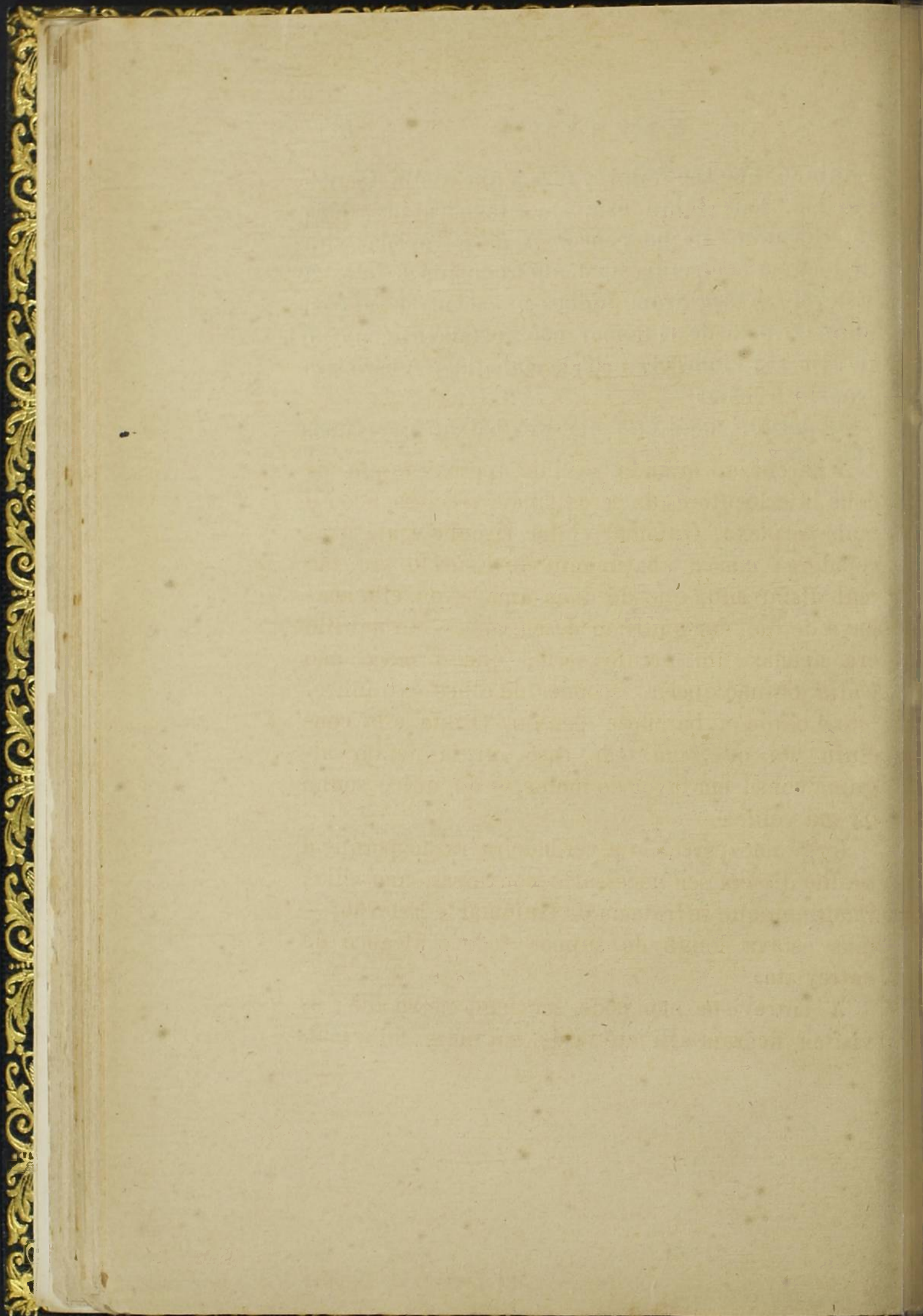
A baroneza appareceu, entretanto, a algumas braças de distância; vinha encostada ao braço do



sobrinho, que lhe fallava, mas a quem ella ja não ouvia. Seus olhos estavam cravados nos dous interlocutores de ha pouco. A moça, apenas vira de longe a madrinha, deu affoutamente o braço a Estevão, e seguiram ambos a encontrar-se com ella. O rosto de Guiomar não revellava nada; o de Estevão vinha perturbado e abatido. A baroneza franziu a testa:

— Jorge, disse ella em voz baixa, precisamos conversar.







## Cônspiração

A baroneza, quando se lhe approximaram os dous interlocutores da cerca, mais receiosa ficou e mais perplexa. Guiomar vinha risonha e até gracedadora; mas o abatimento de Estevão era tão mal disfarçado, que de duas uma, — ou ella acabava de lhe dar o último desengano, — ou aquillo era apenas um arrufo serio, que o moço não podia ou não queria esconder de olhos extranhos. Isto é o que a baroneza pensou. O que ella concluiu foi que, em todo caso, urgia tentar alguma cousa em favor do maior, — do unico sonho da sua velhice.

Jorge não percebeu a verdadeira razão porque a tia lhe dissera ser necessario conversar com ella; imaginou que se trataria de Guiomar e Estevão, — mas estava longe de suppor todo o alcance da entrevista.

A entrevista não pôde ser logo nesse dia; as visitas ficaram alli até tarde, e a noite foi a mais



agradavel e distrahida de todas as noites; Guio-  
mar, sobretudo, esteve como nunca, jovial e inte-  
ressante. A serenidade parecia morar-lhe na alma  
e reflectir-se-lhe no rosto, — tantas vezes pensativo,  
mas agora tão frio e tão nú.

Não será preciso dizer a um leitor arguto e de  
boa vontade . . . . Oh! sobretudo de boa vontade,  
porque é mister havel-a, e muita, para vir até  
aqui, e seguir até o fim, uma história, como ésta,  
em que o autor mais se occupa de desenhar um  
ou dous caracteres, e de expor alguns sentimentos  
humanos, que de outra qualquer cousa, por que  
outra cousa não se animaria a fazer; — não sera  
preciso declarar ao leitor, dizia eu, que toda aquella  
jovialidade de Guíomar eram punhaes que se lhe  
cravavam no peito ao nosso Estevão. Elle não  
podia suppol-a abatida; mas penalizada, ao menos,  
um pouco respeitosa para com a dor que havia  
nelle, isto, sim, imaginava que sería. Mas nada  
disso foi; e o pobre rapaz sahiu dalli mais cedo  
do que pensára e quizera sahir.

Na alcova, se elle podesse vel-a mais tarde na  
alcova, solitaria e toda comsigo, sentada na pol-  
trona rasa ao lado da cama, com os cabellos des-  
feitos, os pésinhos mettidos nas chinellas de setim  
preto, as mãos no regaço e os olhos vagando de  
objecto em objecto, como se reproduzissem fóra as  
attitudes interiores do pensamento, alli não so elle



a adoraria de joelhos, como ella merecia, mas até poderia suppor que alguma preocupação lhe tirava o somno e que essa era nem mais nem menos elle proprio.

Talvez fôsse; em parte ao menos seria elle. Guiomar não tinha um coração tão mau, que lhe não doessem as maguas de um homem que acertára ou desacertára de a amar. Mas fôsse uma, ou fossem muitas as causas daquella preocupação, a verdade é que ella durou muito tempo. Guiomar passou da poltrona á janella, que abriu toda, para contemplar a noite,—o luar que batia nas aguas, o ceu sereno e eterno. Eterno, sim, eterno, leitora minha, que é a mais desconsoladora lição que nos poderia dar Deus, no meio das nossas agitações, lutas, ancias, paixões insaciaveis, dores de um dia, gozos de um instante, que se acabam e passam comnosco, debaixo daquella azul eternidade, impassivel e muda como a morte.

Pensaria nisto Guiomar? Não, não pensou nisto um minuto sequer; ella era toda da vida e do mundo, desabrochava agora o coração, vivia em plena aurora. Que lhe importava, — ou quem lhe chegára a fazer comprehender ésta philosophia secca e arida? Ella vivia do presente e do futuro e, — tamanho era o seu futuro, quero dizer as ambições que lh'o enchiam, — tamanho, que bastava a occupar-lhe o pensamento, ainda que o presente



nada mais lhe dera. Do passado nada queria saber; provavelmente havia-o esquecido.

A madrugada achou-a dormindo; mas os primeiros raios do sol vieram acordal-a, na fórma do costume, para o matinal passeio com a madrinha. Guiomar sacrificava tudo á dedicação filial de que já dera tantas provas. A baroneza, entretanto, estava preocupada; o passeio foi differente do dos outros dias.

Ao meio-dia metteu-se Guiomar no carro, com Mrs. Oswald, e sahiram a uma visita. A baroneza ficou so; Jorge não a deixou ficar so por muito tempo, porque chegou dahi a pouco.

A baroneza não perdeu tempo em circunloquios. Apenas viu o sobrinho interpellou-o directamente:

— Disseram-me, foi Mrs. Oswald quem me disse que tu gostas de Guiomar.

Jorge não contava muito com semelhante interrogação; todavia, não era tão ingenuo que corasse, nem tão apaixonado que lhe tremesse a voz. Puchou gravemente os punhos da camisa, concertou a gravata, e respondeu singellamente:

— Não me atrevia a fallar-lhe destas cousas...

— Porque não? — interrompeu a baroneza; são assumptos que se podem tratar entre mim e ti, sem desar para nenhum de nós. E' então verdade o que me disse Mrs. Oswald?

— E'.



— Amas devéras, ou...

— Devéras. Recuaria, se visse que uma alliança entre nós ficava mal ao lustre de nossa familia; mas, posto que ella seja...

— Guiomar é minha filha, apressou-se a dizer a baroneza.

— Justamente; não pode haver melhor titulo.

— Tem ainda outro, continuou a baroneza; é uma alma angelica e pura. Henriqueta não teve melhor coração nem mais amor aos seus. Além disso, a natureza deu-lhe um espirito superior á classe em que ella viu a luz, de maneira que a fortuna não fez mais do que emendar o equivoco do nascimento. Finalmente é de uma belleza pouco commum...

— Rara, titia, póde dizer que é de uma belleza rara, acudiu Jorge, e pela primeira vez lhe luziu nos olhos alguma cousa, que não era a gravidade do costume.

— Ja ves, proseguiu a baroneza, que ella possue todos os direitos ao amor e á mão de um homem, como tu.

A baroneza tinha um coração ingenuo e lizo, sem desvios nem astucias; comtudo, ha occasiões em que o mais recto espirito emprega, como por instincto, finuras diplomaticas. A boa senhora tinha tanto a peito aquella união do sobrinho com a



afilhada, que não confiava so do amor; procurava interessar-lhe tambem o amor proprio.

Jorge curvou-se com affectada modestia.

— Um homem, como eu, — disse elle — vale pouco por si mesmo; o valor que tenho, e esse é muito, vem do nome de meus pais e do seu, titia, e das santas qualidades que a adornam...

— So uma, Jorge, só uma qualidade santissima: é a de amal-os, a ti e a ella. Por isso foi immenso o gôsto que senti quando Mrs. Oswald me disse que gostavas de Guiomar. Acredita que se eu tivesse a fortuna de ver a voces unidos e felizes, morreria contente.

— Oh! isso! disse Estevão com ar de dúbida.

— Julgas impossivel o casamento?

— Impossivel, não; impossivel, nada ha. Mas... mas supponho que a vontade della é indispensavel, tão indispensavel como duvidosa.

— Duvidosa! Estás certo disso?

Jorge tinha-se levantado e dera alguns passos, não agitado de todo, mas um pouco fóra da impassibilidade usual. A ideia do casamento apparecia-lhe agora um pouco mais possivel e exequivel, desde que a tia francamente lhe propuzesse aliança.

— Estás certo disso? repetiu a baroneza.

— Certo não; mas ha toda a razão para a dúbida. Guiomar sabe que eu gôsto della; e comtudo



não me dá o menor signal de corresponder aos meus sentimentos.

E Jorge, vendo na baroneza menos uma parenta edosa do que uma alliada, expoz longamente todas as razões que tinha para crer que a vontade de Guiomar não correspondia á delle; referiu-lhe, com a maior exacção e fidelidade, uns tres ou quatro episodios que lhe pareciam boa prova daquillo que dizia. A baroneza não ouvia tudo com egual attenção. Quando elle acabou:

— Guiomar sera muito vexada, — disse ella — e ás vezes, e por isso mesmo, tem essas apparencias frias. Nada obsta, porém, a que venha a amar-te, se é que ja te não ama. Ha nella certa altivez natural, que póde explicar tambem essa friesa; parece-me que lhe sería penoso receber o amor de alguém que julgasse levantá-la até si.

— Isso, talvez...

— Mas esse sentimento, que póde ser e é honroso, não é de certo invencivel.

Todas éstas palavras da baroneza lisonjeavam o sobrinho, em cujos labios pairava agora um sorriso de íntima satisfação. De quando em quando não ouvia elle nada do que lhe dizia a tia; seus ouvidos voltavam-se para dentro; elle escutava-se a si proprio. O amor de Guiomar começava a parecer-lhe possivel; tudo quanto a baroneza lhe dizia era razoavel, com a vantagem de lhe esclarecer as



faces obscuras da situação. Demais, até que ponto a baroneza conjecturava ou revellava? Bem podia ser que ella tivesse lido mais fundo no coração da moça.

Éstas reflexões fel-as Jorge, em quanto a baroneza continuava a fallar e a desenvolver a ideia que ultimamente indicára. Até aquelle dia havia elle limitado toda a sua acção a alguns olhares, e raras palavras de comprimento; a entrevista com a tia dera-lhe animação; pareceu-lhe chegado o ensejo de sahir daquella paz armada.

Guiomar chegou d'ahi a pouco e achou-os na « saleta de trabalho, » euphemismo elegante, que queria dizer litteralmente — saleta de conversação entremeada de *crochet*. Mrs. Oswald vinha com ella; ambas riam alegremente de não sei que episodio visto no caminho. Jorge erguera-se, pausado mas risonho, apertou a mão de Guiomar, — apertou-a devéras, mais do que era usual e cortez. Guiomar não pareceu affigir-se; perguntou-lhe pela saude, transmittiu á madrinha as lembranças que lhe mandavam e dispoz-se a sahir para a *toilette*.

Durante esse tempo, Jorge olhava para ella, enlevado devéras na contemplação de toda aquella nobre figura, agora mais bella que d'antes, desde que se lhe tornára possivel a alliança ha muito sonhada. Havia nos olhos de Jorge uns taes ou quaes vestigios lubricos, donde se podia collêr que se



elle fôsse poeta, e poeta arcadico, editaria pela mil-lionesima vez a comparação da Venus e dos seus seus infalliveis amorinhos; comparação detestavel, sobretudo, porque a casta belleza de moça, se alguma cousa pagã lhe podia ser chamada, seria antes Diana convertida ao Evangelho.

Jorge sahiu dalli singularmente agitado; a conversa da baroneza dera-lhe nervo e resolução, e o quadro do casamento começou a desenhar-se-lhe no espirito, como o relógio que o menino tem de usar pela primeira vez. Até alli deixára-se elle ir á feição das aguas; agora via a necessidade e a possibilidade de abicar á riba feliz do matrimonio.

As duvidas de Estevão não lhe saltaram o espirito: apenas chegou a casa travou da penna, e lançou na folha branca e lustrosa de seu papel uma confissão elegante e polida, que todavia refundi duas ou tres vezes, primeiro que a dêsse por prompta. Acabada a redacção final, transcreveu aquella sua prosa do coração na mais nitida folha que havia em casa, — dobrou o escripto e metteu-o na algibeira.

De noite foi á casa da tia. Achou as senhoras á volta de uma meza; Guiomar lia, para a madrinha ouvir, um romance francez, recentemente publicado em Paris e trazido pelo último paquete. Mrs. Oswald lia tambem, mas para si, um grosso volume de Sir Walter Scott, edição Constable, de Edimburgo.



Jorge veio interromper-as um pouco, mas so interromper, porque a leitura continuou logo depois, ajudando elle proprio a Guiomar naquella filial tarefa. Veiu o cha, veiu depois a hora de recolher, e a baronesa deu por findo o serão, ainda que o livro estava quasi findo.

— Um capítulo mais, aventurou Jorge com o livro aberto nas mãos.

A baroneza sorriu e voltou os olhos para Guiomar, a cuja conta lançou aquella dedicação do sobrinho; recusou comtudo, por estar a cahir com somno.

— Eu é que não me deito sem saber o resto, declarou Guiomar; levo o livro commigo.

— Ah! disse Jorge com um gesto de satisfação.

E enquanto Guiomar se dispunha a acompanhar a madrinha até á porta do quarto, e Mrs. Oswald marcava a página e fechava o seu livro, Jorge egualmente fechava o outro, mas com tal demora e cuidado, que deu muito que entender á ingleza. Se ella chegou a entender, vel-o-hemos depois; o certo é que o livro foi emfim entregue a Guiomar, tendo a página marcada, não com a fita que lá estava pendente, mas com um pedacinho de papel.

O pedacinho de papel era a carta; apenas uns poucos centímetros de altura; mas por mais exiguas que tivesse as dimensões, bem podia ser que levasse alli dentro nada menos que uma tempestade proxima.



## A revelação

Meia hora depois, indo a abrir o livro para continuar a leitura, viu Guiomar a cartinha de Jorge. Não tinha sobrecarta; era um simples papelinho dobrado, rescendendo a amores. O espirito de Guiomar estava tão longe d'aquillo que não suspeitou nada e distrahidamente o abriu. A primeira palavra escripta era o seu nome; a última era o de Jorge.

O primeiro gesto de Guiomar foi de colera. Se elle pudesse espreita-la pelo buraco da fechadura, e vêr-lhe a expressão do rosto, é mui provavel que se lhe convertesse em aborrecimento todo o amor que até agora nutria. Mas elle não estava alli; a moça podia traduzir fielmente no rosto os movimentos de seu coração.

— Mais um, pensou ella; este porém . . . .

E desta vez o gesto não foi de colera, foi de alguma cousa mais, metade fastio metade lástima, mescla difficil e rara, que so o desprezo,



em certos espiritos, sabe produzir. Guiomar sentia que de quantas armas de combate a natureza deu á creatura humana, o desdem é a verdadeiramente invencível, e em certos lances, a mais nobre de todas.

A moça ficou algum tempo quieta, a olhar para o papel, sem o querer ler, como a hesitar entre queimal-o ou restitui-lo intacto a seu autor. Mas a curiosidade venceu por fim; Guiomar abriu o papel e leu éstas linhas:

« GUIOMAR! Perdoe-me se lhe chamo assim; as convenções sociaes condemnam-me de certo, mas o coração approva, que digo? elle mesmo escreve éstas letras. Não é a minha penna, não são os meus labios que lhe fallam deste modo, são todas as fôrças vivas da minha existencia, que em alta voz proclamam o immenso e profundo amor que lhe tenho.

« Antes de o ler neste papel, ja a senhora o hade ter visto, pelo menos adivinhado nos meus olhos, na doce embriaguez que em mim produz a presença dos seus. Persuado-me de que todo o meu esforço em recalcar este affecto é vão; por mais que eu sinceramente deseje esquecel-a, não o alcançarei nunca; não alcançarei mais que uma afflicção nova: o remorso de o tentar virá coroar os demais infortunios.

« Porque razão rompo hoje o silêncio em que



me tenho conservado, medroso e respeitoso silêncio que, se me não abre a caminho da glória, ao menos conserva-me a palma da esperança? Nem eu mesmo saberia responder-lhe; fallo, porque uma fôrça interior me manda fallar, como trasborda o rio, como se derrama a luz; fallo porque morreria talvez se me calasse, do mesmo modo que morrerrei de desespêro, se além do perdão que lhe peço, me não der uma esperança mais segura do que ésta, que me faz viver e consumir. —

JORGE. »

Guiomar leu esta carta duas vezes, uma leitura de curiosidade, outra de analyse e reflexão, e ao cabo da segunda achava-se tão fria como antes da primeira. Olhou algum tempo para o papel e mentalmente para o homem que o havia escripto; emfim, poz a carta de lado, abriu o livro e continuou o romance.

Mas o espirito, que não ficára tão indifferente como o coração, entrou a fugir-lhe do romance para a vida, com tal tenacidade que não houve remedio senão irem os olhos atraz d'elle, e a moça de novo mergulhou nas reflexões que lhe suggeria o caso da paixão de Jorge.

Paixão não era, — não o seria ao menos no sentido amplo e nobre do vocabulo; mas alguma cousa menos, ou parecida com ella, e ainda assim verdadeira, via bem Guiomar que o poderia ser.



Até que ponto chegaria entretanto, o seu adorador, se ella o desattendesse logo; e, dado o amor que a baroneza tinha ao sobrinho, até que ponto a sua recusa iria magoal-a? Guiomar varreu de seu espirito os receios que lhe nasciam de taes interrogações; mas sentiu-os primeiro, pezou-os antes de os arredar de si, o que revellará ao leitor em que proporção estavam nella combinados o sentimento e a razão, as tendencias da alma e os calculos da vida.

Excluido o receio, voltou-lhe o riso, aquelle riso interior, que é o mais involuntario e cruel, e tambem o menos arriscado que a gente póde dar ás fatuidades humanas. Não podia ser tão despresivel assim o amor de um homem, cuja ridiculidade compensavam algumas qualidades boas, e que emfim era tambem distincto, ainda que a sua distincção primasse antes por um estylo rendilhado e complicado, que não é o melhor. Guiomar via tudo isso; e por outro lado, não podia obstar que elle a amasse; nem por isso achava menos temeraria aquella confissão.

A moça reflectia tambem na posição especial que tinha naquella casa o sobrinho da baroneza; via-se obrigada á presença d'elle, e talvez á luta, porque o pretendente não recuaria do primeiro golpe. Não havia taes receios da parte de Estevão; ella reconhecia que a paixão deste era ardente e



profunda, e por isso mais capaz de desatinos; mas comparava as ídoles dos dous homens, e se ambos lhe pareciam de fraca compleixão moral, nem por isso desconhecia que ao bacharel faltava certa presumpção que distinguia o outro, e com a qual teria talvez de pelejar.

Quando ella fez ésta comparação entre os dous homens, ficaram-lhe os olhos um pouco mais molles e quebrados, obra de tres minutos apenas, mas tres minutos que, se Estevão soubera delles, trocaria por elles o resto de toda a vida. E comtudo, não era amor nem saudade; alguma sympathia, sim, ainda que leve e sem consequencia; mas sobretudo era penade o não poder amar,—ou ainda melhor—era lástima de que tal coração não fôra casado a outro espirito.

Guiomar reflectiu ainda muito e muito, e não reflectiu so, devaneou tambem, soltando o panno todo a essa veleira escuna da imaginação, em que todos navegamos alguma vez na vida, quando nos cança a terra firme e dura, e chama-nos o mar vasto e sem praias. A imaginação della porém não era doentia, nem romantica, nem piegas, nem lhe dava para ir colher flores em regiões selvaticas ou adormecer á beira de lagos azues. Nada disso era nem fazia; e por mais longe que velejasse levaria entranhadas na alma as lembranças da terra.



Volveu emfim e os olhos cahiram-lhe na famosa carta. A realidade presente não se lhe podia mostrar de peor modo. Guiomar ergueu-se irritada, lançou mão do papel e machucou-o febrilmente; ia talvez rasgal-o, quando ouviu bater de manso á porta.

— Quem é? perguntou ella sorprendida.

— Sou eu, respondeu a voz de Mrs. Oswald.

A moça foi abrir a porta; a ingleza entrou, trajada de dormir, e um vivo espanto nos olhos, que pareceu tirar-lhe a voz durante alguns segundos. Guiomar assustada perguntou:

— Que é? aconteceu alguma cousa a minha madrinha?

— Longe va o agouro! exclamou a ingleza. Não lhe aconteceu nada; a senhora baroneza dorme naturalmente a somno sôlto. Venho porque do meu quarto pareceu-me ouvir rumor de passos aqui, e depois vi luz. Pensei que tivesse algum encommodo. Mas, pelo que vejo, continuou a ingleza deitando os olhos para a mezinha em que pousava o livro aberto, — pelo que vejo ainda não acabou de ler o seu romance...

— Não li ainda uma linha, depois que me recolhi, respondeu Guiomar cravando os olhos no rosto da ingleza, como tomada de um pensamento subito.

— Devéras!



— Li outra cousa, continuou a moça; li este papel.

Mrs. Oswald inclinou-se para ler tambem o papel, que aliás adivinhava qual fôsse; Guiomar atirou-o sobre a mesa.

— Não precisa, disse ella; é uma declaração amorosa.

— De quem? perguntou a ingleza abrindo uns olhos espantados e obedientes.

— Leia o nome.

Mrs. Oswald leu a assignatura da carta, que a moça de novo lhe apresentava.

— Naturalmente, continuou Guiomar, ha nisto obra sua...

— Minha! interrompeu a outra um pouco mais rispivamente do que costumava fallar.

Guiomar tinha ido sentar-se; seu pésinho impaciente batia no tapete, com um movimento rapido e regular; ella cruzára os braços sobre o peito, fitando a ingleza com uns olhos em que se podia ler a viva exacerbação de seu espirito. Seguiu-se curto silêncio; Mrs. Oswald puxou outra cadeira e sentou-se perto da moça.

— Por que ha de ser injusta commigo? disse ella dando á voz um tom mellifluo e supplicante; porque não ha de ver as cousas, como ellas naturalmente são? O que ha nisto é uma coincidência curiosa, mas nada mais. Se lhe fallei em



semelhante cousa algumas vezes, foi porque eu mesma percebi o amor que lhe tem o Sr. Jorge; é cousa que todos veem. Imaginei que o casamento, neste caso, seria agradavel á Sra. baroneza a quem sou grata. Posso ter feito mal. . .

— Muito mal, interrompeu Guiomar; são cousas de familia em que a senhora nada tem que ver.

Guiomar levantou-se outra vez, deu alguns passos, e voltou a sentar-se. Com o movimento desprenderam-se-lhe os cabellos e cahiram-lhe sobre os hombros. Mrs. Oswald approximou-se della para os colher e atar; mas a moça seccamente a repelliu :

— Deixe, deixe . . . .

E ella mesma os recompoz com as suas mãos finas, e ficou depois a olhar para o chão, a morder o labio, a respirar fortemente, como se contivera a palavra que forcejava por sahir impetuosa e colerica. Mrs. Oswald não disse nada durante alguns minutos; esperou que passasse o periodo agudo da irritação. Quando lhe pareceu que ella afrouxava, rompeu emfim o silêncio.

— Fiz mal, fiz, não ha dúvida; mas a intenção não podia ser melhor. Talvez não me creia; paciencia! O que lhe peço, — nem lhe peço, — o que eu acredito piamente é que não me hade attribuir algum interesse de ordem . . . .

Mrs. Oswald fez uma pausa para dar aberta ao



protesto de Guiomar; mas Guiomar não protestou, quero dizer não protestou de viva voz; fez apenas um gesto negativo, bastante a satisfazer os melindres da ingleza. A moça foi sincera; não attribuia realmente a nenhum interesse vil, — pecuniario, — a acção de Mrs. Oswald. Nem por isso a absolvía, — não so porque ella viria concorrer talvez para uma crise penosa, mas tambem, — bom é notal-o outra vez, — porque a condição da ingleza naquella casa era relativamente inferior.

A ingleza continuou a fallar, em defeza propria, a justificar miudamente os bons sentimentos de seu coração, e a prometter que deixava por mão todo aquelle negocio, a seu juizo, o melhor que a moça podia fazer.

— A experiencia da vida, concluiu ella, devia ter-me convencido de que o melhor de todos os sentimentos é um egoismo quieto e calado.

Em quanto ella fallava assim, Guiomar parecia volver á tranquillidade habitual. A mudança foi, — não subita, — mas um pouco mais rapida do que devêra ser, tratando-se de um espirito, como o della, em que as impressões não eram superficiaes nem momentaneas. Havia até uns toques de affabilidade no rosto e na voz, quando ella começou a fallar, o que revellaria talvez ser aquella mudança muito voluntaria e meditada.

— Está bom, Mrs. Oswald, o que passou, passou.



Sinto que as cousas chegassem a este ponto, e que elle se lembrasse de escrever semelhante carta, confessando uma paixão que acredito sincera, mas a que o meu coração não póde corresponder. Amores não se encommendam como vestidos; sobretudo não se fingem, ou não se devem fingir nunca.

— Oh! de certo!

— Eu gósto d'elle, como parente que é de minha madrinha, e tambem por que ella lhe tem afeição de mãe, como a mim; somos uma especie de irmãos, nada mais.

— Tem muita razão, assentiu Mrs. Oswald. A senhora pensa e falla como um doutor. Que se lhe ha de fazer? Quem não ama não ama. Delle é que eu tenho pena!

— Gosta muito de mim, não? perguntou Guiomar fitando os olhos na ingleza.

— Oh! parece que sim! A senhora deve sabel-o tanto como eu; eu sei o que tenho visto, e creio que é muito.

— Eu nunca vi nada, respondeu seccamente Guiomar.

A resposta de Mrs. Oswald foi um sorriso de incredulidade, que a outra não viu ou não quiz ver. Houve uma pausa; Guiomar continuou nestes termos:

— Mas seja como for, a minha resposta é nega-



tiva. Estou que elle não me fará a injuria de querer casar commigo, sem que eu o ame. . . .

Guiomar parou, como a esperar que a outra lhe dissesse alguma cousa. Desta vez coube a Mrs. Oswald não responder nada, nem com a voz nem com o gesto. A moça inclinou o corpo, poz os braços sobre os joelhos, com os dedos cruzados, e entre um riso amavel e um olhar affectuoso, continuou :

— A senhora podia, se acaso elle alguma vez lhe fallou nisso ou vier a fallar-lhe, podia dissuadi-lo de taes ideias, dizendo-lhe simplesmente a verdade e dando-lhe conselhos, os conselhos que a senhora hade saber dar, e que elle aceitará de certo, porque é um bom coração, um character estimavel. . . .

— Oh ! excellente ! um moço excellente !

E as duas ficaram a olhar uma para a outra, Guiomar a sorrir, mas de um sorriso, que era uma contracção voluntaria dos musculos, e a ingleza a fazer um rosto de piedade, e adoração, e pena, e muita cousa junta, que a moça so começou a comprehender, quando ella rompeu o silêncio deste modo :

— Estou a duvidar se devo dizer-lhe o resto.

— O resto ? perguntou Guiomar admirada. Pois que ha mais ?

A ingleza approximou a cadeira. Guiomar endireitou o busto e esperou anciosa a revellação, — se revellação era, — que lhe ia fazer Mrs. Oswald.



Ésta não fallou logo; era razoavel hesitar um pouco, lutar comsigo mesma, antes de dizer alguma cousa. Emfim, com um movimento de quem ajunta as fôrças todas e as emprega em cousa superior á coragem usual:

— D. Guiomar, disse ella pegando-lhe nas mãos; ninguem póde exigir que se case sem amar o noivo; seria na verdade uma affronta. Mas o que lhe digo é que o amor que não existe por ora, póde vir mais tarde, e se vier, e se viesse, seria uma grande fortuna. . .

— Mas acabe, acabe, interrompeu a moça com impaciencia.

— Seria uma grande fortuna para a senhora, para elle, ousou dizer que para mim, que os estimo e adoro, mas sobretudo para a Sra. baroneza.

— Como assim? disse Guiomar.

— Oh! para ella seria a maior fortuna da vida, porque é hoje o seu mais entranhado e vivo desejo, o seu desejo verdadeiramente da alma. A senhora. . .

— Está certa disso?

— Certissima.

— Não creio, não vejo nada que. . .

— Creia, deve crer. Se me promette nada dizer desta nossa conversa, nem fazer suspeitar por nenhum modo o que lhe estou contando. . .

— Falle.

— Pois bem, — continuou Mrs. Oswald abai-



xando a voz, como se alguém pudesse ouvil-a na solidão daquella alcova, e no silêncio profundo daquella casa, que toda dormia, — pois bem, eu lhe direi que por ella mesma tive noticia deste seu desejo. Quando eu percebi a paixão do Sr. Jorge, fallei nisso a sua madrinha, gracejando na intimidade que ella me permite, e a senhora baroneza em vez de sorrir, como eu esperava que fizesse, ficou algum tempo pensativa e séria, até que rompeu nestas palavras: «Oh! se Guiomar gostasse d'elle e viessem a casar-se, eu seria completamente feliz. Não tenho hoje outra ambição na terra. Ha de ser a minha campanha. »

— Minha madrinha disse isso? perguntou Guiomar.

— Tal qual. A resposta que lhe dei foi que o casamento não era impossivel, e que nada mais natural do que virem a amar-se duas pessoas a principio indifferentes. O amor nasce muita vez do costume.

Guiomar ja mal ouvia o que lhe estava dizendo a ingleza; se ainda olhava para ella, era com os olhos indecisos e empanados, de quem vae toda absorvida em pensamentos intimos.

— Foi desde esse dia, continuou Mrs. Oswald, que me pareceu conveniente fallar-lhe algumas vezes nisso, sondar-lhe o coração, ver se elle favorecia o sonho de sua madrinha, tornando feliz toda



ésta casa... Fiz mal, convenho; mas a intenção era a mais respeitavel e santa deste mundo.

— De certo, murmurou Guiomar.

Mrs. Oswald pegou-lhe n'uma das mãos e beijou-a affectuosamente. Guiomar não a repelliu nem sequer pareceu dar-se-lhe da ternura da ingleza. As duas olharam-se uns breves minutos, sem dizer nada, como a lerem na alma uma da outra.

Guiomar não tinha a experiencia nem a idade da ingleza, que podia ser sua mãe; mas a experiencia e a idade eram substituidas, como sabe o leitor, por um grande tino e sagacidade naturaes. Ha creaturas que chegam aos cincoenta annos sem nunca passar dos quinze, tão simplices, tão cegas, tão verdes as compõe a natureza; para essas o crepusculo é o prolongamento da aurora. Outras não; amadurecem na sazão das flôres; vem ao mundo com a ruga da reflexão no espirito, — embora, sem prejuiso do sentimento, que nellas vive e influe, mas não domina. Nestas o coração nasce enfreado; trota largo, vae a passo ou galopa, como coração que é, mas não dispara nunca, não se perde nem perde o cavalleiro.

O que a afilhada da broneza buscava ler no rosto de Mrs. Oswald era effectivamente a madrinha nutria aquelle desejo, ou se tal revellação não era mais do que um embuste. O leitor sabe que era verdadeira; mas admittirá, sem dúvida, que a moça



so depois de muito interrogar e examinar lhe dêsse fe. Creu emfim; creu, porque era verosimil, creu porque a ingleza não se arriscaria a qualquer indiscrição da parte della, que de todo a desmascararia.

— Parece-me, disse Mrs. Oswald, que não fiz mal em lhe dizer tudo o que sabia. Conselhos não lhe dou nenhuns; o melhor delles não vale a voz do proprio coração. O seu é puro e recto; consulte-o de boa vontade, e verá se ha nelle indifferença, ou se alguma faisca . . . .

— Eu sei! interrompeu Guiomar. Não me lembrou consultal-o nunca.

— Faz mal; elle é o relógio da vida. Quem o não consulta, anda naturalmente fóra do tempo. Mas que vejo! continuou Mrs. Oswald deitando os olhos para o *porte-montre* de velludo onde estava o relóginho de Guiomar. Naquelle outro relógio faltam dez minutos para uma hora! Uma hora! Que diria a Sra. baroneza se soubesse que ainda estamos aqui de conversa! Retiro-me; Deus lhe dê um somno socegado, e sobretudo a faça feliz, como merece. Não lhe recommendo juizo, porque o tem de sobra. Adeus, até amanhã.

E Mrs. Oswald sahiu pe ante pe em direcção ao seu quarto.

Guiomar ficou so, alli sentada ao pe da cama, a ouvir o passo surdo, e cauteloso da ingleza. Quan-



do o som morreu de todo, e o silêncio da noite voltou ao que era, profundo e sepulchral, a moça deixou cair os braços na cama, e a cabeça nas mãos, e um suspiro desentranhou-se-lhe do peito, longo, ruidoso, magoado, — o primeiro que o leitor lhe ouve desde que a conhece —, e enfim éstas palavras arrancadas da alma, tão doloridas, — ia dizer tão lacrymosas, — vinham ellas:

— Oh meus sonhos! meus sonhos!

Não chorou; a alma della era das que não tem lagrymas, em quanto lhe restam forças. Os olhos estavam seccos e firmes quando ella os ergueu das mãos; o rosto tinha vestigios do abalo, mas não havia nelle desânimo, menos ainda desespêro. Ha caracteres que se compõem diante de si mesmos; e por outro lado o obstaculo nunca o é, quando a ambição é verdadeira ambição.

---



## Luiz Alves

Durante uma inteira e comprida semana, deixou Estevão de apparecer no escriptorio onde trabalhava com Luiz Alves; não appareceu tambem em Botafogo. Ninguem o viu em todo esse tempo nos logares onde elle era mais ou menos assiduo. Foram seis dias, não digo de reclusão absoluta, mas de completa solidão, porque ainda nas poucas vezes que sahio, fel-o sempre a horas ou em direcções que a ninguem via, e de ninguem era visto.

Mas não fôra essa crua e malfadada crise, e é quasi certo que elle metteria uma lança na Africa daquelles dias, que era um ponto muito serio e grave, a questão magna da rua do Ouvidor e da casa do Jose Thomaz, a ponderosa, crespa e complicada questão de saber se a Stephanoni estrearia no *Ernani*. Ésta questão, de que o leitor se ri hoje, como se hão de rir os seus sobrinhos de outras analogas puerilidades, ésta pretensão a que se oppunha a Lagrua, allegando que o *Ernani* era seu, preten-



ção que fazia gemer as almas e os prelos daquelle tempo, era cousa muito propria a espertar os brics do nosso Estevão, tão marechal nas cousas minimas, como recruta nas cousas maximas.

Infelizmente elle não apparecia, não sabia sequer do conflicto e do debate, occupado como estava em travar o aspero e sangrento duello do homem contra si mesmo, quando lhe falta o apoio, ou a consolação dos outros homens. Todo elle era Guiomar; Guiomar era o primeiro e o último pensamento de cada dia. A sombra da moça vivia ao pe d'elle e dentro d'elle, no livro em que lia, na rua solitaria onde acaso transitava, nos sonhos da noite, nas estrellas do ceu, nas poucas flores de seu inculto jardim.

Um leitor perspicaz, como eu supponho que hade ser o leitor deste livro, dispensa que eu lhe conte os muitos planos que elle teceu, diversos e contradictorios, como é de razão em analogas situações. Apenas direi por alto que elle pensou tres vezes em morrer, duas em fugir á cidade, quatro em ir affogar a sua dor mortal naquelle ainda mais mortal pantano de corrupção em que apodrece e morre tantas vezes a flor da mocidade. Em tudo isto era o seu espirito apenas um joguete de sensações continuas e variadas. A fôrça, a permanencia do affecto não lhe bastava a dar seguimento e realidade ás concepções vagas de seu cerebro, — enfermo, ainda quando estava de saude.



A ideia do suicidio fincou-se-lhe mais a dentro no espirito, certa tarde, em que elle sahiu a espai-recer, e viu um enterro que passava, caminho do Caju. O prestito era triste, — ainda mais triste pela indifferença que se lia no rosto dos que iam piedosamente acompanhando o morto. Estevão descobriu-se e sinceramente desejou ir alli dentro, mettido naquellas estreitas tábuas de pinho, com todas as suas dores, paixões e esperanças.

— Não tenho outro recurso, pensou elle; é necessario que morra. E' uma dor so, e é a liberdade.

Ao voltar para casa, uma creança que brincava na rua, em camisa, com os pes na agua barrenta da sargeta, fel-o parar alguns instantes, invejoso daquella boa fortuna da infancia, que ri com os pes no charco. Mas a inveja da morte e a inveja da innocencia foram ainda substituidas pela inveja da felicidade, quando ao recolher-se viu as janellas abertas de uma casa visinha, e a sala illuminada, e uma noiva coroada de flores de laranjeira, a sorrir para o noivo, que sorria igualmente para ella, ambos com o sorriso indefinivel e unico da occasião.

Os cinco dias correram-lhe assim, travados de enojo, de desespêro, de lagrymas, de reflexões amargas, de suspiros inuteis, até que raiou a aurora do sexto dia, e com ella, — ou pouco depois



della, uma carta de Botafogo. Estevão quando viu o laçao da baroneza, á porta da sala, com uma carta na mão, sentiu tamanho alvoroço, que não ouviu nada do que elle lhe disse. Supporia que a carta era de Guiomar? Talvez; mas a illusão durou os poucos instantes que elle gastou em romper a sobrecarta e desdobrar a folha de papel que vinha dentro.

A carta era da baroneza.

A baroneza perguntava-lhe graciosamente se elle havia morrido, e pedia que fôsse fallar-lhe acerca da demanda que ella trazia. Estevão chegára ja ao estado de so esperar um pretexto para transigir comsigo mesmo; não podia havel-o melhor. Escreveu rapidamente duas linhas de resposta, e á uma hora da tarde apeava-se de um tilbury á porta da funesta e deliciosa casa, onde havia passado as melhores e as peores horas da vida.

— Sabe porque razão lhe dei este encommo, além do prazer que tinha em vel-o? perguntou a baroneza logo depois dos primeiros cumprimentos.

— Disse-me que era por causa da demanda...

— Sim, precisamos assentar algumas cousas, antes da nossa partida.

— V. Ex. sahe da côrte?

— Vamos para a roça.

Estevão empallideceu. Na situação d'elle, aquella



viagem era a melhor cousa que lhe podia acontecer; comtudo, fez-lhe mal a notícia. A conversa que se seguiu foi toda sôbre o assumpto forense, e durou uma longa hora, sem que apparecesse Guiomar. Ao despedir-se atreveu-se Estevão a perguntar por ella.

— Anda passeando, respondeu a baroneza.

Estevão despediu-se da constituinte, que o acompanhou até á porta da sala, repetindo-lhe algumas recommendações, que o advogado mal pôde ouvir e absolutamente lhe não ficaram de memoria.

A esperanza de ver a moça levará-o, mais que tudo, áquella casa; sahia sem ter o gôsto de a contemplar ainda uma vez; mais do que isso, ameaçado de a não ver tão cedo, ou quem sabe se nunca mais. Ia elle a reflectir nisto e a approximar-se da porta, onde parava ao mesmo tempo um carro. Estevão estremeceu naturalmente, antes de ver quem ia apear-se; grudou-se ao portal, com os olhos fitos na portinhola, que um laçao abria apressadamente.

A primeira figura que desceu foi a nossa conhecida Mrs. Oswald, que o fez, sem dar tempo a que Estevão lhe offerecesse a mão. O bacharel, desde que a víra, approximara-se rapidamente da portinhola.

Guiomar desceu logo depois. A mão apertada na luva côr de perola pousou levemente na mão de



Estevão que estremeceu todo. A moça fez-lhe um cumprimento risonho, murmurou um agradecimento e recolheu-se com a ingleza. Era pouco; mas esse pouco alvoroçou o bacharel, que enfiou d'alli para a cidade, em direcção ao escriptorio.

Luiz Alves admirou-se de o ver; não o fez com um espanto de seis dias, como devêra ser, mas de quarenta e oito horas, quando muito. Que admira? A preocupação de Luiz Alves por aquelles dias era a candidatura eleitoral; a boa nova devia chegar-lhe na primeira mala do norte. Ora, em boa razão, um homem que está prestes a ser inscripto nas tábuas do parlamento, não póde cogitar muito dos amores de um rapaz, ainda que o rapaz seja amigo e os amores verdadeiros.

Estevão não perdeu tempo em circumloquios; foi entrando e entornando a alma toda, afflicta e consolada a um tempo, no seio do velho amigo e companheiro. A cada trecho da confissão plena que elle alli lhe fez, respondia um commento, ora serio, ora gracioso de Luiz Alves. Quando Estevão porém lhe deu noticia de que a familia da baroneza ia para a roça, Luiz Alves recolheu o meio-riso que lhe pousava nos labios desde comêço, e com a mais subita e sincera admiração, exclamou:

- Para a roça!
- Disse-o agora mesmo a baroneza.
- Mas . . . .



Luiz Alves não acabou; olhou ainda meio duvidoso para Estevão, e ficou algum tempo calado, a coçar o queixo com a faca de marfim e a olhar para uma gravura que pendia na parede fronteira.

— Na situação em que estou, continuou Estevão, has de dizer que a viagem é uma felicidade para mim. Pois não é; não admitto a viagem. Se ella sahir da côrte, eu saio tambem.

— Tu estás doudo!

— Talvez.

Luiz Alves sahiu daquella natural indifferença com que o ouvia, e lhe fallava sempre em tal assumpto. Sua voz até foi carinhosa, — talvez pela primeira vez na vida. O que lhe disse foi apenas uma edicção augmentada de que lhe havia dito em anteriores occasiões, — agora com maior fundamento, porque depois do formal desengano de Guiomar, não havia outro recurso mais que ir esquecel-a de todo.

— Oh! isso nunca! interrompeu Estevão. Demais, não sei, não estou certo se ella fallava de coração naquella tarde . . . .

A candidez com que Estevão disse isto era a fiel traducção de seu espirito; e a razão de taes palavras, não a procure o leitor em outra parte mais que não seja aquelle sorriso de ha pouco, a pe do carro, sorriso que lhe bailava no cerebro,



como raio de sol coado por entre nuvens negras de tempestade.

Luiz Alves sacudiu a cabeça e enfiou os olhos pelas folhas rabiscadas de uns autos que tinha diante, e que entrou a folhear vagarosamente. Subito, bateu uma pancadinha, com a mão espalmada sobre os papeis, e levantou a cabeça:

— Ha um meio talvez de saber tudo, disse elle, de saber se ella verdadeiramente te ama, ou . . . Posso tenta-lo, com uma condição.

— Qual?

— A condição de eliminares as tuas pretensões. Que diabo ganhas tu em nutrir uma paixão sem efficacia nem remedio?

Ésta promessa era a mais dura que se podia arrancar de um coração, em que as gerações de esperanças se succediam quasi sem solução de continuidade; fel-a, todavia, Estevão, talvez com a secreta resolução de a trahir.

Luiz Alves ficou so dahi a alguns minutos. As últimas palavras que disse ao collega foram duas ou tres pilherias de rapaz; mas apenas ficou so tornou-se serio, e inclinando o corpo para a frente, com os braços na secretária, e a raspar as unhas com um canivete, alli esteve largo tempo, como a reflectir, longe de Estevão, que aliás ja não ia perto, e ainda mais longe dos autos que tinha diante de si. Mas em que pensava elle, se não era

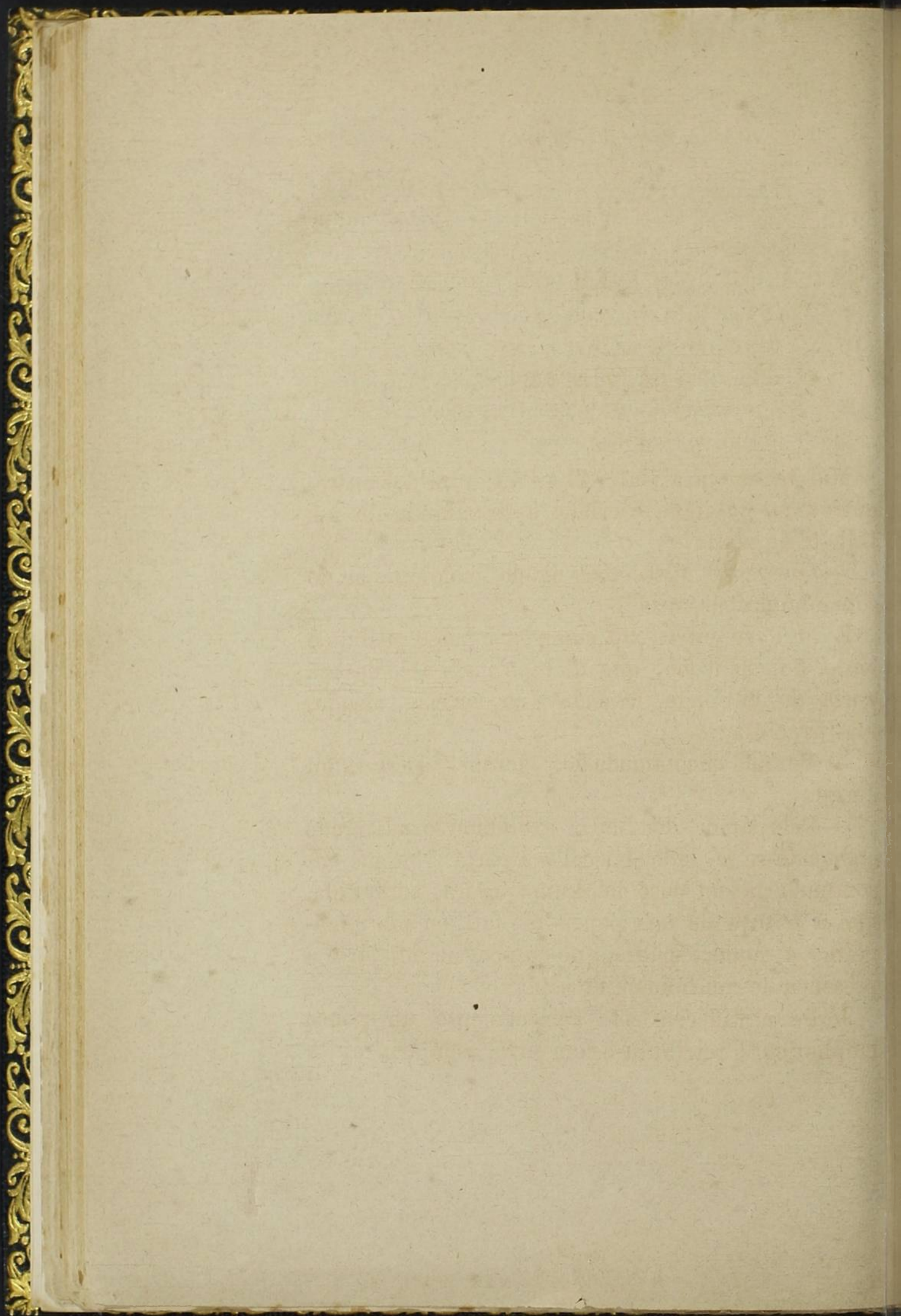


em Estevão, nem nos autos, nem também, por agora, nas suas esperanças eleitoraes? Paciencia, leitor; sabel-o-has daqui a nada. Contenta-te com a notícia de que, ao cabo de vinte minutos daquella abstracção, Luiz Alves volveu a si, proferindo em alta voz ésta simples palavra:

— Não ha dúvida; é uma ambiciosa.

E descaptivado daquella preocupação, enterrou-se de todo na leitura dos autos.







## A viagem

Mal recommençára Luiz Alves a leitura dos autos, entrou no gabinete o criado apresentando-lhe um bilhete de visita.

— Que entre! disse o advogado lendo o nome do sobrinho da baroneza.

E logo se ouviu no corredor o passo medido e lento do mancebo, que d'ahi a nada assomava á porta do gabinete, fazendo uma cortezia, sisuda, mas graciosa.

— Venho encommoda-lo, doutor? perguntou Jorge.

— Pelo amor de Deus! exclamou o advogado erguendo-se e indo buscal-o á porta. Não me encommodaria em caso nenhum; agora, sobretudo, que a leitura de uns papeis me fatigou sobre maneira, a maior fortuna que eu poderia desejar é a presença de um homem de espirito.

Jorge agradeceu este cumprimento um pouco emphatico, e retribuiu-o com outra lisonjaria muito



mais extensa e de maior alcance. Quer dizer que elle vinha pedir alguma cousa. Effectivamente, passados os minutos de introito e desfiadas as generalidades, Jorge impertigou-se mais do que até alli estivera e desfechou ésta pergunta abrupta :

— Sabe que venho pedir-lhe uma cousa grave? Luiz Alves inclinou-se.

— Grave e simples ao mesmo tempo, continuou o sobrinho da baroneza; mas antes disso precisava saber se é tão amigo da nossa familia, como ella o é do senhor.

— Oh! de certo!

— O senhor é o menos assiduo, talvez, das pessoas que la vão, apesar de visinho; so agora o vejo alli mais a miudo; entretanto é como flor que se trahe pelo aroma; minha tia tem a seu respeito a melhor opinião do mundo; acha-lhe uma gravidade, e eu tambem a sinto, e nem comprehendo que um homem possa ser outra cousa. Os taes espiritos futeis . . . ,

— São insupportaveis, concluiu Luiz Alves ancioso por chegar ao objecto da visita.

O objecto era a viagem da baroneza. Um commendador, amigo do finado barão, e fazendeiro em Cantagallo, tinha promessa da viuva, havia dous annos, de ir la passar algum tempo. A baroneza esquivara-se sempre a cumprir a palavra dada; agora porém, tal fôra a insistencia, que se resol-



vera a ir. Ora, o que Jorge vinha propor era —, expressões delle, — uma conjuração de amigos para dissuadir a tia daquelle projecto. Affiançava ao advogado que, ainda descoberta a conjuração, teria ella a vida sã e salva.

Luiz Alves suppoz a princípio que aquillo era um simples pretexto; mas, tendo observado que a bella Guiomar não era indifferente ao rapaz, comprehendeu que este tinha na conjuração proposta, um interesse inteiramente pessoal. Emfim, Jorge chegou a confessar que, se a tia insistisse em sahir da côrte, elle não tinha remedio senão acompanhá-la.

O accôrdo não foi difficil; ficou assentado que fariam todos os esforços para dissuadir a baroneza. Jorge quiz sahir logo; reteve-o Luiz Alves algum tempo mais, com expressões de louvor habilmente tecidas e mais habilmente encastoadas na conversação; e tambem deixando-se ir á feição do espirito delle, accitando-lhe as ideias e os preconceitos, e applaudindo-os discretamente, — serio, quando elles o eram ou pareciam ser, — chocarreiro quando vinham com ar de graça, — respondendo emfim a todos os gestos e meneios do outro, como faz o espelho por officio e obrigação: — toda a arte em summa de tratar os homens, de os attrahir e de os namorar, que elle aprendêra cedo e que lhe devia aproveitar mais tarde na vida pública.



De noite foi Luiz Alves á casa da baroneza, onde poucas pessoas havia, todas de intimidade. A dona da casa, sentada na poltrona do costume, tinha ao pe de si uma senhora da mesma idade que ella, egualmente viuva, e defronte as suizas brancas e aposentadas de um ex-funccionario publico. N'um sophá, viam-se Mrs. Oswald e Jorge a conversarem em voz, ora muito baixa, ora um pouco mais elevada. Adiante, dous moços contavam a duas senhoras o enredo da última peça do Gymnasio. Mais longe, uma moça da visinhança gabava a outra a thesoura de Mme. Bragaldi, que pedia meças, dizia ella, ao pincel do scenographo, seu marido. Emfim, junto a uma das janellas via-se uma moçinha, viva e bonita, a dizer mil ninharias graciosas a outra pessoa, que era nada menos que a nossa conhecida Guiomar. A conversa, assim dividida, tornava-se ás vezes geral, para recahir logo no particularismo anterior; os grupos modificavam-se tambem de quando em quando, do mesmo modo que o assumpto, e assim se iam matando agradavelmente as horas, que não resistiam, coitadas, nem apressavam o passo um minuto sequer.

Luiz Alves aggregara-se ao grupo da baroneza, ao qual não tardou juntar-se Jorge. O advogado teve a discrição de esperar que o assumpto viesse de si, se viesse, ou de o introduzir na conversa, quando lhe parecesse de feição. Mas Jorge, que



estava impaciente, arrastou o assumpto ao debate. Luiz Alves, mostrou-se fiel á palavra dada; declarou amavelmente que se oppunha á viagem, como visinho e amigo, que reclamaria em último caso o auxílio da fôrça pública; que era um erro e um crime deixar aquella casa viuva da benevolencia e da graça e do gôsto e de todas as mais qualidades excellentes que alli iam achar os felizes que a frequentavam; que, emfim, o mal era tamanho, que não deixaria de ser peccado, posto não viesse apontado nos cathecismos, e como peccado, seria de fôrça punido, com amargas penas, no outro seculo; pelo que, e o mais dos autos, era sua decisão que a baroneza devia ficar.

Todas éstas razões foram ditas como deviam de ser, de um modo galante e folgazão, a que a baroneza respondia egualmente, e que não daria nada mais de si, se Luiz Alves, mudando de estylo, não fosse pôr o assumpto em differente terreno.

— Digamos a verdade, Sra. baroneza, a viagem ha de ser-lhe immensamente incommoda, se for so isso; suas fôrças não são de certo eguaes ás de seus primeiros annos; sua saude é melindrosa e não poderá soffrer tanta fadiga. Confesso que fallo em nome de certo interesse pessoal de amigo e de visinho; mas a principal razão não é essa. Se houvesse um motivo urgente, bem; mas tratando-se



apenas de uma promessa feita ha tanto tempo, seria crueldade da minha parte não insistir que ficasse.

A baroneza defendia-se; e Luiz Alves não tardou em reconhecer de si para si que ella não se defendia com o vigor de uma resolução original e propria. A conversa, entretanto, tornára-se mais geral; de todos os lados partiam votos de opposição.

Guiomar havia ja alguns minutos que não attendia á interlocutora; tinha o ouvido afiado e assestado sobre o grupo da madrinha. Ninguem a observava; mas é privilegio do romancista e do leitor ver no rosto de uma personagem aquillo que as outras não veem ou não podem ver. No rosto de Guiomar podemos nós ler, não so o tédio que lhe causava aquella opinião unanime contra o projecto da baroneza, mas ainda a expressão de um genio imperioso e voluntario.

— Estamos de accordo, creio eu? perguntou Luiz Alves olhando alternadamente para a baroneza e as outras pessoas.

— Não é possível, doutor, respondia a boa senhora.

— De certo que não é possível, interveiu Guiomar do lugar onde estava. A viagem não offerece risco, nem minha madrinha está invalida. Demais, é uma promessa feita; não se póde deixar de cumprir.



Ésta opinião, dita em tom sêcco e firme, ainda que a voz nada perdesse do seu natural avelludado, equivaleu a um pouco de agua fria lançada na fervura triumphante dos animos.

— Guiomar tem razão, disse a baroneza; ja agora é preciso ir; são apenas tres ou quatro mezes.

Luiz Alves olhou longamente para Guiomar, como a procurar ver-lhe no rosto todas as antecedencias da resolução da baroneza. A opposição afrouxára; Jorge chamou em vão o advogado em seu auxilio. A resolução da tia, se alguma vez fôra abalada, tornara-se outra vez firme.

Guiomar, entretanto, erguera-se e chegára ao grupo da madrinha. Jorge fitou-a com uma expressão de vaidade e cobiça. Luiz Alves, que se achava de pe, recuou um pouco para deixal-a passar. Os olhos com que a contemplou não eram de cobiça nem de vaidade; a leitora, que ainda se lembrará da confissão por elle mesmo feita a Estevão, supporá talvez que eram de amor. Talvez, — quem sabe? — amor um pouco socegado, não louco e cego como o de Estevão, não pueril e lascivo, como o de Jorge, um meio termo entre um e outro, — como podia havel-o no coração de um ambicioso.

— O Dr. Luiz Alves defende causas más, disse Guiomar sorrindo para elle; não se trata de uma cousa impossivel. Quanto a mim, Cantagallo so



tem um inconveniente ; sera menos divertido que a côrte ; mas o tempo passa depressa . . . .

— Nesse caso, disse Jorge suspirando, eu tambem dispenso theatros e bailes ; sacrifico-me á familia.

— Queres ir comnosco ? perguntou a baroneza alegremente.

— Que dúvida !

Guiomar mordeu o labio inferior, com uma expressão de despeito, que pôde conter e abafar, sem que ninguem a percebesse, ninguem, excepto Luiz Alves. Um sorriso tranquillo e perspicaz roçou os labios do advogado, em quanto a moça, para esconder a impressão que lhe ficára, de novo se dirigiu á janella, onde esteve alguns momentos sózinha, meia voltada para fóra e meia guardada pela sombra que alli fazia a cortina. Um rumor de passos fel-a voltar-se para dentro. Era Luiz Alves.

— Ah ! disse ella fingindo-se tranquilla ; agradeço-lhe não haver insistido mais nos seus conselhos.

— A intenção era boa, respondeu Luiz Alves em voz baixa ; mas sera agora excellente ; nem tudo está perdido : eu me incumbo de salvar o resto.

Guiomar franziu a testa com o mais vivo e natural espanto ; tal espanto que parecia havel-a feito esquecer outro sentimento, igualmente natural : — o do despeito que lhe causaria aquella sin-

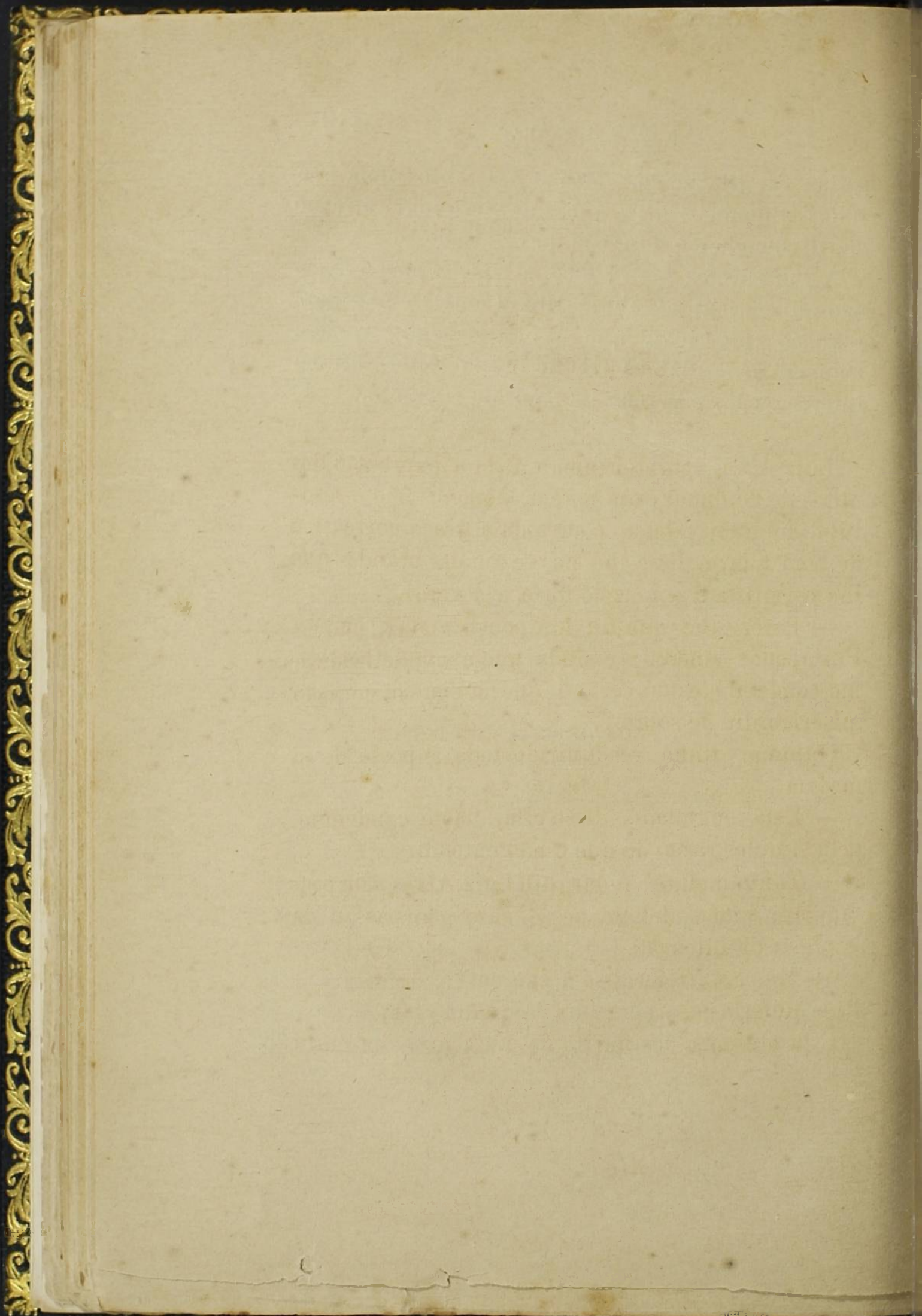


gular familiaridade. Mas o assombro dominou tudo; Guiomar sentiu que elle lêra nella a razão da insistencia e o desgosto do resultado.

A ruga desfez se a pouco e pouco; mas a moça não retirou logo os olhos. Havia nelles uma interrogação imperiosa, que a alma não se atrevia a transmittir aos labios. Se ha nos do leitor alguma interrogação, esperemos o capítulo seguinte.









## Explicações

Luiz Alves comprehendêra toda a expressão dos olhos de Guiomar; era porém, homem frio e resolutivo. Inclinou o busto com toda a graça correcta e de bom tom, e disse-lhe na voz mais branda que lhe permittia o seu orgão forte e severo:

— Parece-lhe que fui um pouco audaz, não é? Fui apenas sincero; e ainda que a sua delicadeza me condemne, estou certo de que ha em seu coração misericórdia de sobra . . . .

Guiomar tinha readquirido toda a posse de si mesma.

— Está enganado, disse ella, não o condemno, pela simples razão de que o não entendi.

— Tanto melhor, redarguiu Luiz Alves sem pestanejar; o meu delicto nesse caso não passou da esphera da intenção.

— Mas . . . . referia-se á viagem?

— Referia-me; perguntava quando iam.

Ésta presença de espirito de Luiz Alves ia muito



com o genio de Guiomar; era um laço de sympathy. A moça respondeu que o commendador viria buscal-as dahi a quinze ou vinte dias.

— Tres mezes apenas? perguntou o advogado.

— Tres ou quatro.

— Quatro mezes não é a eternidade, mas Cantagallo, para uma carioca da gemma, hade ser um degredo, ou quasi... Oxala, — continuou Luiz Alves, concluindo mais depressa do que queria, ao ver que Jorge se approximava da janella, — oxala não lhe faça esse exilio esquecer o que solemnemente lhe digo neste momento: que a senhora tem uma alma grande e nobre, e que eu a admiro!

Jorge chegára; a conversa tinha de acabar ou tomar differente rumo.

As últimas palavras de Luiz Alves eram singularmente dispostas para deixar sulco profundo na memoria da moça. Não era uma declaração de amor, nem uma cortezania de sala, cousas todas que ella ouvira muita vez, que podiam lisongeal-a, e de certo a lisongeavam; era mais que um comprimento e não chegava a ser uma declaração. Commoção, não a havia na voz do advogado; firmeza, sim, e um ar de convicção profunda. Guiomar olhou para elle quasi sem dar pela presença de Jorge; mas Luiz Alves voltara-se para o recém-



chegado e fallava-lhe em tom jovial, bem diferente daquelle que empregára pouco antes.

Se esse contraste era premeditado, — não sei se o era, — não podia vir mais de feição ao espirito de Guiomar. De quantos homens a moça tratára até alli, era o primeiro que lhe inspirava curiosidade, e tambem, naquella occasião, a primeira pessoa que se compadecia della. Veja o leitor: — curiosidade e gratidão; — veja se ha duas azas mais proprias para arrojarse uma alma no seio de outra alma, — ou de um abysmo, que é ás vezes a mesma cousa.

Eu disse — compadecia — e ésta so palavra, desacompanhada de outra cousa, póde fazer crer ao leitor que, durante aquelles dias em que a perdemos de vista, tornara-se Guiomar uma creatura desditosa. Nada disso; a situação era a mesma, não a mesma anteriormente á carta de Jorge, mas a mesma da noite em que ella a recebeu. Ma situação, de certo, assaz sombria e carregada para um coração que receia ser constrangido, mas não situação desesperada nem angustiosa.

A baroneza, se soubera dos factos, ou se pudera ler na alma da moça, seria a primeira a dar-lhe todas as consolações. Mas não sabia. Seu desejo, — ou antes o sonho da velhice, como ella dizia n'um dos anteriores capitulos, — era deixar felizes a afilhada e o sobrinho, e entendia que o melhor meio de os



deixar felizes era casal-os um com o outro. A notícia que tinha do coração da moça, a este respeito, era incompleta ou inexacta: pintavam-lhe como frieza o que era repugnancia; Mrs. Oswald dava-lhe sempre esperanças de exito feliz e proximo; as coleras da moça não lh'as contava nunca. Da carta de Jorge não soube, nem da scena havida na alcova. O casamento continuava a apparecer-lhe com todas as probabilidades de uma esperança realizavel.

Dira a leitora que o sobrinho não merecia tanto zêlo nem tão pertinaz esperança, e tera razão; mas os olhos da baroneza não são os da leitora; ella so lhe via o lado bom, — que era realmente bom, — ainda que de uma bondade relativa; mas não via o lado mau, não via nem podia ver-lhe a frivolidade grave do espirito, nem o genero de affecto que se lhe gerava no coração.

Jorge era seu unico parente de sangue, — filho de um irmã que vivêra infeliz e mais infelizmente murrêra, não repudiada, mas aborrecida do marido, circumstância que lhe tornava caro aquelle moço. Mais do que a afilhada, não; nem tanto, de certo; o coração não chegaria para dividir-se egualmente em tão grandes porções; queria-lhe, porém, muito, quanto bastava para desejal-o feliz, e trabalhar por fazel-o. Accrescentemos que o destino da irmã sempre lhe estava presente ao espirito,



e que ella receiava egual sorte a Guiomar; em Jorge parecia-lhe ver todos os dotes necessarios para tornal-a venturosa.

Infelizmente, Mrs. Oswald, sabedora daquelles seus secretos desejos e mais ou menos confidente dos sentimentos de Jorge, achára azada occasião ésta para patentear toda a gratidão de que estava possuida e a profunda amizade que a ligava á familia da baroneza. Interpoz-se para servir aos outros, e mais ainda a si propria. Viu a difficuldade, mas não desanimou; era preciso armar ao reconhecimento da baroneza. Por isso não hesitou em confiar a Guiomar o desejo da madrinha, exaggerando-o, entretanto, — por que nunca a baroneza dissera que «tal casamento era a sua campanha,» e Mrs. Oswald attribuiu-lhe ésta phrase mortal para todas as esperanças e sonhos da moça. Mas, se fallava demasiado ao pe de uma, era muito mais sobria de palavras com a outra, e da exaggeração ou da attenuação da verdade resultára aquelle perenne estado de luta abafada, de receios, de indecisão e de amarguras secretas. Convém dizer, para dar o último traço ao perfil, que ésta Mrs. Oswald não seguia so a voz do seu interesse pessoal, mas tambem o impulso do proprio genio, amigo de pôr á prova a natural sagacidade, de tentar e levar a cabo uma destas operações delicadas e difficeis, de maneira que, se houvesse uma diplo-



macia doméstica, — ou se se creassem cargos para ella, Mrs. Oswald podia contar com um lugar de embaixatriz.

Vindo agora á narração dos successos da história, cumpre que o leitor saiba, que a carta de Jorge não teve resposta escripta nem verbal. No dia seguinte ao da entrega foi elle jantar a Botafogo; mas Guiomar não sahira do quarto, a pretexto de uma dor de cabeça; a baroneza passou o dia com ella; Jorge apenas conseguiu saber, quando de la sahiu, que a moça ia melhor. Nos subseqüentes dias nenhuma resposta foi ás mãos do pretendente, nem elle conseguiu haver uns cinco minutos de conversa solitaria com a moça; Guiomar esquivava-se sempre, com aquella arte summa da mulher que aborrece, e que é nem mais nem menos igual á da mulher que ama.

Um dia, porém, não houve meio de fugir; e Jorge, que não tinha nenhuma commoção na voz, porque não a tinha muita no coração, olhou para ella com olhos direitos e francamente lhe pediu uma palavra de esperança ou de desengano. A moça hesitou alguns segundos; contudo, era preciso responder. Venceu a repugnancia dizendo-lhe com um frio sorriso:

— Nem uma nem outra cousa.

— Nem desengano? perguntou Jorge alvoroçado.



— Ninguem pode dar nem uma cousa nem outra, disse ella; costumamos acceital-as do nosso destino.

Não era responder, como ve o leitor; Jorge ia pedir uma decisão mais transparente, mas a moça aproveitara-se da primeira impressão e esquivara-se. Quando elle recobrou a voz não viu mais que a fimbria do vestido, que se perdia na volta de uma porta.

Guiomar encurtou as redeas á familiaridade que existia entre ella e Jorge; mas, se o tratava com mais reserva, não o fazia com sequidão nem frieza, nem deixava de ser polida e affavel. A dignidade natural que havia em toda a sua pessoa servia-lhe, além disso, como de uma torre de marfim, onde ella se acastellava e mantinha em respeito o pretendente.

Dos dous homens que lhe queriam, nenhum lhe fallava á alma; ella sentia que Estevão pertencia á phalange dos tibios, Jorge á tribu dos incapazes, duas classes de homens que não tinham com ella nenhuma affinidade electiva. Não egualava, de certo, os dous pretendentes; um era simplesmente trivial, outro sentimental apenas; mas nenhum delles capaz de crear por si so o seu destino. Se os não egualava, tambem os não via com os mesmos olhos; Jorge causava-lhe tedio; era um Diogenes de especie nova: atravez da capa rôta da sua im-



portancia, via-se-lhe palpar a triste vulgaridade. Estevão inspirava-lhe mais algum respeito; era uma alma ardente e frouxa, nascida para desejar, não para vencer, uma especie de condor, capaz de fitar o sol, mas sem azas para voar até la. O sentimento-de Guiomar em relação a Estevão não podia nunca chegar ao amor; tinha muito de superioridade e perdão.

Com outra indole, aspirações differentes e vivida em diversa esphera, ama-lo-hia com certeza, do mesmo modo que elle a amava. Mas a natureza e a sociedade deram-se as mãos para a desviar dos gozos puramente intimos. Pedia amor, mas não o quizera fruir na vida obscura; a maior das felicidades da terra seria para ella o maximo dos infortunios, se lh'a puzessem n'um ermo. Creança, iam-lhe os olhos com as sedas e as joias das mulheres que via na chacara contigua ao pobre quintal de sua mãe; moça, iam-lhe do mesmo modo com o espectaculo brilhante das grandezas sociaes. Ella queria um homem que, ao pe de um coração juvenil e capaz de amar, sentisse dentro em si a fôrça bastante para subil-a aonde a vissem todos os olhos. Voluntariamente, so uma vez acceitára a obscuridade e a mediania; foi quando se propoz a seguir o officio de ensinar; mas é preciso dizer que ella contava com a ternura da baroneza.



## XIV

### Ex abrupto

Já o leitor ficou entendendo que a viagem a Cantagallo era obra quasi exclusiva de Guiomar. A baroneza reluctára a princípio, como das outras vezes fizera, e o commendador pouca esperança tinha ja de a ver na fazenda. Mas o voto de Guiomar foi decisivo. Ella fortaleceu, com as suas, as razões do commendador, allegando não so a obrigação em que a madrinha estava de desempenhar a palavra dada, mas ainda a vantagem que lhe podiam trazer aquelles tres mezes de vida roceira, longe das agitações da çôrte; emfim, invocou o seu proprio desejo de ver uma fazenda e conhecer os habitos do interior.

Não havia tal desejo, nem cousa que se parecesse com isso; mas Guiomar sabía que na balança das resoluções da madrinha era de grande pêsso a satisfação de um gôsto seu. O sacrificio duraria tres ou quatro mezes; ella afrontaria, porém, dez ou doze se tantos fossem necessarios, para fugir



algum tempo ás pretensões de Jorge, sem embargo de lhe repugnar todo o viver que não fosse a vida fastosa e agitada da côrte. Eu, que sou o Plutarcho desta dama illustre, não deixarei de notar, que, neste lance, havia nella um pouco de Alcibiades, — aquelle gamenho e delicioso homem de Estado, a quem o despeito tambem deu fôrças um dia para supportar a frugalidade spartana.

Infelizmente, Jorge reduziu todos esses calculos a nada. Ella contava com o seu demasiado apêgo aos regalos da côrte; não contava com as suggestões de Mrs. Oswald, que percebêra o seu plano, e torcêra a primeira resolução de Jorge, que era ficar e esperar. O sacrificio da parte d'elle era compensado pela probabilidade da victoria, a qual não consistia so em haver por esposa uma moça bella e querida, mas ainda em tornar muito mais summarias as partilhas do que a baroneza deixaria por sua morte a ambos. Ésta consideração, que não era a principal, tinha ainda assim seu pêso no espirito de Jorge, e, sejamos justos, devia tel-o: possuir era o seu unico officio. Assim era que não so a moça deixava de obter um bem, mas cahia de um mal em outro maior; tel-o ao pe de si, onde as distracções seriam menos promptas e variadas, equivalia a adoecer de fastio e morrer de inanição.

Imagine-se por isso em que estado lhe ficou o espirito depois da declaração de Jorge. Não havia



meio de fugir ao pretendente : era preciso tragal-o. Ésta perspectiva abateu-lhe totalmente o ânimo. Uma confidente, em taes situações, é um presente do ceu ; mas Guiomar não a tinha, e se alguma pessoa lhe merecesse tal confiança, é certo ou quasi certo que lhe não diria nada. Suas dores eram altivas ; as tristezas de seu coração tinham pudor. Espiritos desta casta ignoram a consolação que ha, nas horas de crise, em se repartirem com outro ; triste, mas feliz ignorancia que lhes poupa muita vez o contacto de uma consciencia aleivosa e ruim.

No meio do longo reflectir, soaram-lhe na memoria as palavras de Luiz Alves ; ella ouviu-as de novo, taes quaes elle as proferira, desde a phrase descortez até á expressão respeitosa. Uma era o commentario da outra, e ambas podiam explicar-lhe o character de Luiz Alves, se elle tivesse alguns elementos mais para conhece-lo ; em todo o caso, era a ponta do veu levantada. Embora se lhe não podesse ler no fundo do espirito ; via-se desde ja qual era o seu methodo de acção.

Qualquer outro homem, depois do effeito produzido pela primeira declaração, não se atreveria ou não lhe importaria tentar mais nada para desfazer o projecto da viagem. Mas o espirito de Luiz Alves tinha a obstinação do dogue. Era-lhe necessario que a familia da baroneza não sahisse da côrte ; este objecto havia de alcança-lo a todo o trance.



Elle espreitava as occasiões, aproveitava as circumstâncias, tinha a habilidade de intercalar o pedido em qualquer retalho de conversação, onde menos apropriado pareceria a qualquer outro. Jorge applaudia-o com as forças todas de que podia dispor o seu interesse. A baroneza oppunha ás suggestões do advogado a resistencia molle e atada de quem deseja aquillo mesmo que recusa.

— O doutor é terrível, dizia ella. Em se lhe mettendo uma cousa na cabeça, ninguem mais o tira dahi.

— Justamente, é uma ideia fixa. Sem ideia fixa não se faz nada bom neste mundo.

Guiomar sustentava a resolução da madrinha, posto não o fizesse a miudo, nem no mesmo tom sêcco e imperioso da primeira noite. Seu impulso era ser coherente; ao mesmo tempo não queria parecer aos olhos de Luiz Alves que lhe accitava o concurso para obter o que aliás desejava de todo o coração; seria laval-o da primeira culpa.

O argumento que mais influa no ânimo de todos, o que devêra ter affastado a ideia de semelhante viagem, era o perigo de affrontar a cholera-morbus que por aquelle tempo percorria alguns pontos do interior. Um dia de manhã soube-se que em Cantagallo havia apparecido a terrível inimiga. Desta vez Luiz Alves triumphou sem dizer palavra; a baroneza recuou deante daquelle facto brutal.



A viagem desfez-se pois, a contento de todos, salvo talvez de Mrs. Oswald, que receiava muito da mocidade casadeira da côrte, e dos bellos olhos castanhos de Guiomar. Mrs. Oswald temia ver surgir a cada passo um novo inimigo emboscado em algum theatro ou baile, ou quando menos na rua do Ouvidor, e não via que o inimigo novo podia ser que estivesse litteralmente ao pe da porta. A sagacidade da ingleza desta vez foi um tanto myope. A razão é que Luiz Alves, em todos aquelles seus preliminares, houve-se com habilidade rara; longe de procurar a moça, parecia nada haver alterado nos seus sentimentos, nem desejar mudar a especie de relações que até alli mantinha. Guiomar, entretanto, não podia deixar de comparar aquella especie de attenciosa indifferença que havia d'elle para ella, com as palavras que anteriormente lhe ouvira, e o resultado da comparação não lhe parecia muito claro.

Na noite do mesmo dia em que ficou assentado defferir a viagem para melhores tempos, achavam-se em casa da baroneza algumas pessoas de fóra; Guiomar, sentada ao piano, acabava de tocar, a pedido da madrinha, um trecho de opera da moda.

— Muito obrigada, disse ella a Luiz Alves que se approximára para dirigir-lhe um cumprimento. Está alegre! Parece que é a satisfação de me haver



mallogrado o maior desejo que eu tinha nesta occasião.

— Não fui eu, disse elle, foi a epidemia.

— Sua alliada, parece.

— Tudo é alliado do homem que sabe querer, respondeu o advogado dando a ésta phrase um tanto emphatica o maior tom de simplicidade que lhe podia sahir dos labios.

Guiomar curvou a cabeça e esteve alguns instantes a perpassar os dedos pelas teclas, em quanto Luiz Alves, tirando de cima do piano outra musica, dizia-lhe:

— Podia dar-nos este pedaço de Bellini, se quizesse.

Guiomar pegou machinalmente na musica e abriu-a na estante.

— Era então vontade sua? perguntou ella continuando o assumpto interrompido do dialogo.

— Vontade certamente, porque era necessidade.

— Necessidade, — tornou ella começando a tocar, menos por tocar que por encobrir a voz; mas necessidade por que?

— Por uma razão muito simples, porque a amo.

A musica estacou. Guiomar erguera-se de um salto. Mas nem o gesto da moça, nem a surpresa das outras pessoas perturbou o advogado; Luiz Alves inclinou-se para o mocho, como a concer-



tal-o, e voltando-se para Guiomar, disse-lhe graciosamente:

— Póde sentar-se agora; está seguro.

Guiomar sentou-se outra vez, muda, despeitada, a bater-lhe o coração como nunca lhe batêra em nenhuma outra ocasião da vida, nem de susto, nem de colera, nem... de amor, ia eu a dizer, sem que ella o houvesse sentido jamais. Não se demorou muito tempo alli; com a mão tremula folheou a musica que estava aberta na estante, deixou-a logo e levantou-se.

Nestes derradeiros movimentos ninguem reparou; e se alguém pudesse reparar em alguma cousa, a moça tomára a peito desvanecer todas as suspeitas. A primeira impressão fôra profunda; mas Guiomar tinha fôrça bastante para dominar-se e fechar todo o sentimento no coração.

O que se passou depois, quando, livre de olhos estranhos, pôde entregar-se a si mesma, isso ninguem soube, a não serem as paredes mudas de seu quarto, ou o raio de lua coado pelo tecido raro das cortinas das janellas, como a espreitar aquella alma faminta de luz. Soube-o, talvez, o seu espelho, quando no dia seguinte lhe reflectiu o rosto defeito e os olhos quebrados. Se foi a meditação nocturna que os amolleceu e apagou, não o perguntou elle, naturalmente porque o sabía; mas talvez advertiu comsigo que se eram assim mais bellos,



pediam outro rosto em que cahissem melhor. O de Guiomar queria-os como elles eram, severos, firmes e brilhantes,

A baroneza tambem não deixou de ver que a afilhada não accordára com o mesmo ar do costume; achou-a taciturna e distrahida.

— Eu, madrinha? perguntou Guiomar simulando um sorriso de admiração.

— Sera engano de meus olhos.

— Não é outra cousa; estou como sempre, como hontem, como amanhã. Passei a noite um pouco mal, é verdade; mas o que tive desapareceu inteiramente. A prova...

Guiomar parou neste ponto, chegou-se á madrinha e deu-lhe um beijo.

— A prova, continuou ella, é que ainda hoje me acha bonita, não é?

— Creança! respondeu a baroneza, dando-lhe uma pancadinha na face.

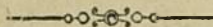
A tranquillidade da moça era simulada; apenas a madrinha voltou as costas, cobriu-se-lhe o rosto com o mesmo veu. Ella aprendêra desde creança a disfarçar as suas preocupações.

Quanto a Luiz Alves, posto houvesse contado com o seu methodo cru e abrupto, sahiu dalli sem plena certeza do resultado. Ésta incerteza abalou-o mais do que elle suppunha; e foi, sem dúvida, a primeira occasião em que sentiu que a amava de-

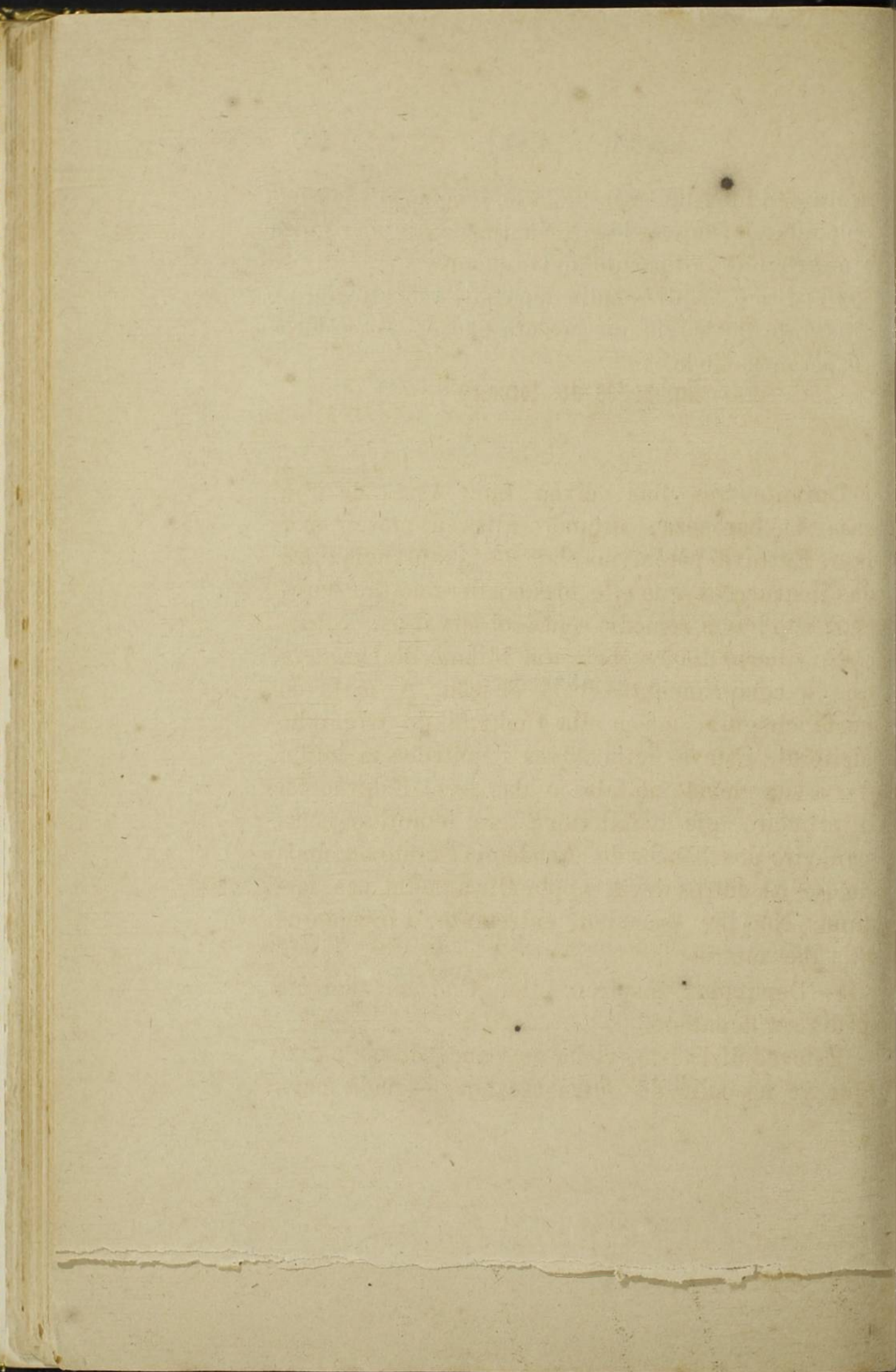


véras, ainda que o seu amor fôsse como elle mesmo: placido e senhor de si. No dia seguinte, Estevão interrogou-o a respeito de Guiomar.

— Creio, — disse elle depois de reflectir alguns instantes, — creio que por ora não deves perder as esperanças todas.









## Embargos de terceiro

Durante tres dias deixou Luiz Alves de ir á casa da baroneza, estando aliás a morrer por isso. Entrava porém no plano ésta ausencia; era das instrucções que elle mesmo dera ao seu coração; não havia remédio senão observal-as.

No quarto dia recebeu um bilhete da baroneza que o comprimentava pela eleição. A mala do norte chegára, e com ella a noticia do triumpho eleitoral. Estava Luiz Alves deputado; ia emfim dar a sua demão no fabrico das leis. Estevão foi o primeiro que o felicitou; era o antigo companheiro dos bancos da Academia; tanto ou mais do que os outros devia applaudir aquella boa fortuna. Não lhe escondeu, entretanto, a inveja que ella lhe mettia:

— Deputado! suspirou elle. Oh! eu tambem podia ser deputado.

Estevão dizia isto, como a creança deseja o dixe que ve no collo de outra creança, — nada mais.



Eram os seus sonhos de outr'ora, que renasciam taes quaes eram, inconsistentes, vagos, prestes a dissiparem-se com o primeiro raio da manhã.

Luiz Alves apressou-se a ir agradecer á baroneza a felicitação. Guiomar teve um leve estremecimento quando o viu; mas recebeu-o tranquillamente e risonha, quasi indifferente. O advogado era habil; não a perseguiu com os olhos; sôbre accordar a attenção das demais pessoas, era seguir o methodo commum. Elle não queria parecer-se com os outros.

Guiomar, entretanto, observava-o a espaços, de revez, como a querer sorprendel-o; a pouco e pouco, porém, o seu olhar foi sendo mais direito e firme. O de Luiz Alves era natural e egual como antes era, como era ainda agora com todos.

Ao sahir, junto á porta de uma sala, onde acaso a topou, Luiz Alves teve occasião de lhe dizer ésta simples palavra :

— Perdoou-me ?

A moça retirou a mão, que elle tinha presa na sua, e furtou o corpo, ao mesmo tempo que lhe cahiam as palpebras.

— Perdoou-me ? repetiu elle.

Guiomar retirou-se sem dizer palavra. Luiz Alves esperou que ella desapparecesse e sahiu. A moça, entretanto, ficou irritada por nada lhe ter respondido, sendo verdade que ella nada achou nem



acharia talvez que lhe responder ; mas arrependeu-se e pensou longo tempo naquillo.

Quer dizer que o amava? Quer dizer que estava prestes a isso. A arraiada branqueava o ceu, tingiria depois o cimo dos montes, entornar-se-hia emfim pela encosta abaixo, até apparecer o sol, — o sol contemporaneo de Adão, e do último homem que hade vir.

Dalli a dias, entrando Luiz Alves em casa da baroneza, teve a boa fortuna de encontrar a moça sosinha, na sala do trabalho, d'onde a baroneza se ausentára cinco minutos antes. Mrs. Oswald achava-se fóra. Era a hora da tardinha ; o dia estava prestes a afogar-se no seio da noite.

Guiomar, mollemente sentada n'uma cadeira baixa, tinha um livro aberto sobre os joelhos e os olhos no ar. Luiz Alves sorprehendeu-a nessa attitude meditativa, mais bella do que nunca, porque assim, e áquella hora, e com o vestido meio escuro que lhe realçava a côr de leite da face, tinha um quê de gracioso e severo, ao mesmo tempo, que parecia buscado de proposito para recebe-lo.

— Minha madrinha ja vem, disse Guiomar logo depois de lhe estender a mão, que elle apertou e sentiu um pouco tremula.

— Talvez daqui a cinco minutos, disse elle ; é bastante para decidir o meu destino. Duas vezes lhe perguntei se me perdoára ; pela terceira lhe



peço que me responda; custa pouco uma unica palavra; custa menos ainda, um unico gesto.

A moça olhou algum tempo para o livro que tinha diante de si. A manhã porém era ja alta no coração de Guiomar, a claridade intensa, o sol quente e vivo, por que ella não olhou muito tempo para o livro, nem hesitou mais do que era natural e exigivel naquella occasião. Dous minutos depois fez o gesto, um gesto so, mas ainda mais eloquente do que se ella fallasse, — estendeu-lhe a mão.

Luiz Alves apertou-lh'a entre as suas.

A commoção era natural em ambos; alli estiveram alguns instantes calados, elle com os olhos fitos nella, ella com os seus no chão. As mãos tocavam-se e os corações palpitavam unisonos. Decorreram assim cinco breves minutos. Ella foi a primeira que rompeu o silêncio.

— Um gesto, um so gesto, e é o meu destino que lhe entrego com elle, disse Guiomar olhando em cheio para o moço.

— Ainda não. Se os nossos destinos se ligarem, estou convencido de que o meu amor, pelo menos, tera a virtude de a tornar feliz. Mas nada está feito ainda, e se eu fui breve e apressado na confissão, não o desejo ser na consagração que lhe peço.

Luiz Alves calara-se; a moça olhava para elle como buscando entende-lo.

— Sim, continuou elle; melhor é que não ceda



a um instante de enthusiasmo. Minha vida é sua ; todo o meu destino está nas suas mãos. . . Comtudo, não quero sorprehender-lhe o coração neste momento ; no dia em que me julgar verdadeiramente digno de ser seu esposo, ouvi-la-hei e segui-la-hei.

A resposta da moça foi apertar-lhe as mãos, sorrir, e embeber os seus olhos nos delle. O passo da baroneza interrompeu ésta contemplação.

Guiomar amava devéras. Mas até que ponto era involuntario aquelle sentimento? Era-o até o ponto de lhe não desbotar á nossa heroína a castidade do coração, de lhe não diminuirmos a fôrça de suas faculdades affectivas. Até ahi só ; dahi por diante entrava a fria eleição do espirito. Eu não a quero dar como uma alma que a paixão desatina e cega, nem faze-la morrer de um amor silencioso e tímido. Nada disso-era, nem faria. Sua natureza exigia e amava essas flores do coração, mas não havia esperar que as fosse collêr em sitios agrestes e nus, nem nos ramos do arbusto modesto plantado em frente de janella rustica. Ella queria-as bellas e viçosas, mas em vaso de Sèvres, posto sobre movel raro, entre duas janellas urbanas, flanqueado o dito vaso e as ditas flores pelas cortinas de cachemira, que deviam arrastar as pontas na alcatifa do chão.

Podia dar-lhe Luiz Alves este genero de amor ?



Podia; ella sentiu que podia. As duas ambições tinham-se adivinhado, desde que a intimidade as reuniu. O proceder de Luiz Alves, sobrio, directo, resolutivo, sem desfallecimentos, nem demasias ociosas, fazia perceber á moça que elle nascêra para vencer, e que a sua ambição tinha verdadeiramente azas, ao mesmo tempo que as tinha ou parecia tel-as o coração. Demais, o primeiro passo do homem público estava dado; elle ia entrar em cheio na estrada que leva os fortes á gloria. Em torno d'elle ia fazer-se aquella luz, que era a ambição da moça, a atmospherá que ella almejava respirar. Estevão dera-lhe a vida sentimental, — Jorge a vida vegetativa; em Luiz Alves via ella combinadas as affeições domesticas com o ruido exterior.

Uma vez entendidos, é difficil que dous corações se encubram, pelo menos aos olhos mais sagazes. Os de Mrs. Oswald eram dos mais finos. A ingleza percebeu dentro de pouco tempo que entre elles havia alguma cousa. Interrogar a moça era inutil, sôbre perigoso; sería ir, de coração leve, em busca de seu odio, talvez. Todavia, se ainda fosse possível salvar tudo? Guiomar resistiria difficilmente a um desejo de madrinha; era possível vencel-a por esse lado.

Mrs. Oswald concebeu então um projecto insensato, que lhe pareceu aliás excellente e de bom aviso. O desejo de servir a baroneza e levar uma



ideia ao fim tapou-lhe os olhos da razão. Ella foi directamente a Jorge.

— Sabe o que me está parecendo? disse ella. Parece-me que ha mouro na costa.

— Mouro na costa! exclamou Jorge com uma tal expressão de desgosto, que era facil comprehender o fundo de suspeita ja existente em seu espirito.

— Nada menos, disse a ingleza; mas um mouro que se póde capturar.

E a ingleza expoz um plano completo que o sobrinho da baroneza ouviu um tanto perplexo. O plano consistia em ir Jorge pedir a moça á baroneza, em presença della propria. A baroneza, que nutria o desejo de os ver casados, não deixaria de fazer pezar o seu voto na balança, e era muito difficil que a gratidão de Guiomar não decidisse em favor de Jorge.

— A gratidão... e o interesse, continuou ella. Devemos contar tambem com o interesse, que é um grande conselheiro íntimo. Ella não ha de querer sacrificar a afeição da madrinha, que para ella vale....

— Oh! que triste lembrança! interrompeu Jorge, recuando diante da ideia de Mrs. Oswald.

A ingleza sorriu, — um sorriso velhaco e torpe, e deixou por mão aquelle argumento; firmou-se porém no da afeição. Guiomar não se opporia a um desejo da madrinha; era urgente dar-lhe o



golpe. Jorge não se atrevia a surpreender por esse meio a acquiescencia da moça; mas acreditava na efficacia d'elle, e sobretudo receiava perder a causa. Uma vez que a vencesse, tudo podia confiar do tempo e do seu amor.

O conselho foi seguido pontualmente. De noite, em presença da baroneza á hora da despedida, — porque elle hesitára a maior parte do tempo, — praticou Jorge aquelle acto insensato de declarar á moça que a amava e de lhe pedir a mão. A tia sorriu de contentamento, mas teve a prudencia de não proferir nada, enquanto Guiomar, empallidecendo, nada dizia, porque nada achava que dizer.

O silencio durou cêrca de tres a quatro minutos. um silencio acanhado e vexado, em que nenhum delles se atrevia a reatar a conversação. A baroneza, pela sua parte, imaginava que os dous estavam enfim entendidos, e que a declaração era autorisada pela moça. O enleio de Guiomar não era dos que podessem dar cabimento a esta supposição; mas a santa senhora via com os olhos dos seus bons desejos.

— Pela minha parte, declarou enfim a baroneza, não me opponho; estimaria muito que acabassem por ahi. Mas é negocio do coração; devo esperar a resposta de Guiomar.

E voltando-se para a afillhada:

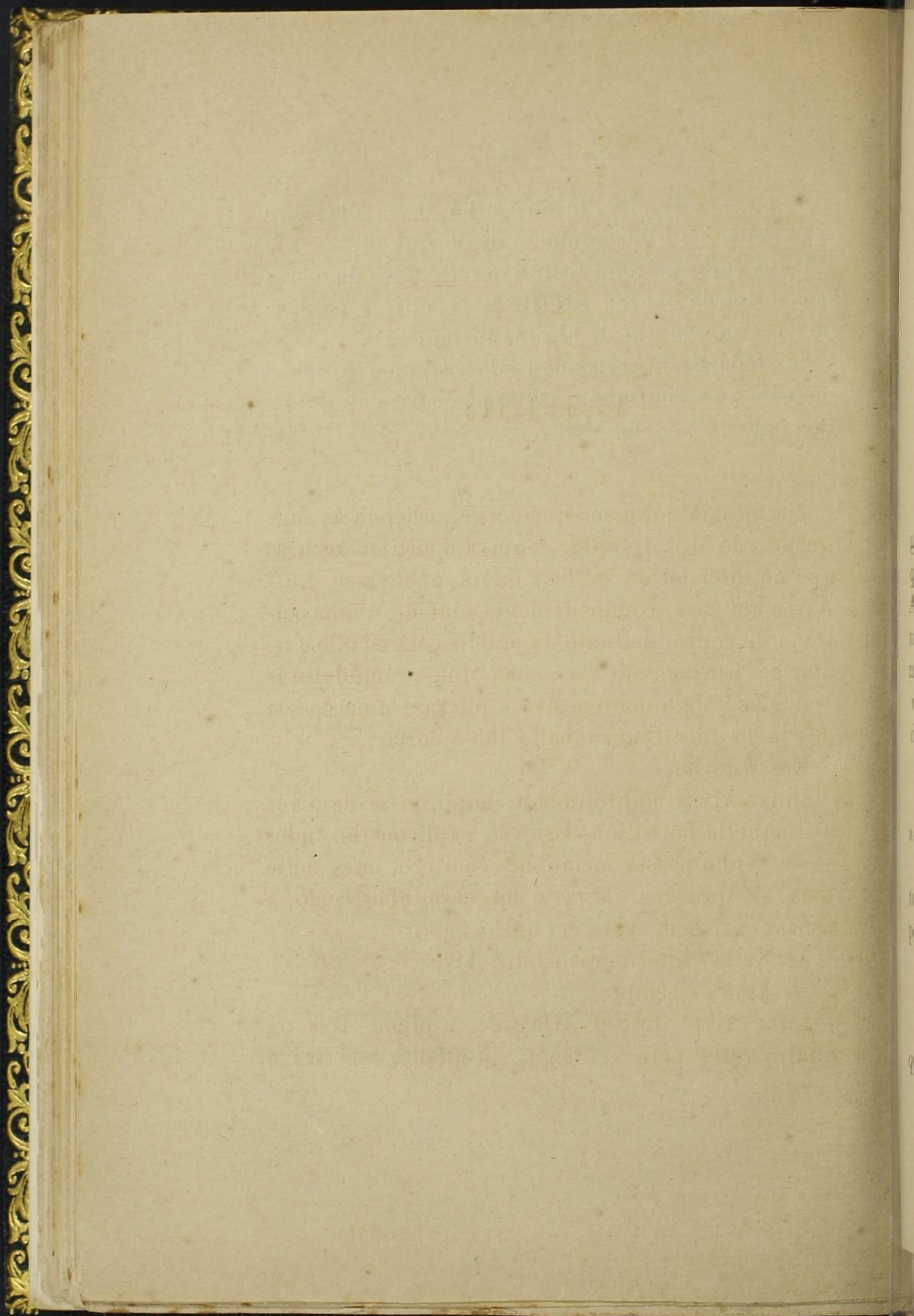


— Pensa e resolve, minha filha, disse ella; e se fores feliz, sel-o-hei ainda mais do que tu.

Duas vezes pairou a negativa nos labios da moça; mas a lingua não se atrevia a repellir a palavra do coração. No fim de alguns instantes:

— Reflectirei, respondeu ella beijando a mão á madrinha; e continuou voltando-se para Jorge: — Boa noite! Até amanhã.







## A confissão

Nã mesma noite em que Jorge, cedendo ás suggestões de Mrs. Oswald, tentava o último recurso que no intender da ingleza havia, achava-se Luiz Alves em casa, commodamente sentado n'uma poltrona de couro, defronte da janella com os olhos no mar e o pensamento nas suas duas candidaturas vencidas. Meia noite estava a pingar; uma pessoa descia de um tilbury e batia-lhe á porta.

Era Estevão.

Luiz Alves naturalmente admirou-se de o ver alli aquella hora; mas Estevão explicou-lhe tudo.

— Venho passar meia hora comtigo, ou a noite toda se quizeres. Estava em casa aborrecido, a pensar . . . . bem sabes em que . . . .

— Nella? interrompeu Luiz Alves.

— Agora e sempre.

Luiz Alves torceu o bigode, e olhou tres ou quatro vezes para o collega, em quanto este tirava



o chapéu e dispunha-se a ir buscar uma cadeira para sentar-se ao pé do outro.

— Estevão, disse Luiz Alves depois de alguns instantes de reflexão, e voltando a poltrona para dentro, ouve-me primeiro e resolverás depois se ficas a noite ou se te vas embora immediatamente. Talvez escolhas este último alvitre.

— Vas fallar-me de Guiomar?

— Justamente.

Estevão sentou-se defronte de Luiz Alves. Seu coração batia appressado; dissera-se que toda a sua vida pendia dos labios do amigo. Houve um instante de silêncio.

— Nenhuma . . . nenhuma esperança então? murmurou Estevão.

— Disseste a fatal palavra! exclamou Luiz Alves. Sim, não tens nenhuma esperança.

— Mas . . . como sabes?

— Não me interrogues; eu não poderia dizer-te tudo o que ha. Poupa-me, ao menos, esse triste dever.

Estevão sentiu arrasarem-se-lhe os olhos d'agua. Quiz fallar, mas as palavras iam-lhe sahindo envoltas em soluços.

Luiz Alves fumava tranquillamente, acompanhando com os olhos os rolinhos de fumo que lhe fugiam da ponta do charuto. Este silêncio durou cêrca de dez minutos. O mar batia compassada-



mente na praia. A voz da onda e o latido de um cão ao longe eram os únicos sons que vinham quebrar a mudez daquella hora solemne para um desses dous homens que ia perder até o repouso da esperança.

Estevão foi o primeiro que fallou :

— Ama a outro, não é? perguntou elle com a voz tremula.

— Ama, respondeu surdamente Luiz Alves.

Estevão ergueu-se e deu alguns passos na sala, sem dizer palavra, a morder a ponta do bigode, parando ás vezes, outras traduzindo com um gesto desordenado os sentimentos que lhe tumultuavam no coração. A dor devia ser grande, mas a manifestação ja não era a mesma que o leitor lhe viu, dous annos antes, quando elle foi confiar ao amigo o primeiro desengano de Guiomar.

— Parece-me que eu adivinhava isto mesmo, disse elle enfim parando em frente de Luiz Alves. Este desejo que me accometteu de vir aqui, a ésta hora, sem certeza de encontrar-te, era mais um beneficio do meu destino. Devia esperal-o. Que vida tem sido a minha, Luiz! Agarrei-me, nem sei por que, á esperança de ser amado por ella, de a vencer pela piedade, ou pelo remorso, ou por qualquer outro motivo que fôsse, — o motivo importava pouco. . . . O essencial é que ella me pagasse em ternura e amor todas as dores que curti, as lagry-



mas todas que tenho devorado em silêncio... E era só essa esperança que ainda me dava fôrças... que me fazia crer feliz, como póde sel-o um desgraçado, como podia sel-o eu, que nasci debaixo de ruim estrella.... Oh! se tu souberas... Não, não sabes, nem ella tambem, ninguem sabe nem sabera nunca tudo quanto tenho padecido, tudo quanto....

Interrompeu-se. Duas lagrymas, espremidas do fundo do coração, saltaram-lhe dos olhos e desceram-lhe rapidas a perder-se entre os cabellos raros e finos da barba. Elle sentiu que outras podiam vir, e foi sentar-se n'um sophá, meio voltado de costas para Luiz Alves. As outras vieram, porque o coração ainda as tinha para as dôres supremas; mas correram-lhe silenciosas, sem um soluço, sem uma queixa unica.

Luiz Alves levantara-se e chegara á janella. Seu espirito, apezar de frio e quieto, parecia agora um pouco alvoroçado. Não era dor; e não sei se lhe podia chamar remorso. Mau-estar apenas, e commiseração. Seu coração era capaz de affeições; mas, como ficou dito no primeiro capítulo, elle sabia rege-las, modera-las e guia-las ao seu proprio interesse. Não era corrupto nem perverso; tambem não se póde dizer que fôsse dedicado nem cavalheresco: era, ao cabo de tudo, um homem friamente ambicioso.



Estevão levantara-se outra vez e pegára no chapéu.

— Vem cá, disse Luiz Alves entrando e indo ter com elle; vejo que estás mais homem do que antes. Resta que o sejas completamente; varre da memoria e do coração tudo o que possa referir-se . . .

— Que remedio! interrompeu Estevão sorrindo amargamente; que remedio tenho eu se não esquece-la! Mas quando?

— Mais breve talvez do que suppões. . .

Luiz Alves não acabou; Estevão olhára para elle com um gesto de espanto e fôra sentar-se outra vez.

— Mais breve do que supponho! exclamou elle. Tu não tens coração; não tens sequer observação nem memoria. Não ves, não sentes que esta paixão é o sangue do meu sangue, a vida da minha vida? Esquece-la! Era bom se eu a pudesse esquecer; mas a minha má sina até essa esperança me arranca, porque este padecer intimo, constante, hade ir commigo até á morte. . . .

Desta vez era Luiz Alves que passeava de um lado para outro. Em seu espirito despontava uma ideia, que elle examinava, a ver se a poria alli mesmo em execução. Era dizer-lhe tudo. Estevão viria a sabel-o mais tarde; melhor era que o soubesse logo e por elle. Ao mesmo tempo reflectia na



exaltação dos sentimentos do rapaz; a dor certamente se lhe aggravaria, em sabendo que era elle o preferido de Guiomar. O coração, que perdoaria a um extranho, condemnaria ao amigo.

Estevão, assentado, com os olhos no tecto, parecia entregue ás suas reflexões, mas so parecia, por que elle não pensava, evocava antigas memorias, fazia surgir diante de seus olhos a figura gentil de Guiomar, sentia-lhe o imperio dos bellos olhos castanhos, ouvia-lhe a palavra doce e avelludada entornar-se-lhe no coração. Não evocava só, creava tambem; pintava com a imaginação a felicidade que lhe poderia dar a moça, se entre todos os homens o escolhêra, se elles dous vinculassem os seus destinos. Elle via-a ao pe de si, cingia-lhe o braço em volta da cintura, enchia-lhe de beijos os cabellos, tudo isto em meio de uma paysagem unica na terra, porque a abundancia da natureza cresceria ao contacto daquelle sentimento puro, casto e eterno. Não fallo eu, leitor; transcrevo apenas e fielmente as imaginações do namorado; fixo nesta folha de papel os vãos que elle abria por esse espaço fóra, unica ventura que lhe era permittida.

No meio dessas visões foi accordal-o Luiz Alves.

— Tens razão de sentir, disse este; mas não gastes o coração, que ha maiores sorpresas na vida... Em todo o caso, deixa-me dizer-te que nenhuma razão tens de censura...



— Censuro eu alguém?

— Ha no amor um germen de odio que póde vir a desenvolver-se depois. Talvez chegues a accusa-la de te não querer; nesse dia reflecte que os movimentos do coração não estão nas mãos da vontade. Ella não tem culpa se outro lhe despertou o amor.

— Ah! incumbiu-te da defesa!

Luiz Alves sorriu; elle contava com a recriminação.

— Não, não me incumbiu da defesa, disse elle; sou eu que a tomo por minhas mãos. Que defendo eu aqui se não a natureza, a razão, a logica dos sentimentos, dura e inflexivel como toda a outra logica? Ha no fundo das tuas palavras um sentimento de egoismo. . .

— O amor não é outra cousa, respondeu Estevão sorrindo por sua vez. Queres que inda em cima lhe agradeça este desespêro? Queres que va apertar a mão ao homem que a soube vencer?

Luiz Alves mordeu a ponta do labio e acercou-se da janella. Quando ia a voltar para dentro, ouviu um rumor na janella ao pe, a primeira da casa da baroneza. Luiz Alves deu um passo mais. Não viu ninguem; viu apenas o resto de um vestido que fugia e um objecto que lhe cahia aos pes. Inclinou-se a apanhal-o. Era uma grande folha de papel envolvendo, para lhe dar mais peso, outra folha pequena dobrada em quarto. Luiz Alves ap-



proximou-se da luz, e leu rapidamente o que alli vinha escripto. Leu, metteu o papel na algibeira e encaminhou-se disfarçadamente para a janella. Ninguem ; a casa da bároneza dormia.

Quando voltou para dentro, Estevão tinha-se levantado. Elle víra cahir o papel, apanhal-o e lel-o Luiz Alves. Não entendeu nada do que se passára ; mas seu olhar como que pedia uma explicação.

Luiz Alves foi direito ao fim.

— Estevão, disse elle, vas saber a verdade toda ; não poderia occultar-te o que se ha passado, nem conviria talvez que tu a sobesses por boca de outrem. Guiomar podia amar-te, eras digno della, e ella digna de ti ; mas a natureza não os fez um para o outro. São duas almas excellentes que seriam infelizes unidas. Quem ha aqui que censurar ? Mas se a natureza explica o sentimento della, egualmente explica o de um terceiro, que sou eu. Tu confiaste-me as dores e as esperanças de teu coração ; era conhecer toda a minha amisade e a profunda estima que sempre te cansagrei. Mas nem tu nem eu contavamos commigo ; por que tambem eu tenho coração, e os prestigios da belleza tambem fallam á minha alma. Não a pude ver a frio. A paixão obscureceu-me. Nesta minha felicidade de amar e ser amado, acredita que sou alguma cousa infeliz, por que ha lagrymas tuas, ha o teu padecer longo e cruel, que



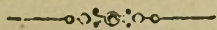
eu imagino e deploro. A confissão é franca; não te fallo em arrependimento, porque são actos do coração e não da consciencia, que essa é pura e honrada. E depois desta exposição fiel, cuido que lastimarás commigo o encontro em que o acaso ou a ma sorte nos reuniu a todos trez; mas não me accusarás nem me recusarás a tua velha estima. Fallo so da estima; a amisade, creio que não poderá ser a mesma. Mas presarás o meu character. Pela minha parté, nem uma nem outra cousa pe-rece; sei o que vales. Não sei aonde nos lançará a onda do destino amanhã. Pela ultima vez, porém, espero que apertarás a mão do teu amigo.

Luiz Alves concluira estendendo-lhe a mão. Estevão olhou para elle, com um olhar indefinivel de desdem e de odio; mas não disse uma so palavra, não fez um gesto unico: caminhou para a porta e sahiu.

— Estevão! gritou Luiz Alves.

Mas so lhe respondeu o rumor dospes que des-ciam; e pouco depois o do tilbury que rolava sur-damente na terra humida da praia.

Luiz Alves levantou seccamente os hombros; chegou-se á luz e releu o escripto.







The main body of the page is blank, showing the natural texture and color of the aged paper. There are some faint, illegible markings or ghosting of text visible, likely from the reverse side of the page or an adjacent page.

ma  
re  
Pe  
let  
alg  
na  
tr  
ao  
fle  
ven  
tan  
Eze  
que  
jul  
e a  
ao  
tir



## A carta

Não era preciso reler o papel para entendel-o; mas olhos amantes delicias-se com letras namoradas. O papel continha uma palavra unica: — *Peça-me*, — escripta no centro da folha, com uma lettra fina, elegante, feminina. Luiz Alves olhou algum tempo para o bilhete, primeiramente como namorado, depois como simples observador. A lettra não era tremula, mas parecia ter sido lançada ao papel em hora de commoção.

Desta observação passou Luiz Alves a uma reflexão muito natural. Aquelle bilhete, pouco conveniente em quaesquer outras circumstancias, estava justificado pela declaração que elle proprio fizera á moça alguns dias antes, quando lhe pediu que o conhecesse primeiro, e que no dia em que o julgasse digno de o tomar por esposo, elle a ouviria e acompanharia. Mas se isto era assim em relação ao bilhete, não o era em relação á hora. Que motivo obrigaria a moça a deitar-lhe da janella, á



meia noite, aquelle papel decisivo, eloquente na mesma sobriedade com que o escrevêra?

Luiz Alves concluiu que havia alguma razão urgente, e portanto, que era preciso acudir á situação com os meios da situação. Quanto á razão em si, não a pôde descobrir. Occorreu-lhe o facto, aliás patente, da côrte que o sobrinho da baroneza fazia a Guiomar; mas ignorava as circumtâncias que lhe eram relativas e não pôde passar além.

Não direi que Luiz Alves gastasse a noite a cavar fundo no terreno das conjecturas vagas. Não era homem que perdesse tempo em cousas inúteis; e nada mais inutil naquella occasião do que tentar explicar o que nenhuma explicação podia ter para elle. O que resolveu foi obedecer ao recado da moça; pedi-la sem hesitação nem preambulo. Mas se o caso lhe não produziu insomnia, não deixou de lhe estender a vigilia, além da hora usual, como era de geito naquella occasião solemne, sobretudo tratando-se de creatura que por aquelles tempos era a inveja e a 'cobiça de muitos olhos. Luiz Alves não era, como Estevão, um adoravel scismador; não se nutria de imaginações e devaneios, alimento que funde pouco ou nada; mas scismou algum tempo, embebeu-se uma hora na contemplação ideal da mulher que elle soubera escolher. O somno chegou, e o devaneio confundiu-se com o sonho.



Guiomar dormiria tão repousadamente como elle ? Dormia ; a noite, porém, fora-lhe muito mais agitada e amarga, como era natural depois da declaração de Jorge e das insinuações da madrinha.

A moça recolhera-se ao quarto, logo depois da declaração. As pessoas da casa nada puderam ler-lhe no rosto, salvo a pallidez repentina e o rubor que se lhe seguiu ; mas, logo que ella se achou so, deu toda a expansão aos sentimentos que até alli pudera conter.

O primeiro delles era o despeito ; Guiomar sentia-se humilhada com aquella declaração, assim feita, de emboscada e sobresalto, para arrancar-se-lhe um consentimento que o coração e a indole repelliam. Nenhuma consulta, nenhuma autorisação prévia ; parecia-lhe que a tratavam como ente absolutamente passivo, sem vontade nem eleição propria, destinado a satisfazer caprichos alheios. As palavras da madrinha desmentiam ésta supposição ; mas, a notícia que ella tinha da resolução da baroneza, neste negocio, diminuia muito o valor de taes palavras. Se era uma campanha, como dissera Mrs. Oswald, queriam constrangel-a com apparencias de moderação ; e o tempo que lhe deixavam para reflectir era-o realmente para considerar, sosinha comsigo, na necessidade de pagar os beneficios que recebêra.

Não a accusem de ter feito éstas reflexões, logo



que entrou no quarto, com os olhos scintillantes e os labios frios de colera. Eram naturaes; primeiramente porque suppunha que o seu casamento com Jorge estava deliberado e se realisaria, quaesquer que fossem as circumstâncias; depois, porque a alma della era melindrosa; não esquecia os beneficios recebidos, mas quizera que lh'os não lembrassem por meio de uma violencia: fazel-o, era o mesmo que lançar-lh'os em rosto.

— Não! murmurava emfim a moça, forçar-me, reduzir-me á condição de simples serva, nunca!

Mas ésta colera apaziguou-se; e o coração venceu o coração. Guiomar recordou a constante ternura da baroneza para com ella, a solitudine com que lhe satisfazia os seus menores desejos, que eram alli ordens, e não combinava tamanho amor com a supposta violencia que lhe queria fazer. Não tardou em arrepende-se das palavras incoherentes que lhe haviam fugido, e dos sentimentos maus que attribuira ao coração da baroneza. Cruzou as mãos no peito e ergueu o pensamento ao ceu, como a pedir-lhe perdão. Guiomar, em meio das seduccões da vida, que tantas eram para ella e de todo lhe levavam os olhos, não perdêra o sentimento religioso, nem esquecêra o que lhe havia ensinado a fé ingenua e pura de sua mãe.

A colera acabára, mas veio depois a luta entre a gratidão e o amor, — entre o noivo que lhe pro-



punha a afeição da madrinha e o que o seu proprio coração escolhêra. Ella nem ousava tirar as esperanças á baroneza, nem immolar as suas proprias, — e uma de duas cousas era preciso que fizesse naquella solemne occasião. O que sentiu e pensou foi longo e cruel; mas se tal duello podia travar-se-lhe na alma, não era duvidoso o resultado. O resultado devia ser um. A vontade e a ambição, quando verdadeiramente dominam, podem lutar com outros sentimentos, mas hão de sempre vencer, por que ellas são as armas do forte, e a victoria é dos fortes. Guiomar tinha de decidir por um dos dous homens que lhe propunha o seu destino; elegeu o que lhe fallava ao coração.

A resposta porém não podia a moça demoral-a nem esquivar-a; não convinha, talvez, prolongar a luta e a dúvida. Quando isto pensou, veio-lhe ao espirito uma ideia decisiva, a de confessar tudo á madrinha. Hesitou, porém, entre fazel-o ella propria ou por boca de Luiz Alves, cujas palavras, apontadas acima, trazia escriptas na memoria. Preferia este meio; mas não lhe bastava preferil-o, era mister realisal-o, e para isso so dous modos tinha, escrever-lhe ou fallar-lhe. O segundo podia não ser tão prompto, e talvez lhe falhasse occasião apropriada; adoptou o primeiro, e recuou logo. A carta seria mandada por um famulo, mas o espirito de Guiomar era a tal ponto sobre si que repelliu se-



melhante intervenção. A janella estava aberta; d'ali viu luz na sala de Luiz Alves e a sombra do moço, que passeava de um lado para outro. Occorreu-lhe então a ideia que poz por obra, conforme ficou dito no capítulo anterior.

Tal é a história daquella palavra escripta rapidamente n'uma folha de papel. Apesar da declaração de Luiz Alves e das circunstâncias em que a moça se achou, o leitor facilmente comprehenderá que ella não a escreveu sem pelear comsigo mesma, sem vacillar muito entre a repugnancia e a necessidade. Afinal foram vencidos os escrúpulos, que é tanta vez o seu destino delles, e fôrça é dizer que não os vencem nunca de graça, porque elles fallam, arrazoam, obstam o mais que podem, mas é vulgar passarem-lhes por cima. A moça, entretanto, apenas lançára a carta, arrependeu-se; sua dignidade teve remorsos; a consciencia quasi a acusava de uma acção vil. Era tarde; a carta chegára a seu destino.

Na manhã seguinte, a baroneza acordou mais alegre que de costume. Cuidára ver em Guiomar, na noite anterior, alguma cousa que so lhe pareceu enleio natural da situação. Guiomar erguera-se tarde; a manhã estava chuvosa e a madrinha não deu o seu passeio. A moça foi beijar-lhe a mão e a face, como costumava, e receber della o osculo materno. O rosto parecia cansado, mas um veu de



affectedada alegria disfarçava-lhe a expressão natural, á semelhança das posturas de toucador, de maneira que a baroneza, pouco ledora de physionomias, não discerniu naquella a verdade da impostura. Impostura, digo eu, devendo entender-se que é honesta e recta, porque a intenção da moça não era mais do que não amargurar a madrinha, e tirar-lhe motivo a qualquer afflicção antecipada.

— Dormiu bem a minha rainha de Inglaterra? perguntou Mrs. Oswald, pondo-lhe familiarmente as mãos nos hombros.

— A sua rainha de Inglaterra não tem coroa, respondeu Guiomar com um sorriso contrafeito.

Pela volta do meio dia, recebeu a baroneza uma carta de Luiz Alves. Abriu-a e leu-a. O advogado pedia-lhe a mão de Guiomar. Poucas linhas, corteszes, simpleses, naturaes, feitas por quem parecia senhor da situação.

— Mrs. Oswald, disse a baroneza á sua dama de companhia que se achava na mesma sala, leia isto.

A ingleza obedeceu.

— Isto não quer dizer nada, observou ella depois de alguns instantes. E' um pretendente mais; devemos crer, porém, que são muitos, e que se os outros não lhe escrevem cartas destas, é por que são menos affoutos. A Sra. baroneza pensa que os



olhos de sua afilhada são innocentes? continuou a ingleza sorrindo. Eu cuido que devem estar carregados de crimes, e que ha mortos. . .

— Mas não ve, Mrs. Oswald, interrompeu a baroneza, que esse homem parece estar autorisado?

Mrs. Oswald calou-se como quem reflectia. Logo depois expoz uma serie de argumentos e considerações, se não graves em substância, pelo menos nas roupas com que ella os vestia, umas roupas seriamente britannicas, como as não talharia melhor a melhor thesoura da camara dos communs. Toda ella dava ares de um argumento vivo e sem réplica. Havia em seus cabellos, entre louro e branco, toda a rigidez de um syllogismo; cada narina parecia uma ponta de um dilemma. A conclusão de tudo é que nada estava perdido, e que a felicidade de Jorge era cousa não so possivel, mas até provavel, uma vez que a baroneza mostrasse, — era o essencial, — certa resolução do ânimo muito util e até indispensavel naquella occasião. Mrs. Oswald offerencia-se para ir chamar a moça immediatamente.

— Pois va, va, disse a baroneza.

A ingleza sahiu d'alli e foi ter com Guiomar. Quando a viu de longe compoz um sorriso, e Guiomar, vendo-a sorrir, sentiu como que um movimento interno de repulsa.



— Venho buscal-a, disse Mrs. Oswald, para uma cousa que a senhora está longe de imaginar.

Guiomar interrogou-a com olhos.

— Para casar!

— Casar! exclamou Guiomar sem comprehender a intensão da mensageira.

— Nada menos, respondeu esta. Admira-se não? Tambem eu; e sua madrinha egualmente. Mas ha quem tenha o mau gôsto de apaixonar-se por seus bellos olhos, e a affronta de a vir pedir, como se se pedissem as estrellas do ceu....

Guiomar comprehendeu de que se tratava. Olhou desdenhosamente para a ingleza, e disse em tom sêcco e breve:

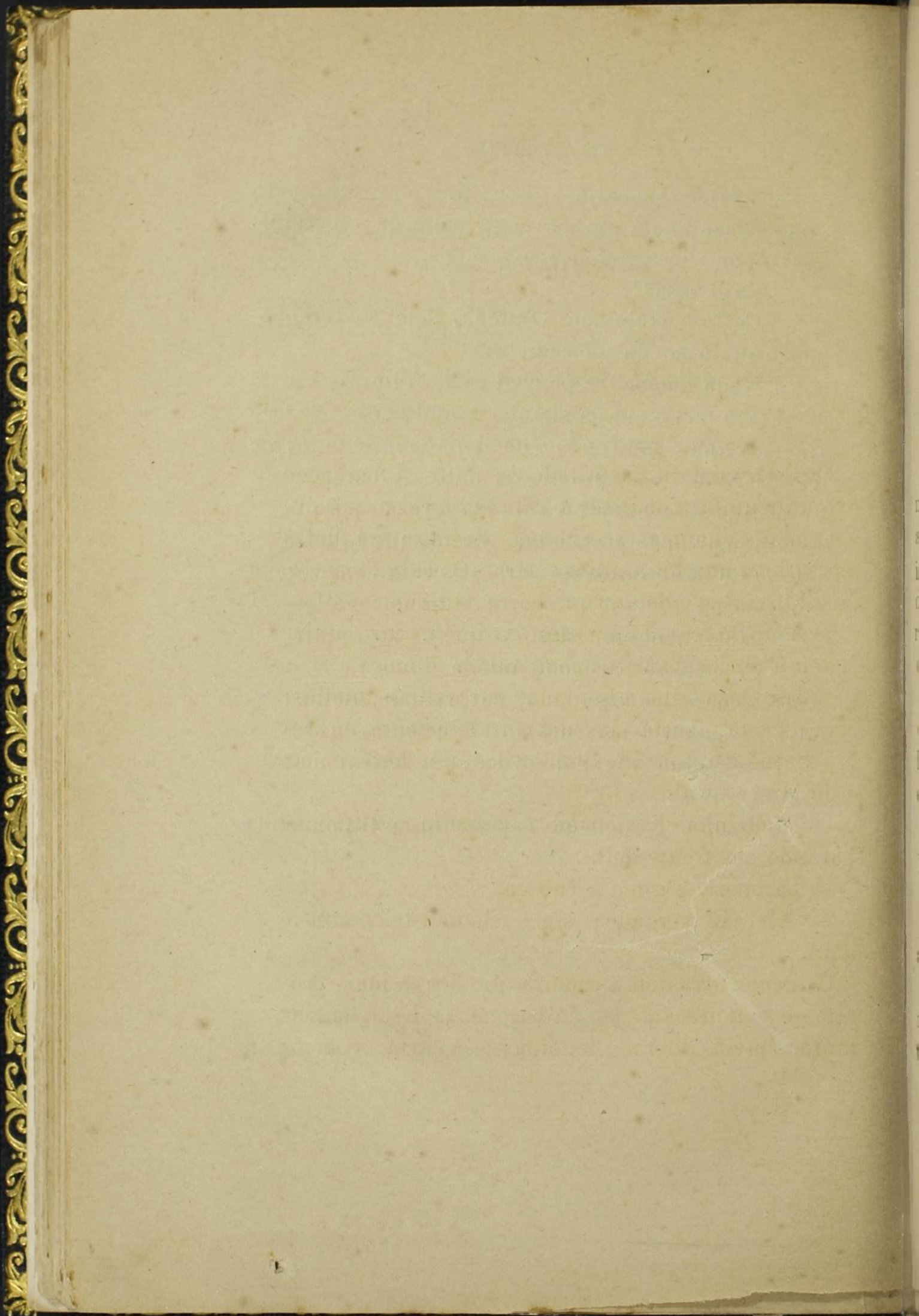
— Mas, conclua, Mrs. Oswald.

— A senhora baroneza manda chamal-a.

Guiomar dispoz-se a ir ter com a madrinha; Mrs Oswald fel-a parar um instante, e com a mais meliflua voz que possuia na escala da garganta, disse:

— Toda a felicidade desta casa está em suas mãos







## XVIII

### A escolha

Mrs. Oswald tinha fallado de mais. A baroneza não a incumbira de dizer á afilhada a razão porque a mandava chamar. Aconteceu, porém, que aquella indiscrição não foi a unica. Mrs. Oswald, em vez de esquivar-se e deixar que entre Guiomar e a baroneza fosse tratado o assumpto que as ia reunir, cedeu á curiosidade, e acompanhou a moça.

A baroneza estava sentada, entre duas janellas, com a carta aberta nas mãos, tão attenta em relê-la, que não ouviu o rumor dos pes de Guiomar e de Mrs. Oswald.

— Madrinha chamou-me ? perguntou Guiomar parando em frente della.

A baroneza ergueu a cabeça.

— Ah! E' verdade; sim; chamei-te. Senta-te aqui.

Guiomar arrastou a cadeira que ficava mais proxima e sentou-se ao pe da baroneza. Ésta, entretanto, havia dobrado lentamente a carta, com os



olhos no chão, como a procurar por onde começaria. Quando os levantou deu com a ingleza. Ia já a fallar, mas estacou. A affeição que lhe tinha não impediu que achasse demasiada familiaridade a presença de Mrs. Oswald em semelhante occasião. Esperou alguns instantes; mas como a ingleza parecesse inteiramente distrahida:

— Mrs. Oswald, disse a baroneza, va ver se já deram de comer aos passarinhos.

A ingleza percebeu que estes passarinhos, naquelle caso, eram uma pura metaphora, e que a baroneza nada mais fazia do que pedir-lhe delicadamente que se fôsse embora. Todavia, não se deu por achada.

— Parece-me que não, disse ella; vou já saber disso.

— Olhe, disse a baroneza quando ella já ia a meio caminho; encoste-me essas portas, e dê ordem para que ninguem nos interrompa.

A ingleza obedeceu e sahiu. A careta que fez ao sahir ninguem lh'a pôde ver, e não se perdeu nada, por que era feia e ma.

As duas ficaram sos.

— Senta-te aqui, Guiomar, disse a baroneza indicando um banquinho que lhe ficava aos pes.

Guiomar deixou a cadeira e foi sentar-se no banquinho, pousando amorosamente os braços nos joelhos da madrinha. Ésta cingiu-lhe a cabeça com



as mãos, e assim esteve longo tempo sem fallar, mas eloquente naquella mudez, em que a palavra pertencia ao coração. Ambas estavam commovidas; e Guiomar, de envolta com um suspiro, murmurou este unico e doce nome:

— Mamãe!

Era a primeira vez que ella lhe dava este nome; e tão fundo lhe calou na alma á baroneza, que a resposta foi cobril-a de beijos.

— Sim, tua mãe, disse a madrinha; a que te deu o ser não te amaria mais do que eu. Tens a alma e a ternura da filha que o ceu me levou, e se todas as mães que perdem filhos podessem substituil-os do mesmo modo, desapparecia do mundo a maior e mais cruel dor que ha nelle....

A resposta de Guiomar foi apertar-lhe as mãos e beijar-lh'as. Seguiu-se uma pausa, em que a commoção a pouco e pouco desappareceu, e a baroneza olhou para a carta de Luiz Alves, amarrotada pelo gesto de Guiomar.

— Guiomar, disse ella enfim, ja reflectiste no pedido de hontem á noite?

A moça esperava que a madrinha lhe fallasse no pedido de Luiz Alves; a pergunta da baroneza desnorteou-a um pouco. Sua intelligencia, porém, era clara e sagaz; a resposta foi outra pergunta:

— Uma noite sera bastante para decidir de todo o resto da vida? disse ella sorrindo.



— Tens razão, minha filha; mas a pergunta era natural da parte de quem quer ver realizado um desejo. Jorge pediu-te em casamento. Sabes que é um excellente character?

— Excellente, respondeu a moça.

— Uma boa alma, continuou a baroneza, e um moço distincto. Parece gostar muito de ti, segundo disse hontem, não? E' natural; so me admira que não te amem muitos mais.

A baroneza parou; Guiomar brincava com as franjas da manga sem se atrever a levantar os olhos.

— Deves saber, continuou a baroneza, — que eu estimaria se este casamento se effectuasse; estou convencida de que te faria feliz, e a elle tambem, pelo menos tanto quanto é possível julgar das cousas presentes... Que diz o teu coração?

E como Guiomar não respondesse logo:

— Ah! esquecia-me do que me disseste ha pouco. Uma noite não é bastante para decidir de todo o resto da vida. Bem; ouvir-me-has mais duas cousas. A primeira é que... Le tu mesma ésta carta.

A baroneza deu a carta a Guiomar, que a abriu e leu o pedido que Luiz Alves fazia de sua mão. Em quanto ella percorria com os olhos as poucas linhas escriptas, a madrinha parecia observa-la fixamente, como a tentar ler-lhe no rosto a impressão que o pedido lhe fazia, se espanto, se satisfação. Não



houve espanto nem satisfação apparente; Guiomar leu a carta e entregou-a á madrinha.

— Leste? E' a primeira cousa que eu queria dizer-te. O Dr. Luiz Alves pede-te em casamento; tens de escolher entre elle e Jorge. A segunda cousa é que dos dous pretendentes Jorge é o que meu coração prefere; mas não sou eu que me caso, es tu; escolhe com plena liberdade aquelle que te fallar ao coração.

Guiomar erigiu o busto e olhou directamente para a madrinha, com taes signaes de espanto no rosto, que ésta não poude deixar de lhe perguntar:

— Que tens?

A moça não respondeu; quero dizer não lhe respondeu com os labios; travou-lhe da mão e apertou-a entre as suas, e ficou a olhar para ella como a reflectir. A expressão de seu rosto passára do espanto á satisfação e desta a uma cousa que parecia a um tempo indignação e asco.

— Oh! madrinha! exclamou Guiomar, porque se não entenderam logo os nossos corações? Não havia mister pôr de permeio um espirito importuno e desconsolador. Se eu advinhára essas palavras que acabou de dizer, não teria padecido metade do que me fazem padecer ha longos dias...

— Padecer?

— Padecer; nada menos. Mas deixemos isso.



Foi o seu coração que fallou e o meu que ouviu; posso agora dizer-lhe francamente o que sinto, sem receio de a affligir.

Não precisava dizer mais nada; a escolha que ella ia fazer estava ja indicada pelo menos. Entendeu-o a baroneza, que fechou o rosto e suspirou. A afilhada ouviu-lhe o suspiro, e percebeu a tristeza subita; arrependeu-se de ter ido tão longe.

— Percebo, respondeu a baroneza, queres dizer que dos dous pretendentes escolhes o Dr. Luiz Alves?

A moça conservou-se calada; a madrinha olhava para ella com uma expressão de anciedade que a affligiu.

— Falla, repetiu a baroneza.

— Escolho... o Sr. Jorge, suspirou Guiomar depois de alguns instantes.

A baroneza estremeceu.

— Fallas serio? Não creio; não é esse o sentimento do teu coração. Ve-se que não é. Queres illudir-me e a ti tambem. Percebo que o não amas; não o amaste nunca. Mas amas ao outro, não é? Que tem isso? Não me dá o prazer que eu teria se... Que importa, se fores feliz? A tua felicidade está acima das minhas preferencias. Era um sonho meu; desejava-o com todas as fôrças; faria o que pudesse para alcançal-o; mas não se violenta o coração, — um coração, sobretudo, como o teu! Escolhes o outro? Pois casarás com elle.



Ve o leitor que a palavra esperada, a palavra que a moça sentia vir-lhe do coração aos labios e querer rompê-los, não foi ella quem a proferiu, foi a madrinha; e se leu attento o que precede verá que era isso mesmo o que ella desejava. Mas porque o nome de Jorge lhe roçou os labios? A moça não queria illudir a baroneza, mas traduzir-lhe infelizmente a voz de seu coração, para que a madrinha conferisse, por si mesma, a traducção com o original. Havia nisto um pouco de meio indirecto, de tactica, de affectação, estou quasi a dizer de hypocrisia, se não tomassem á ma parte o vocabulo. Havia; mas isto mesmo lhes dira que ésta Guiomar, sem perder as excellencias de seu coração, era do barro commum de que Deus fez a nossa pouco sincera humanidade; e lhes dira tambem que, apesar de seus verdes annos, ella comprehendia ja que as apparencias de um sacrificio valem mais, muita vez, do que o proprio sacrificio.

A baroneza acabára de fallar. A alegria do rosto de Guiomar confirmou a sua primeira impressão, e se a escolha era contrária ao que ella desejava, a satisfação da afilhada pagou-lhe tudo quanto ella ia perder. Era assim aquella alma de mãe; boa, dedicada e generosa.

— Oh! madrinha! obrigada! exclamou a moça. Não me fica odiando?



— Oh! exclamou a baroneza com um tom de reprehensão.

E puxou-a para si, e abraçou-a com amor. Guiomar correspondeu ao movimento, e as duas confundiram as suas alegrias íntimas e afeições sinceras.

Mrs. Oswald viu-as dahi a pouco, risonhas e entendidas. Era facil concluir qual dos dous pretendentes vencêra; Guiomar não receberia de tão boa cara o sobrinho da baroneza. Tudo estava acabado; e talvez que a sua propria pessoa padecêra naquelle lance ultimo. A baroneza pedira a Guiomar que lhe explicasse a que padecimentos alludira; mas a moça preferiu não dizer nada, não so por não affligir a madrinha, como por não dar um aspecto de rivalidade á situação entre ella e Mrs. Oswald.

A escolha estava feita, o consentimento dado. A baroneza respondeu nessa mesma tarde ao pretendente feliz. Estevão teria manifestado ruidosamente toda a alegria que semelhante resposta lhe causára; sua alma apixorada e exuberante contaria a Deus e aos homens aquella immensa fortuna; Luiz Alves encerrou o prazer, aliás grande, dentro de si; pensou na moça e no futuro alguns instantes, mas não fallou delles a ninguem.

A baroneza escreveu nesse mesmo dia ao sobrinho, communicando-lhe a resposta de Guiomar. Os leitores não terão difficuldade de admittir que



o coração de Jorge não sentiu o golpe profundamente; mas sentiu alguma cousa. Não foi nessa noite á casa da tia; não foi também na segunda; na terceira chegou a descer as escadas; na quarta embicou para Botafogo.

— Tudo está acabado, disse-lhe a tia verdadeiramente sentida.

— Acabado! suspirou Jorge.

— Agora, é preciso ânimo; espero que seras homem.

— Oh! serei homem! suspirou outra vez Jorge.

E dous suspiros, arrancados do peito de um homem tão grave, deviam ser por fôrça dous suspiros gravissimos, como facilmente acredita o leitor.

Effectivamente a physionomia do moço não tinha abatimento nem afflicção; não a amarrotava o menor vestigio de noite mal dormida, menos ainda de lagrymas enxutas. Alegre não era; mas grave e austera, como elle a trazia sempre, a contrastar com o retezado do bigode.

A baroneza imaginou comtudo que a dor do sobrinho devia te-lo mortificado muito; apertou-lhe as mãos com ternura e disse-lhe ainda algumas palavras de animação.

Imagine-se o que seria o primeiro encontro de Jorge com Guiomar. A moça estava serena, talvez risonha e até compassiva. Se tivesse de casar com elle odiara-o de certo; agora ja lhe perdoava o



amor. Jorge pela sua parte não deixou de ficar um tanto abalado, em parte commoção, em parte constrangimento, sendo porém o constrangimento maior do que a commoção. No labios pairou-lhe um desses sorrisos, em que o olhar penetrante do povo ou a sua imaginação pintoresca descobriu a côr amarella. Se outro fosse o aspecto, é provavel que ella lhe conservasse ao menos o respeito. Mas aquelle sorriso perdeu-o de todo no ânimo de Guiomar.

Na primeira occasião que se lhe offereceu, expandio-se Jorge com Mrs. Oswald.

— Perdeu-se tudo. . . murmurou elle.

A ingleza não respondeu.

Jorge continuou ainda a fallar, e a ingleza e ouvir, mas a ouvir so, e a querer divertil-o daquelle assumpto.

— Tudo se perdeu, disse emfim o sobrinho da baroneza, talvez por culpa sua.

— Minha? perguntou Mrs. Oswald.

— Sua.

— Mas. . .

Jorge hesitou um instante.

— Não mostrou calor sufficiente, disse elle emfim.

— Que quer? disse Mrs. Oswald. O coração não se póde dominar, nem ha meio de impor-lhe um sentimento. D. Guiomar é uma santa creatura,



ama devéras ao seu rival; ha nada mais justo do que casa-los?

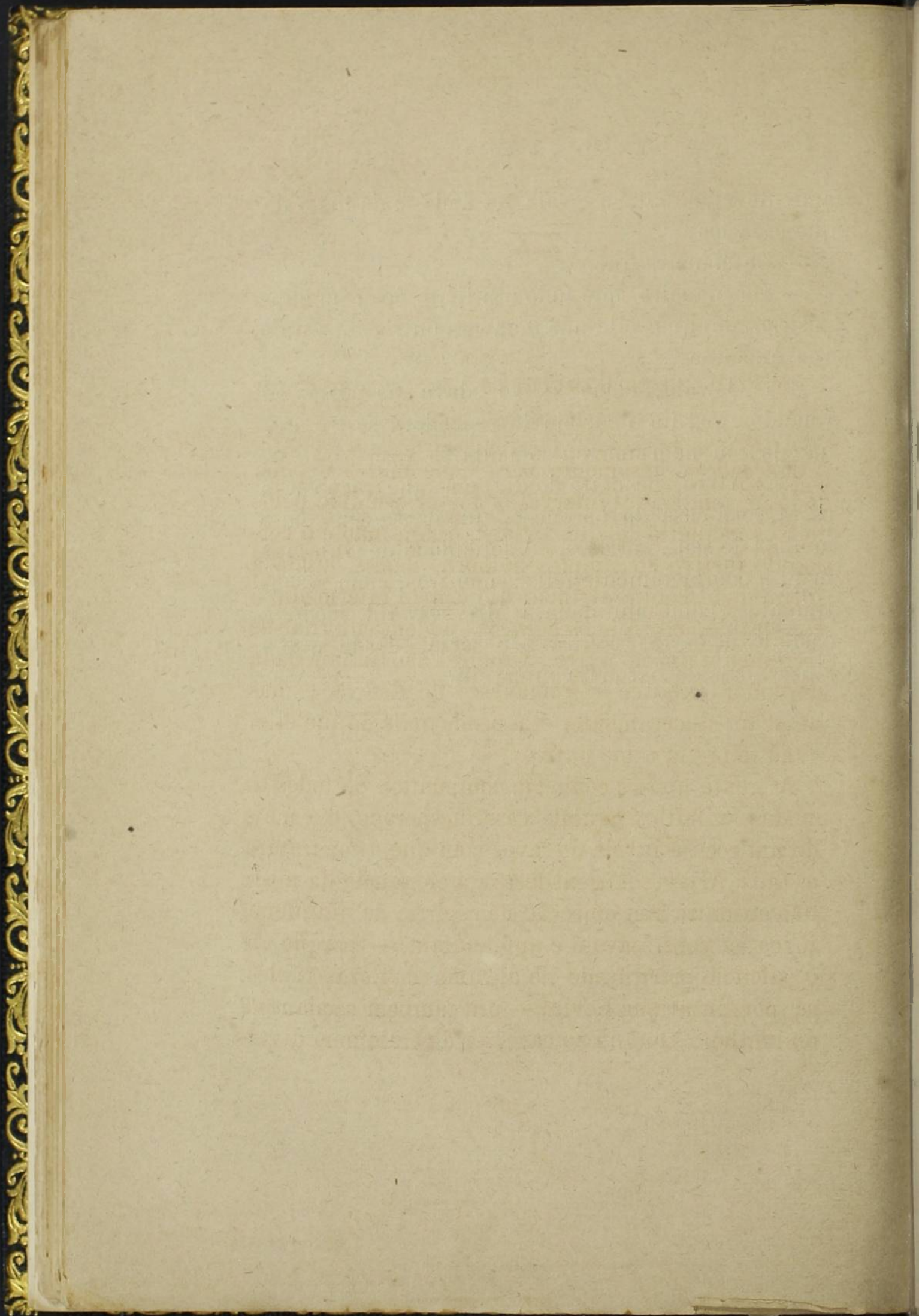
— De maneira que. . .

— De maneira que tudo era licito fazer na supposição de que ella não amava a outro, mas uma vez que ama. . .

Mrs. Oswald, como se ve, dava as costas ao vencido e seguia o cortejo do vencedor; sestro que não nasceu nem morreu com ella.

Luiz Alves, na noite do dia em que recebeu a carta, foi á casa da baroneza, que o recebeu com o melhor de seus sorrisos. A felicidade de Guiomar fazia-a completamente feliz; nem iras, nem resentimentos, como annunciára Mrs. Oswald. Todo o castello de cartas cahíra por terra, desde que a sinceridade da baroneza interveiu.







## XIX

### Conclusão

Marcado o casamento para dous mezes depois, todo o tempo de intervallo foi despendido pelos noivos naquelle deleitoso viver, que ja não é o colloquio furtivo do simples namôro, nem é ainda a intimidade conjugal, mas um estado intermedio e consentido, em que os corações podem entornar-se livremente um no outro. Aquelles não tinham nada do amor extatico e romanesco de Estevão; mas amavam sinceramente, ella ainda mais do que elle, e tão feliz um como outro.

A gente que os conhecia commentou de todos os modos e feitios aquelle caso inesperado, e a mais de um roeu a inveja do favor com que o ceu tratára a Luiz Alves. A gentileza e a elegancia da moça não encontravam objecção no espirito de ninguem; todos as confessavam e applaudiam, — porque até o silêncio mortificado de algumas bellezas rivaes, se porventura as havia, — era tambem applauso e do melhor. Quanto ao character de Guiomar, diver-



giam muito as apreciações ; e um dia, em que Luiz Alves lhe contava uns trechos de conversa ouvidos a furto, e de que era objecto a noiva, ella pareceu reflectir longo tempo, e emfim respondeu :

— Não admira que haja tanta opinião differente ; é natural, porque nunca vulgarisei o meu espirito. Entretanto, a opinião dos outros importa-me pouco ; eu quizera saber a sua.

— A minha é que é um anjo.

Guiomar fez um gesto gracioso de enfado, como quem não esperava aquelle comprimento velho e commum, aliás eternamente, novo, — porque não ha outro mais prompto e mais bello nas nossas linguas christãs. O noivo sorriu, mas nada lhe disse, e todavia podia dizer-lhe alguma cousa, — aquillo, pelo menos, que o leitor lhe ouviu n'um dos capitulos anteriores.

— Se não sabe o que sou, — continuou Guíomar, — eu mesmo o direi, para que se não case comigo assim de emboscada, e não lhe aconteça unir-se a um demonio, suppondo que é um anjo. . .

— Um demonio ! exclamou Luiz Alves rindo.

— Nem mais nem menos, retrucou ella rindo tambem. Saiba pois que sou muito senhora da minha vontade, mas pouco amiga de a exprimir ; quero que me adivinhem e obedeçam ; sou tambem um pouco altiva, ás vezes caprichosa, e por cima



de tudo isto tenho um coração exigente. Veja se é possível encontrar tanto defeito junto.

Luiz Alves respondeu que eram tudo qualidades excellentes, e esteve quasi a dizer que lhe faltava mencionar ainda outra, que era a fundamental de todas; preferiu alludir a ella depois do casamento.

O casamento effectuou-se, no dia marcado, com as solemnidades do estylo. A manhã daquelle dia traxava um manto de neblina cerrada, que o nosso inverno lhe poz aos hombros, como para resguardal-a do rigor benigno da temperatura, manto que ella sacudiu dalli a nada, afim de se mostrar qual era, uma deliciosa e fresca manhã fluminense. Não tardou que o sol batesse de chapa nas aguas tranquillas e azues, e nessas collinas onde o verde natural ia alternado com a alvura das habitações humanas. Vento nenhum; apenas uma aragem, branda e fresca, que parecia o último respirar da noite ja remota, e que so a trechos agitava as folhas do arvoredos.

A chacara naquelle dia era a mesma que nos outros; mas Guiomar achou-lhe um aspecto novo e melhor, uma como expansão divina que animava as cousas em redor della. Toda a alma feliz é pantheista; parece-lhe que Deus lhe sorri de dentro da flor que desabrocha, do fundo da agua que serpeia murmurando, e até de envolta com o cipo humilde e rustico, ou no seixo bronco e despresado



do chão. Era assim a alma de Guiomar naquella manhã. Nunca as arvores, as flores, a gramma rasteira lhe pareceram mais vecejantes; o sentimento interno hauria aquella vida exterior, do mesmo modo que o pulmão bebia o puro ar matinal.

De envolta com essas sensações communs a toda a alma, havia ainda as que eram della, — della, que via alli o seu último sol de moça solteira e contemplava por antecipação a aurora nova, o dia longo e feliz de suas férvidas ambições. Neste ponto despia a sua fantazia as azas de folha agreste, com que andára a pairar no meio daquella vegetação, para envergar outras de seda e brocado, e voar sabe Deus a que sitios de grandeza humana.

O acaso quiz que naquella manhã vestisse o mesmo roupão com que Estevão a víra do outro lado da cêrca, e trouxesse no collo e nos pulsos o mesmo broche e os mesmos botões de saphira. Não tinha o livro; mas, em falta desta circumstância, havia outra, que era a mesma daquella celebre manhã, havia uns olhos que do outro lado da cêrca a espreitavam namorados. Não eram, porém, os mesmos; eram os do noivo, com quem ella foi encontrar os seus; — e o mais doloroso de tudo é que nem a cêrca, nem os demais accessorios, nada lhe lembrou o outro homem que morria por ella. A



felicidade é isto mesmo; raro lhe sobra memoria para as dores alheias.

Não menos alegre do que ella parecia a baroneza. naquelle dia. De longe em longe surgia-lhe na memoria a ideia do sobrinho, mas ja não havia tristeza de não ter effectuado o casamento, como desejára; tão leve foi o golpe em Jorge e tão indifferente andava elle, que a boa senhora comprehendeu que o amor, se existira, não era grande, e sobretudo não perdurou; a ideia de que isto mesmo podia acontecer-lhe ao cabo de seis semanas de casado, fel-a dar graças a Deus do nenhum exito de seus planos.

Mrs. Oswald egualmente se mostrava feliz, — talvez ainda mais, porque era-o apparatusamente, como se quizesse resgatar as passadas culpas. Guiomar entendia a intenção latente das manifestações ruidosas com que ella andava a felicital-a e bajula-la; mas o dia não era de rancores nem de resentimentos, e ella recebia sorrindo as cortezanices da ingleza.

O casamento fez-se, emfim. As lagrymas que a baroneza derramou, quando viu Guiomar ligada para sempre, foram as mais bellas joias que lhe podia dar. Nenhuma mãe as verteu mais sinceras; e, seja dito em honra de Guiomar, nenhuma filha as recebeu mais dentro do coração.

Na noite do casamento, quem olhasse para o



lado do mar, veria pouco distante dos grupos de curiosos, attrahidos pela festa de uma casa grande e rica, um vulto de homem sentado sôbre uma lagea que acaso topára alli. Quem está affeito a ler romances, e leu ésta narrativa desde o começo, suppõe logo que esse homem podia ser Estevão. Era elle. Talvez o leitor, em lance identico, fôsse refugiar-se em sítio tão remoto, que mal podesse acompanhá-lo a lembrança do passado. A alma de Estevão sentiu uma necessidade cruel e singular, o gôsto de revolver o ferro na ferida, uma cousa a que chamaremos — voluptuosidade da dor, em falta de melhor denominação. E foi para alli, contemplar com os indifferentes e ociosos aquella casa onde reinava o goso e a vida, e naquella hora que lhe afundava o passado e o futuro de que vivêra. Não o retinha a constancia do stoico; pela face emmagrecida e pallida lhe corriam as lagrymas derradeiras, e o coração, colhendo as fôrças que lhe restavam, batia-lhe forte na arca do peito.

Defronte d'elle refulgia de todas as suas luzes a mansão afortunada; detraz batia a onda lenta e melancolica, e via-se o fundo da enseada, escuro e triste. Ésta disposição do logar servia ao plano que elle concebêra, e era nada menos do que matar-se alli mesmo, quando ja não pudesse soffrer a dor, especie de vingança última que queria tomar



dos que o faziam padecer tanto, complicando-lhes a felicidade com um remorso.

Mas este plano não podia realizar-se, pela razão de que era mais um devaneio, que se lhe dissipou como os outros. A frouxidão do ânimo negou-lhe essa última ambição. Seus olhos podiam fitar a morte, como podiam encarar a fortuna; mas faltavam-lhe os meios de caminhar a ella. Esteve alli, pois, até o fim; e em vez de mergulhar na agua e no nada, como delineára, regressou tristemente para casa, tropego como um ebrio, deixando alli a sua mocidade toda, porque a que levava era uma cousa descolorida e sêcca, esteril e morta. Os annos passaram depois, e á medida que vinham, ia-se Estevão afundando no mar vasto e escuro da multidão anonyma. Seu nome, que não passára da lembrança dos amigos, ahi mesmo morreu, quando a fortuna o distanceou delles. Se elle ainda vegeta em algum recanto da capital, ou se acabou em alguma villa do interior, ignora-se.

O destino não devia mentir nem mentiu á ambição de Luiz Alves. Guiomar acertára; era aquelle o homem forte. Um mez depois de casados, como elles estivessem a conversar do que conversam os recém-casados, que é de si mesmos, e a relembrar a curta campanha do namôro, Guiomar confessou ao marido que naquella occasião lhe conhecêra todo o poder da sua vontade.



— Vi que voce era homem resolutto, disse a moça a Luiz Alves, que, assentado, a escutava.

— Resolutto e ambicioso, ampliou Luiz Alves sorrindo; voce deve ter percebido que sou uma e outra cousa.

— A ambição não é defeito.

— Pelo contrario, é virtude; eu sinto que a tenho, e que heide faze-la vingar. Não me fio so na mocidade e na fôrça moral; fio-me tambem em voce, que hade ser para mim uma fôrça nova.

— Oh! sim! exclamou Guiomar

E com um modo gracioso continuou:

— Mas que me dá voce em paga? um logar na camara? uma pasta de ministro?

— O lustre do meu nome, respondeu elle.

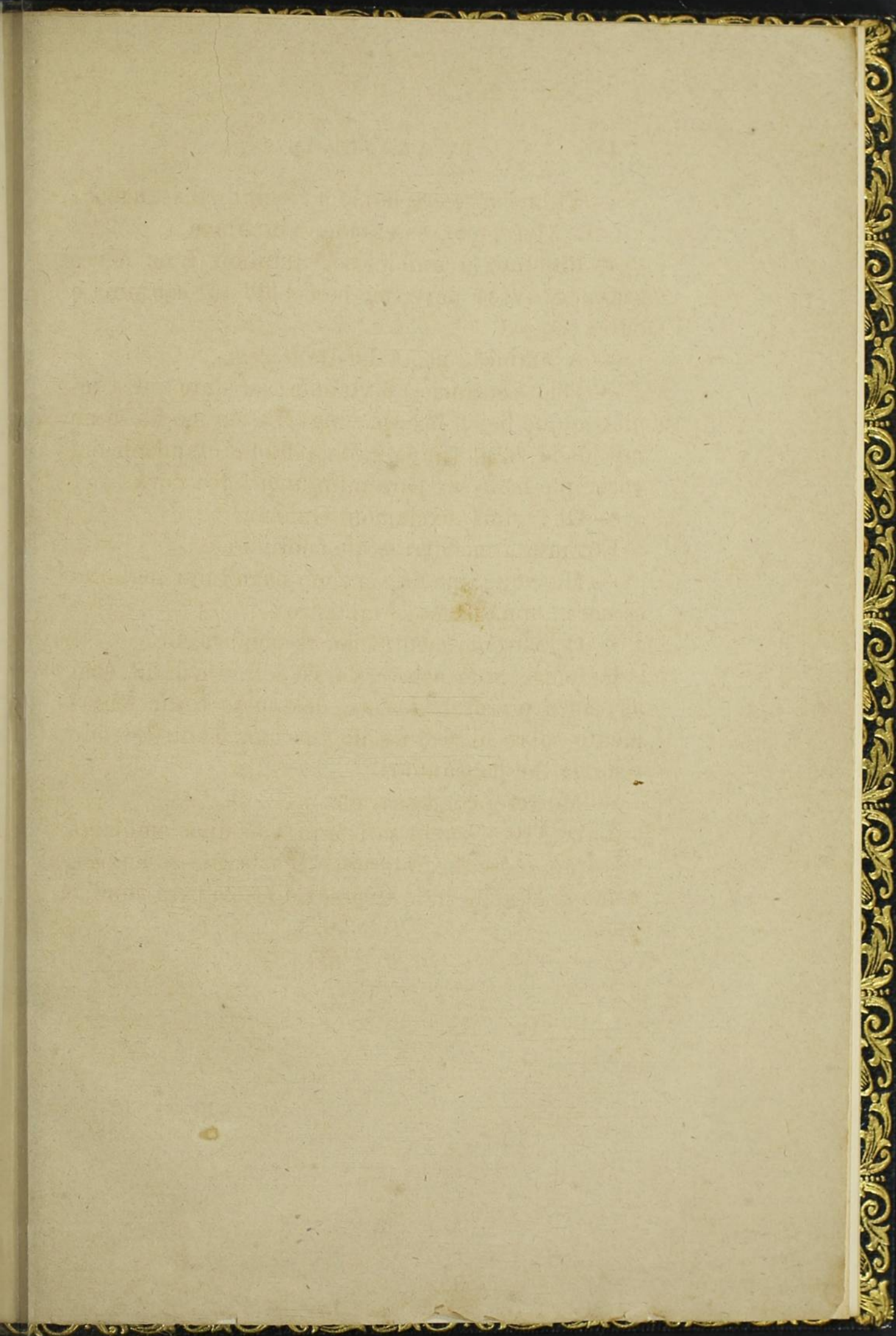
Guiomar, que estava de pe defronte d'elle, com as mãos prezas nas suas, deixou-se cahir lentamente sobre os joelhos do marido, e entre séria e risonha lhe perguntou:

— Morrerei condessa, não é?

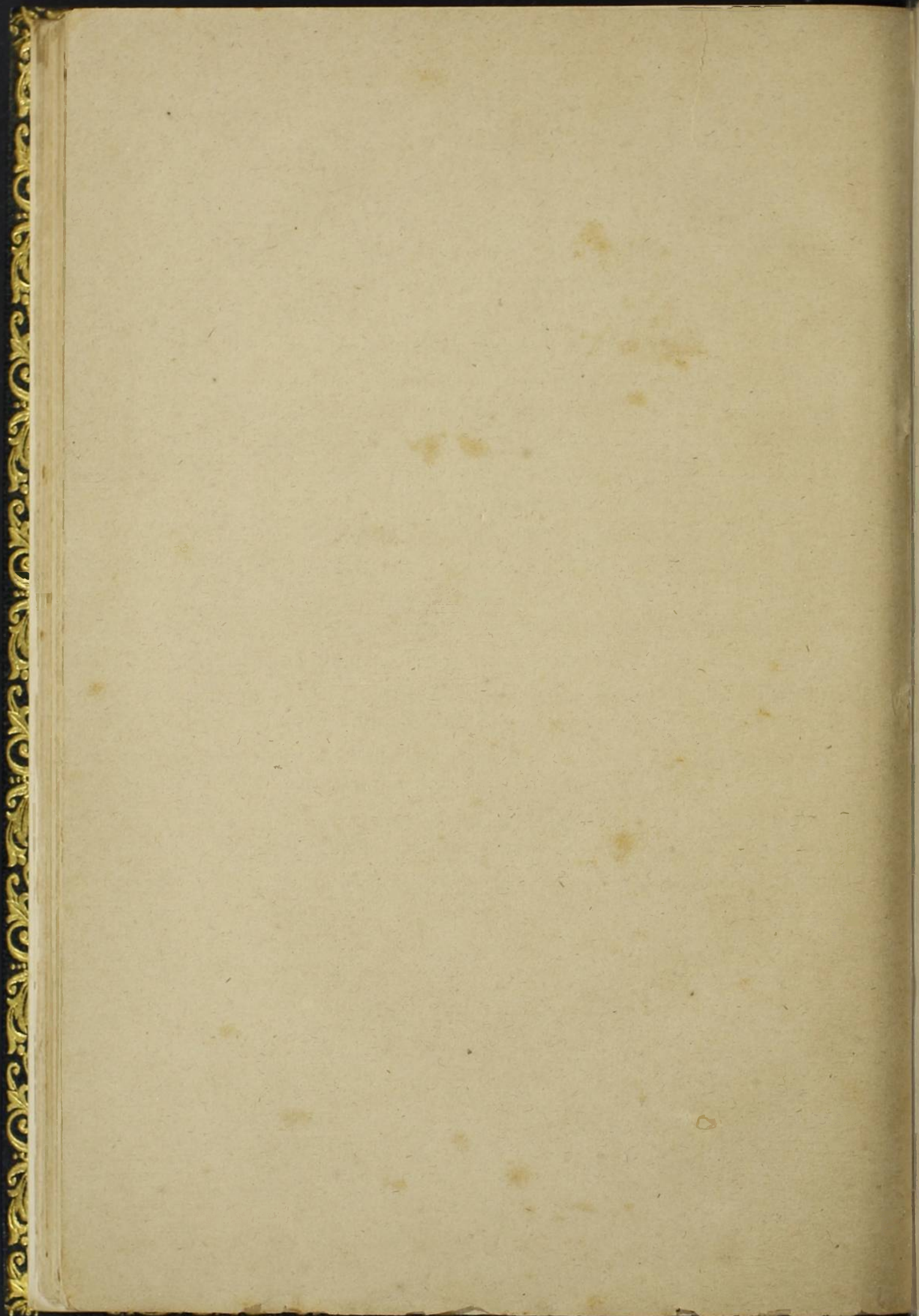
Luiz Alves sorriu satisfeito, e as duas ambições trocaram o ósculo fraternal. Ajustavam-se ambas, como se aquella luva tivesse sido feita para aquella mão.

FIM

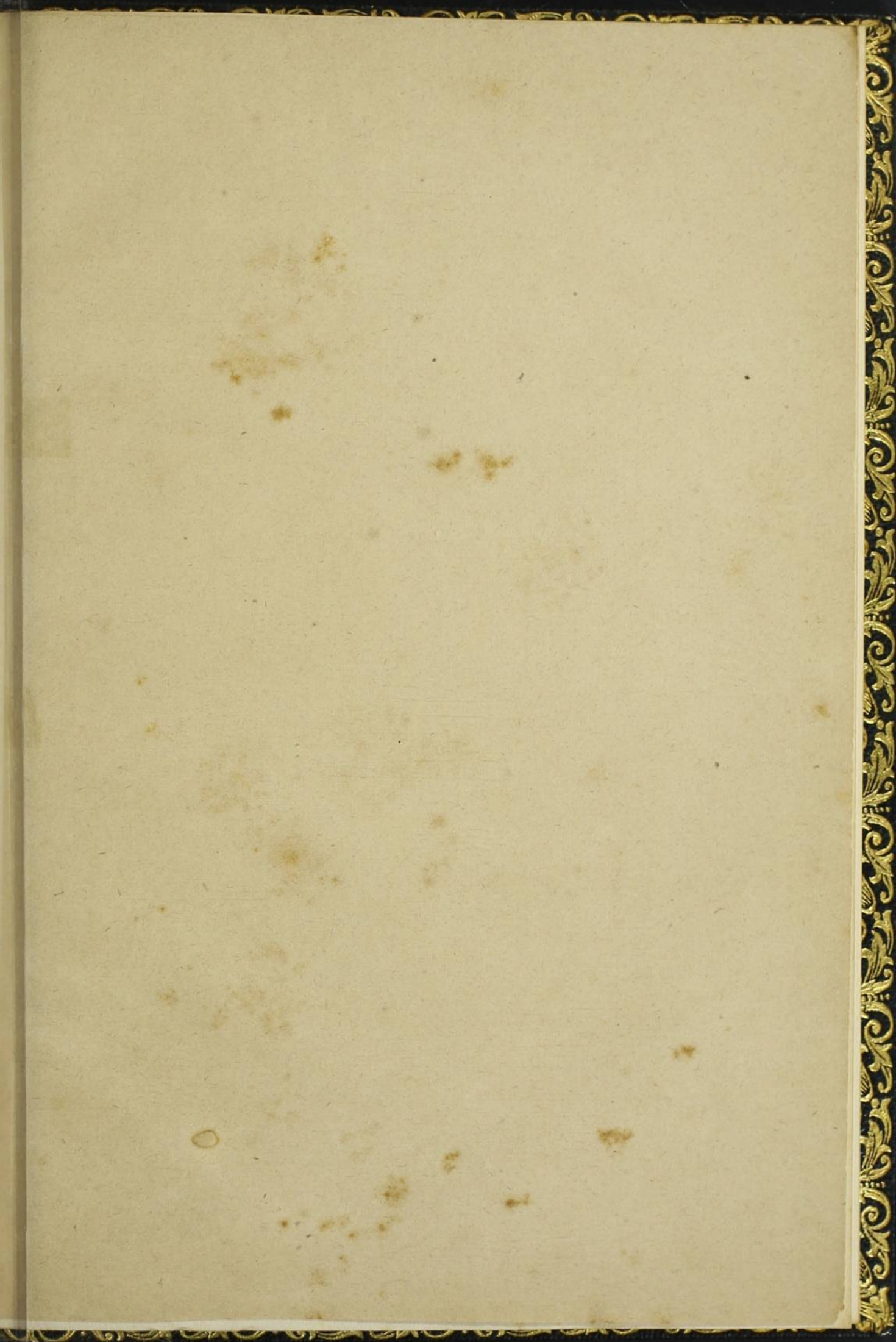




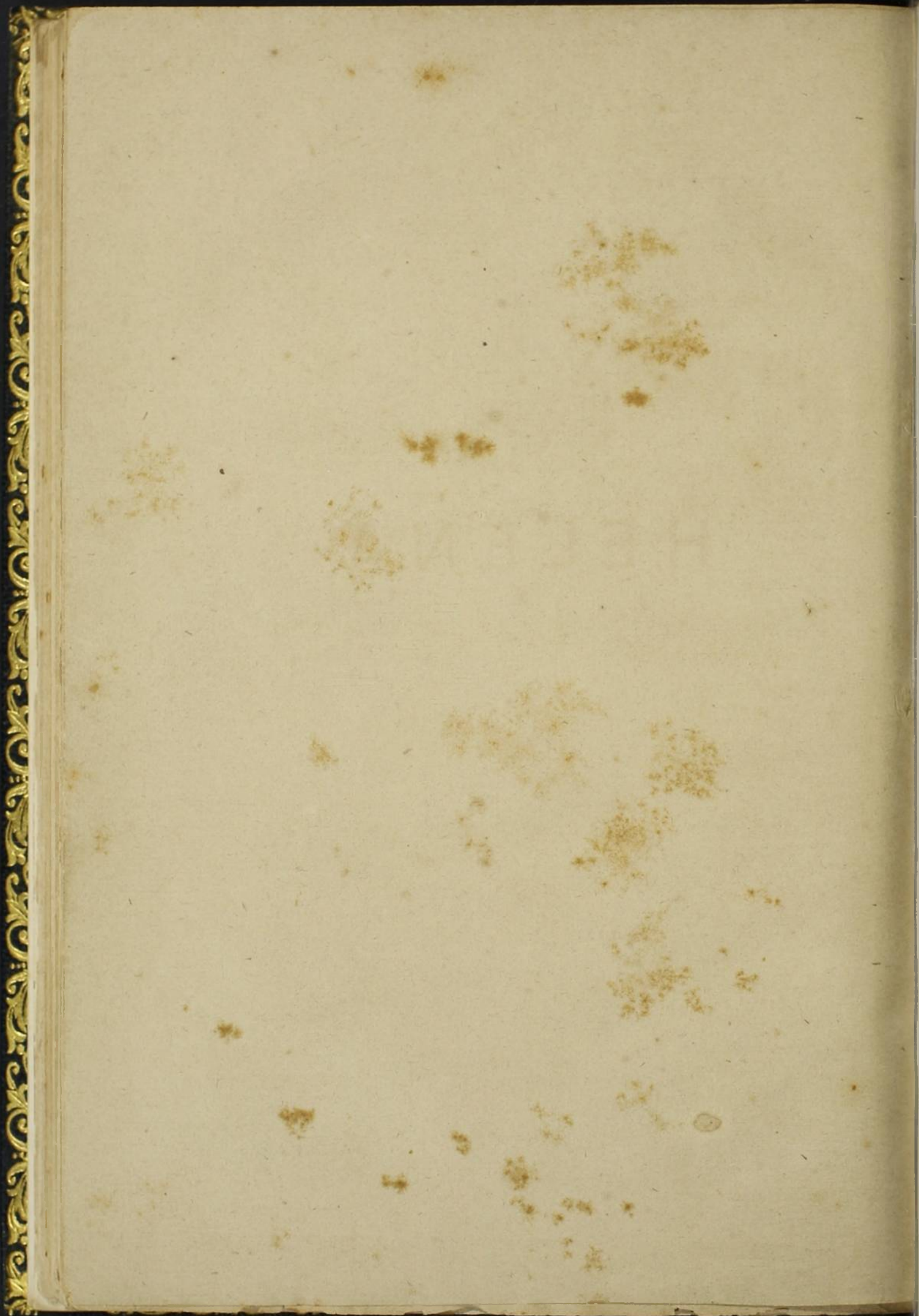




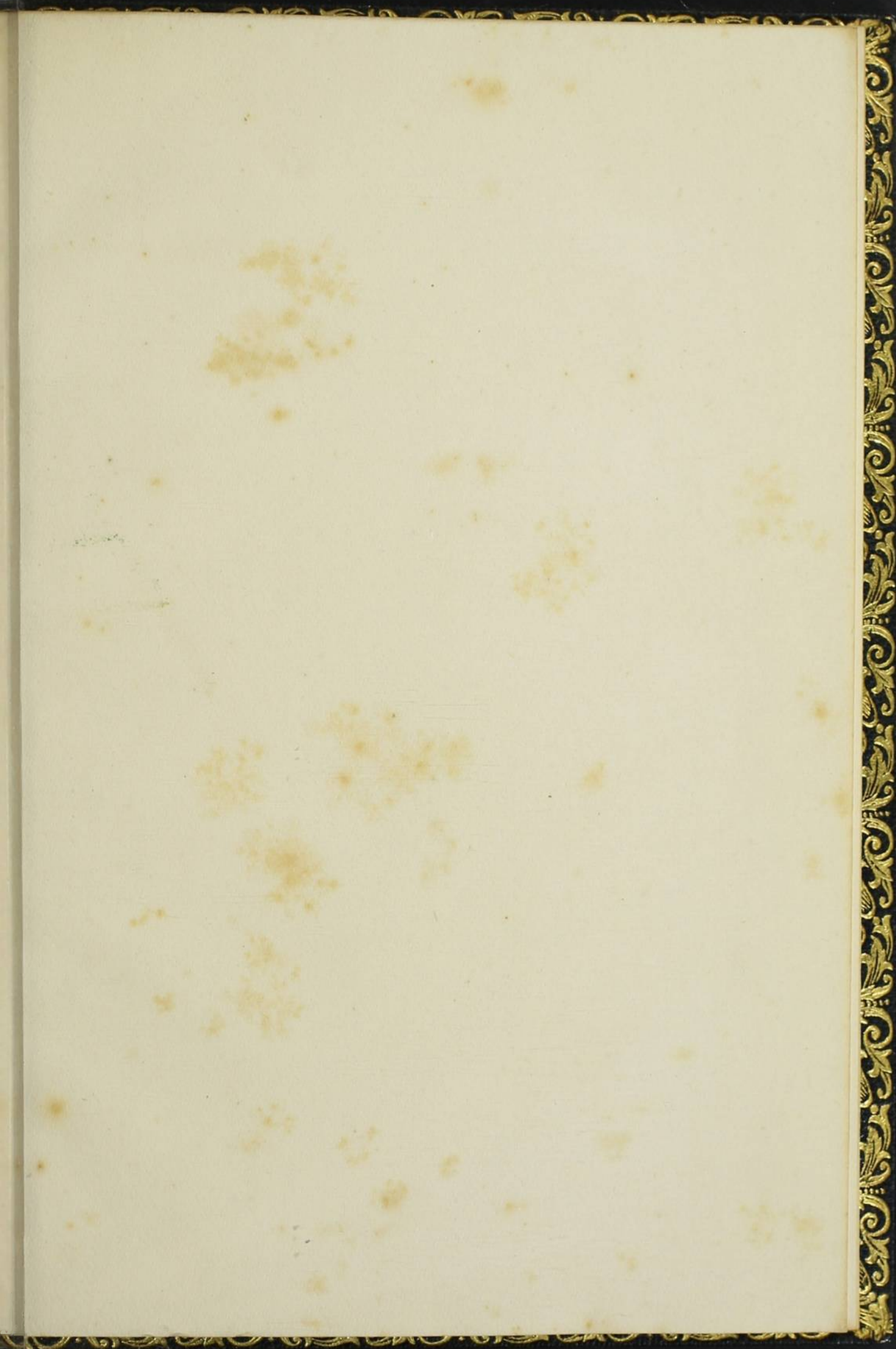




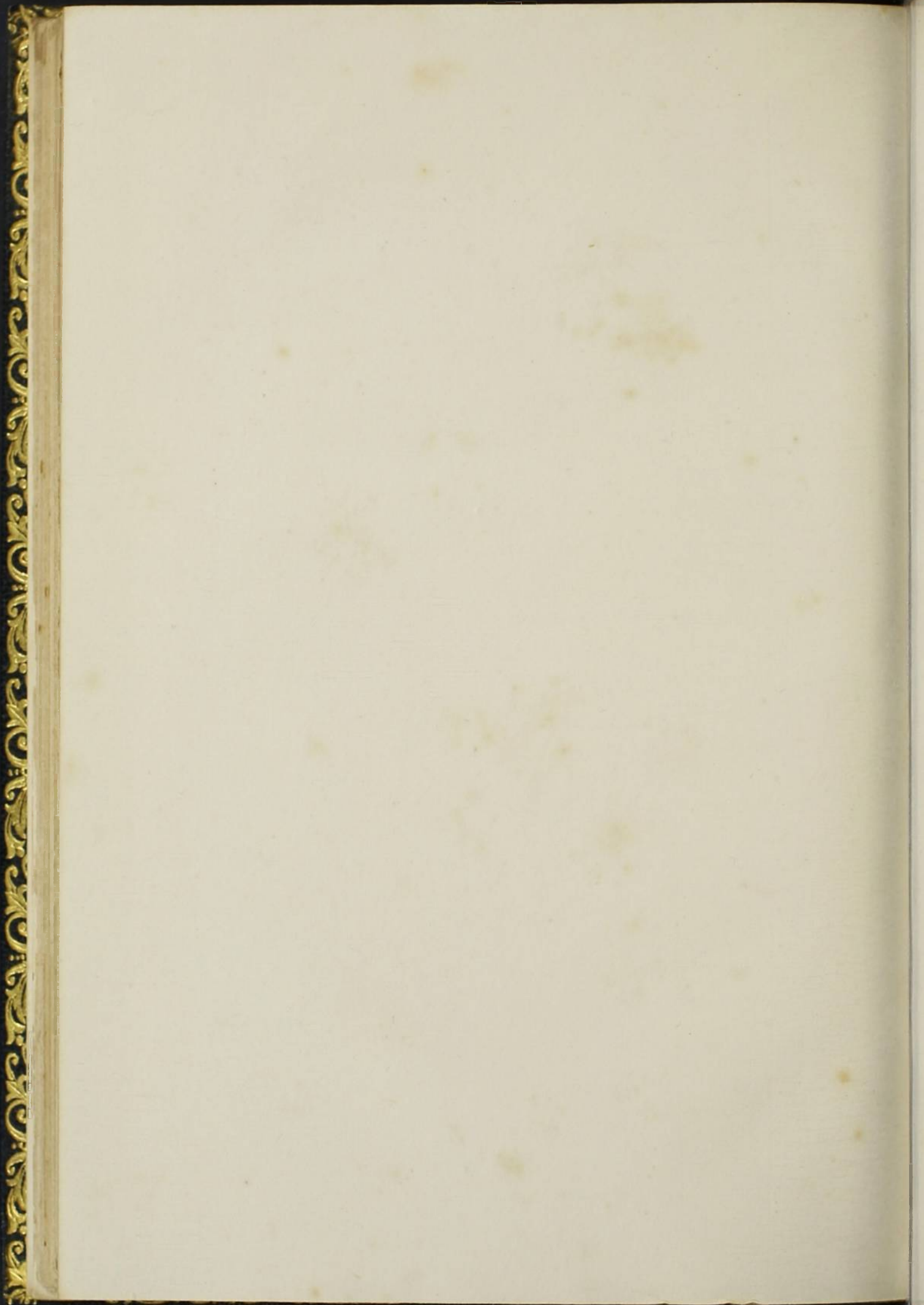




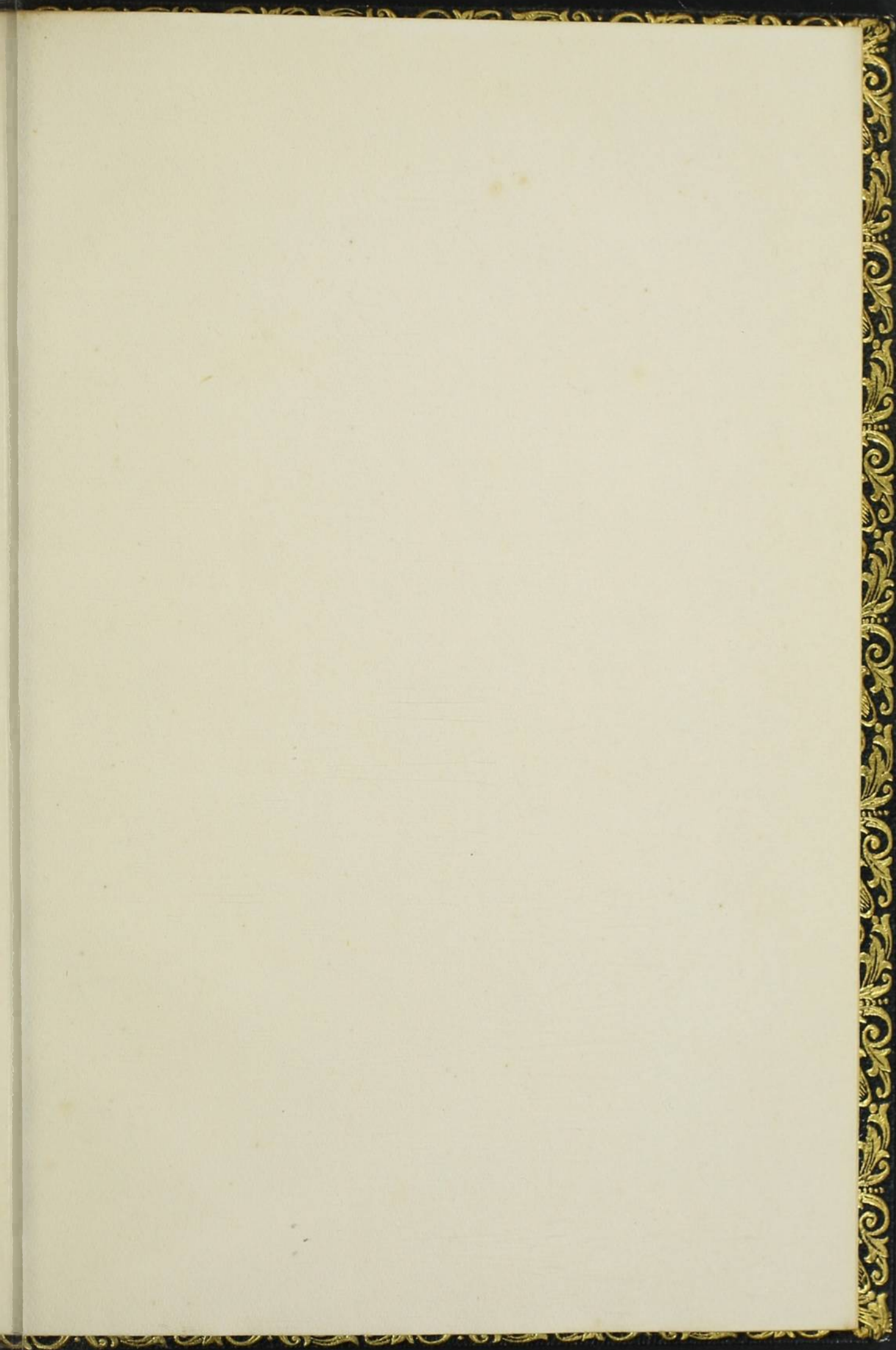








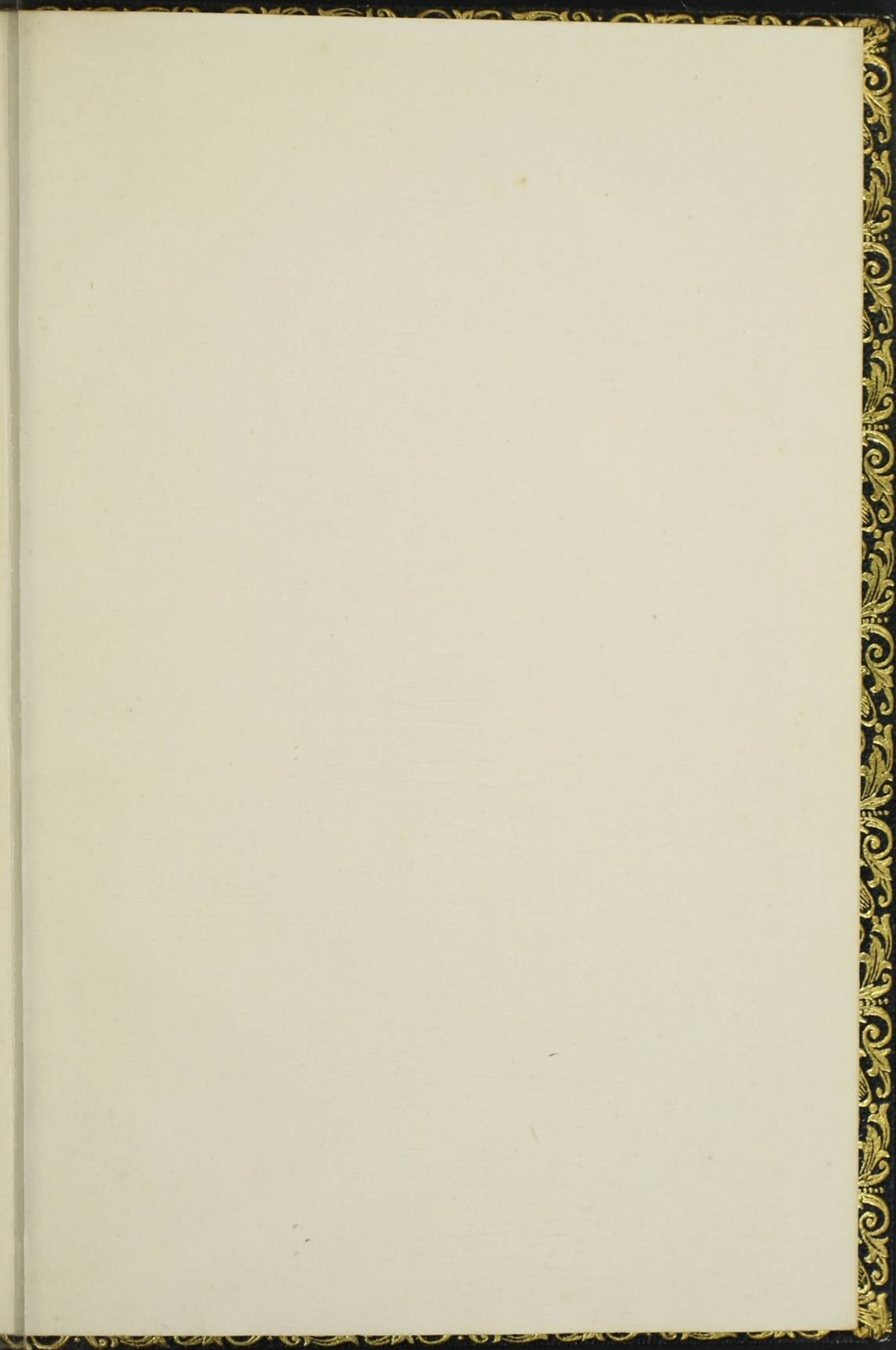














18571



